



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SEBASTIÁN FRANCISCO LUPERA VALENCIA

**AS RELAÇÕES DE PODER E AS FORMAS DE
SUBJETIVIDADE COMO DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA DE
ESTUDANTES LATINO-AMERICANOS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

Londrina
2019

SEBASTIÁN FRANCISCO LUPERA VALENCIA

**AS RELAÇÕES DE PODER E AS FORMAS DE
SUBJETIVIDADE COMO DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA DE
ESTUDANTES LATINO-AMERICANOS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina-UEL como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Profa. Dra. Adriana Vinholi Rampazo

Londrina
2019

SEBASTIÁN FRANCISCO LUPERA VALENCIA

**AS RELAÇÕES DE PODER E AS FORMAS DE SUBJETIVIDADE
COMO DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES LATINO-
AMERICANOS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina-UEL como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Adriana Vinholi
Rampazo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rafael Borim-de-Souza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Josiane Silva de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Londrina, 12 de novembro de 2019.

Dedico este trabalho para minha família, que sem seu apoio incondicional a travessia teria sido mais árdua. O logro é de todos nós, e Deus a todo momento de nosso lado.

AGRADECIMENTOS

O mestrado para mim foi uma experiência valiosa demais em muitos aspectos, primeiramente estudar fora do meu país que foi um sonho que tive desde minha adolescência; tive a oportunidade de melhorar a língua portuguesa que sempre tive interesse de conhecer; receber aulas com professores de um nível acadêmico que faziam me arrepiar o corpo inteiro pela sua alta capacidade intelectual e a exigência que colocaram em nós; pude conhecer a maravilhosa cultura brasileira e seu fascinante país, e viver experiências que vou levar pela vida toda. No entanto, o que fez desta experiência inesquecível são as pessoas que conheci no caminho:

Agradeço infinitamente aos amigos que fiz fora da faculdade, que foram a companhia perfeita para curtir tudo o que o Brasil oferece, para me distrair do estresse da faculdade e para me ensinar o divertido que pode ser um cafezinho com amigos. Flavia Fernandez e Fábio Turi que são como família agora; Tiago, Vitor, Rebeca, Luís e Álvaro, amigos que sem importar o tempo e a distância vamos manter contato; Ângela, Fabinho, Diego (e família), Eder, Bruna I, Bruna II, e Edison são pessoas que sempre vou levar no meu coração.

Agradeço meus amigos da faculdade que fizeram das aulas mais divertidas e que acompanharam todo o processo da minha dissertação: Ana, Juliano, Barbara, Isa e Claudio. Sem vocês o mestrado não teria sido assim de gostoso. Muito importante reconhecer a ajuda e paciência da minha orientadora, Adriana Rampazo e professores como Rafael, Luciano e Sonia que mudaram a minha forma de entender a vida acadêmica. A colaboração da minha banca foi muito importante para encaixar e focar tantas ideias em uma dissertação só. Por fim, agradeço à UEL pela oportunidade de ter me deixado participar do programa Mestrado em Administração e compartilhar o espaço onde a ciência se torna uma aventura.

Finalmente, e não por isso o menos importante, minha família. Agradeço meus pais que na distância faziam me sentir em casa, o apoio e o bom senso deles me ajudaram a manter a calma em momentos de dificuldade, meus irmãos que são o reflexo de persistência, luta e boa disposição, me deram a força para me manter firme e chegar até o final, e Joaquin, meu sobrinho, o fruto do amor que irradia minha família. Amo vocês com tudo meu coração.

From the idea that the self is not given to us, I think there is only one practical consequence: we have to create ourselves as a work of art.

Foucault (1982, p. 351)

VALENCIA, Sebastian Francisco Lupera. **As Relações de Poder e as Formas de Subjetividade como Dimensões da Experiência de Estudantes Latino-Americanos na Universidade Estadual de Londrina**. 107 f. Defesa de Dissertação do Programa de Pós Graduação em Administração – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

A experiência é a oportunidade de visar um novo horizonte na cotidianidade da vida, possibilita aos indivíduos enxergar novos conhecimentos, novas visões do mundo e novas chances de se produzir como sujeitos. Baseado neste entendimento da experiência, o presente trabalho pretendeu compreender a experiência de estudantes latino-americanos matriculados em cursos de pós graduação – stricto sensu – na Universidade Estadual de Londrina através do programa de bolsas da Organização dos Estados Americanos. Empregou-se como recurso teórico as relações de poder e a subjetividade na visão de Foucault, as quais permitem entender como nós nos constituímos como sujeitos em relação ao nosso contato com o meio social num contexto histórico. Os sujeitos de estudo foram entrevistados por meio dum roteiro de entrevista com a metodologia história de vida pelo interesse em conhecer sua realidade, antes, durante e depois de terminar seu programa de estudo. Os dados coletados foram interpretados mediante a análise de narrativa pelo cunho qualitativo da pesquisa e pela possibilidade da recreação e recapitulação da realidade dos entrevistados para essa pesquisa. Relatos que permitiram asseverar como a experiência que eles vivenciaram transformou sua subjetividade e tornou eles sujeitos diferentes na interação com a sociedade brasileira, e todas as dimensões que fazem parte da sua forma de viver. Evidenciou-se a mudança dos sujeitos de estudo na forma de como eles se descobrem, se concebem e se avaliam como sujeitos novos, com um olhar distinto carregado de valores e significados reelaborados, mas também se percebeu como os discursos dos sujeitos estão carregados de preconceitos e estereótipos que funcionaram como filtro na sua percepção do outro, o qual demonstra a complexidade para mudar certos aprendizados que estão bem consolidados nos sujeitos. Conclui-se que a experiência é a porta para o descobrimento do desconhecido e a possibilidade de se transformar ou de se reafirmar como sujeito e a forma de entender sua realidade entorno do outro.

Palavras-chave: Experiência. Subjetividade. Jogos de Poder. Estrangeiros.

VALENCIA, Sebastian Francisco Lupera. **Power Relations and Subjectivity Forms as Dimensions of the Experience of Latin American Students at the State University of Londrina.** 107 pp. Dissertation Defense of the PostGraduate Program in Administration - State University of Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

Experience is the opportunity to seek a new horizon in the daily life, enables individuals to see new knowledge, new world views and new chances to produce themselves as subjects. Based on this understanding of experience, this paper aims to comprehend the experience of latin american students enrolled in postgraduate courses - stricto sensu - at State University of Londrina through the Organization of American States scholarship program. Power relations and subjectivity in Foucault's view were used as theoretical resources, which allow us to understand how we constitute ourselves as subjects in relation to our contact with the social environment in a historical context. The study subjects were interviewed through an interview script with the life history methodology for the interest in knowing their reality before, during and after finishing their study program. The data collected were interpreted by narrative analysis by the qualitative nature of the research and the possibility of recreation and recapitulation of the reality of the interviewees for this research. Reports that allowed us to assert how their experience transformed their subjectivity and made them different subjects in the interaction with brazilian society, and all the dimensions that are part of their way of living. It was evidenced the change of the study subjects in the way they discover, conceive and evaluate themselves as new subjects, with a different look loaded with re-elaborated values and meanings, but it was also noticed how the subjects' discourses are loaded with prejudices and stereotypes that acted as a filter in their perception of the other, which demonstrates the complexity to change certain learning that is well established in the subjects. It is concluded that experience is the door to the discovery of the unknown and the possibility of transforming or reaffirming oneself as a subject and the way of understanding one's reality around the other.

Keywords: Experience. Subjectivity. Power Games. Foreigners.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Paradigmas, metáforas e escolas relacionadas de análise.....	40
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OEA	Organização dos Estados Americanos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 A EXPERIÊNCIA EM FOUCAULT	16
2.2 A SUBJETIVIDADE.....	27
2.3 O PODER E O SABER NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E DA EXPERIÊNCIA.....	31
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 POSICIONAMENTO EPISTEMOLÓGICO	38
3.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	45
4 ANÁLISE DE DADOS.....	56
4.1 CULTURA.....	60
4.2 RELAÇÕES DE PODER	72
4.3 EXPERIÊNCIA E PRODUÇÃO DO SUJEITO	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICE.....	109
Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista	110

1 INTRODUÇÃO

Brasil, um país onde a palavra “esquisito” significa “estranho“, e não “delicioso” como utilizei durante toda minha vida quando experimentava uma comida gostosa; um país onde se participa da comemoração de um aniversariante desconhecido dentro de um restaurante em que todos ao teu ao redor cantam o “parabéns” em voz alta, batendo palmas como se tivesse sido programado com antecipação. Esses momentos me fizeram perceber que tinha começado uma nova aventura em minha vida, fora do meu lugar de origem, o Equador. Dei início a uma vida na qual eu poderia chamar de “um mundo” distinto ao qual estava acostumado. Apesar de ser latino-americano, estava em um lugar muito diferente. Há um distanciamento cultural entre os outros países da América Latina e o Brasil. Falamos outra língua, temos outro tipo de alimentação, outro tipo de música, costumes diferentes, enfim, a distância cultural entre o Brasil e os outros países da América Latina é maior e mais notória. Quanto ao assunto, BERNHEIM (2007, p. 3):

[...] reconhece que ainda nas diferenças que existem entre os nossos países, que podem ser abismais, na atualidade não pode se negar a existência da América Latina como entidade, nem as possibilidades que envolve sua unidade essencial. Não é válido aceitar sua existência como uma simples ficção.

Ou seja, a conformação de uma identidade latino-americana única é ilusória em razão das diversas diferenças culturais entre nossos países. Não obstante, existe uma construção ideológica e social amparada em um passado, pautada em uma história de abusos e resistência, que envolve demandas de reconhecimento de território e de existência que nos torna parte de um todo.

Partindo desse entendimento, começou uma aventura onde o diferente iria formar parte de cada vivência nova. O contexto racial, econômico, étnico, político, a distância e proporção cultural, seriam parte dos distintos componentes de subjetividade para promover uma transformação do eu como sujeito. Uma aventura que somente o tempo me permitiu compreender que no decorrer dessa experiência ocorreram mudanças importantes em mim. Tais mudanças resultaram em um Sebastián antes do Brasil e um Sebastián depois do Brasil. Sobretudo, em aspectos abstratos, somente minha experiência permitiu produzir um novo Sebastián.

Mas a que se deve tal transformação? Quais foram os elementos que se apresentaram no decorrer do meu mestrado no Brasil que permitiram o surgimento um novo Sebastián? Quais elementos que eu não teria encontrado em meu próprio país? E quais durante este tempo causaram tantas mudanças em mim?

Antes de responder essas perguntas, é importante ressaltar que cheguei ao Brasil por meio de um programa de desenvolvimento profissional oferecido pela Organização dos Estados Americanos (OEA), que seleciona candidatos de países latino-americanos com graduação para programas de Mestrado e Doutorado em Universidades Federais e Estaduais brasileiras. O estudante selecionado chega ao Brasil com ajuda de um manual que explica os primeiros requerimentos, como matrícula na universidade, conta do banco, solicitação de CPF (Cadastro de Pessoa Física), dentre outras exigências que são outorgadas pelo departamento de relações internacionais da universidade selecionada. Ademais, o estudante tem direito à uma bolsa concedida pelo governo brasileiro, concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para seu sustento pessoal durante o programa de estudos.

Ao chegar ao Brasil me deparei com o idioma, que por um lado pode parecer semelhante ao espanhol, já que são parte de um subgrupo das línguas latinas, mas ainda assim mantém grandes diferenças no que tange aos significados, à pronúncia e à estrutura da língua escrita. Ao tentar me comunicar para coisas comuns – como pegar um taxi, pagar a conta do restaurante ou perguntar o endereço de qualquer lugar – comecei a sentir a diferença do comportamento das pessoas comigo, pois o sotaque do estrangeiro te delata logo ao pronunciar a primeira palavra e, imediatamente, você é etiquetado na palavra “gringo”.

No Brasil, a palavra “gringo” tem a conotação de uma pessoa estrangeira. Segundo Blanchette (2001), o termo gringo não é pejorativo no Brasil e é utilizada para se referir a qualquer estrangeiro. Foi assim como me fizeram sentir: uma pessoa que não pertence ao país. E não de maneira negativa. Cabe ressaltar que a palavra “gringo” também está ligada à imagem da pessoa, a traços que mostram características provenientes de outro país. Nesse sentido, não é possível generalizar essa definição para todo estrangeiro, pois faz parte de um estereótipo construído socialmente.

O termo “gringo” acabou por me trazer vantagens, uma vez que me foi dada uma atenção especial. Ser “gringo” fez com que as pessoas se esforçassem

para tirar minhas dúvidas e, em muitos casos, demonstrassem um interesse pelo meu modo de agir e expressar meus comentários, quase como uma fascinação, como um ser exótico.

Foucault (1988) explica que o poder não é algo que se adquira, se arrebatou ou se compartilhe, ele se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis. É possível entender que a condição de “gringo” na qual fui categorizado me trouxe vantagens que me permitiram me desenvolver mais facilmente nas relações com os brasileiros. Uma simples conversa na fila do banco, na sala de espera do cabeleireiro ou na academia termina, quase que inevitavelmente, em troca de contatos e amizades em redes sociais.

Esses e vários outros elementos relacionados aos costumes, crenças, símbolos e práticas sociais permitem demonstrar como por meio das experiências e dos processos de subjetivação as pessoas se constituem enquanto sujeitos. Assim como descreve Ibañez (2001), uma das maiores contribuições de Foucault foi a importância da descontinuidade. Por meio de sua teoria ele conseguiu instaurar ou institucionalizar um antes e um depois em qualquer objeto de estudo, no sentido de uma progressiva constituição de um novo estado das coisas e não de uma ruptura abrupta ou de um pulo radical de uma instância para a outra. Ou seja, no meu caso, a mudança foi a construção progressiva de um novo Sebastián por meio de cada vivência que experimentei durante o tempo dos meus estudos, em que cada elemento que fez parte da experiência contribuiu para criar novos saberes, novas perspectivas, novas maneiras de perceber o mundo e entender um pouco mais sobre a produção humana. Foucault (2012) expressa que essa mudança de perspectiva vem das relações entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência.

Depois de ter me colocado como exemplo nessa introdução, me questiono sobre a experiência dos outros estrangeiros latino-americanos que realizaram o mesmo programa, uma vez que a perspectiva de cada um pode variar significativamente na assimilação de elementos que tenham se apresentado em suas experiências. Portanto, considero relevante entender essas diferentes perspectivas de experiências. Propus, então, a seguinte pergunta de pesquisa: **Como se constituem as experiências dos estudantes latino-americanos que fizeram cursos de pós-graduação na UEL?**

A partir dessa pergunta pretendeu-se cumprir com o seguinte objetivo de pesquisa: Compreender a experiência dos estudantes latino-americanos

matriculados em cursos de pós-graduação - stricto sensu - na Universidade Estadual de Londrina.

O caminho que me permitiu chegar a esse objetivo foi direcionado pelos seguintes objetivos específicos:

- a) Categorizar os dispositivos de poder, saber e subjetivação presentes nas narrativas dos entrevistados nesse estudo;
- b) Compreender o exercício das relações de poder na experiência dos estudantes latino-americanos em estudo;
- c) Extrair das narrativas a produção de subjetividades dos estudantes latino-americanos em estudo.

Para atingir o objetivo da pesquisa, a base teórica foi constituída pelo pensamento de Foucault que, como descreve Ibáñez (2001), foi um personagem desconcertante, que conseguiu desenvolver ao máximo a arte do desconcerto em relação a ele e as suas obras. Foucault falava em sua construção teórica que não precisava dar nada por garantido ou definitivo e que, quando os pesquisadores comessem a se acomodar na certeza de que algo estava claro ou evidente, era o momento para se preocupar, pois a sua capacidade de pensar estaria correndo o maior perigo.

O interesse de Foucault (2014) é a problemática de como o sujeito é constituído e se constitui. O pensador também indaga sobre como as relações de poder questionam o estatuto do indivíduo, sobre como o saber circula e faz com que as relações de poder aconteçam e sobre como essas relações possibilitam a produção dos sujeitos por meio do conhecimento de si e dos outros. A subjetividade, como a constituição do indivíduo por meio das conexões com o mundo, é justamente o que permite a produção de conhecimento. Assim Foucault (2006) destaca que o processo de subjetivação implica no sujeito em movimento. Ele se produz em cada nova experiência que tem de contato com o meio social com acontecimentos e com significados produzidos por eles.

Por meio da visão do mundo que me propus a seguir para cumprir o objetivo desta pesquisa, aliada ao sustento teórico que o pensamento de Foucault traz, foi possível interpretar a experiência de cada sujeito do meu estudo.

Os sujeitos que participaram desta pesquisa foram estudantes latino-americanos selecionados pela OEA, falantes de espanhol, dos cursos de pós-graduação - stricto sensu na Universidade Estadual de Londrina, que foram

recrutados por meio da técnica de “bola de neve” proposta por Sierra (1988). A técnica incide no uso das redes sociais naturais, nesse caso por meio de contatos pessoais, amigos e conhecidos.

Para a coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevista, em idioma espanhol, alinhada aos temas relativos dos objetivos da pesquisa, o qual permitiu desenvolver uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do seu mundo, e nos aproximar aos significados que atribuem às questões e situações relativas a nosso tema de interesse.

A interpretação das elaborações do entrevistado foi realizada por meio da metodologia análise de narrativas, que são consideradas como representações ou interpretações de uma história, e, portanto, não são julgadas como um relato falso ou verdadeiro. Narrativas são caracterizadas por expressar o ponto de vista do entrevistado num determinado contexto de tempo e espaço. Segundo Bruner (1986), o ato de contar uma história envolve nossa capacidade de memória a partir de filtros afetivos, que não representam os fatos, pois o mundo da narrativa é criado por nós, sendo assim mais um reflexo de uma construção social do que uma reconstrução do que aconteceu. Assim, a perspectiva de cada experiência dos sujeitos de estudo foi relevante para a obtenção dos resultados, pois sua forma de perceber a realidade é distinta, o que faz com que os relatos de suas narrativas contenham ampla variedade de significados.

A relevância da minha pesquisa se dá pelo entendimento da produção constante de subjetividades no entorno dos indivíduos, onde os componentes externos e a presença do “outro” interveem como elementos *sine qua non* na conformação dos sujeitos. A pesquisa evidencia também a dimensão das relações de poder na interação entre os sujeitos do estudo e os brasileiros, como a condição do estrangeiro ter vantagens e desvantagens na sua experiência. Destaca-se que o exercício das relações de poder está presente em todo momento. Expõe-se o valor das experiências dos indivíduos, mesma que isso resulte em transformações ao longo desta dissertação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A EXPERIÊNCIA EM FOUCAULT

A palavra experiência que vem do latim *expēriētia*, deriva-se do verbo *expēriōr* que significa tentar ou provar (ELE, 2014), ou seja, em suas raízes a palavra mostra a tentativa de estabelecer uma verdade submetendo a prova algum fato. Dessa forma, é possível ter uma noção inicial do que propus entender por meio da teoria do filósofo Michael Foucault.

Segundo Real Academia de la Lengua Española (RAE, 2017, tradução própria), a palavra experiência significa:

1.f. Fato de ter sentido, conhecido ou presenciado algo por alguém; 2 f. Prática prolongada que proporciona conhecimento ou habilidade para fazer algo; 3 f. Conhecimento da vida adquirido pelas circunstâncias ou situações vivenciadas; 4 f. Circunstâncias ou acontecimentos vivenciados por uma pessoa.

Segundo novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (2004) o significado da palavra experiência é o seguinte:

1.f. Ato ou efeito de experimentar(-se); experimento, experimentação
2.f. Prática de vida: É homem vivido, cheio de experiência; 3.f. Habilidade, perícia, prática, adquiridas com o exercício constante duma profissão, de uma arte ou ofício: É um professor com experiência, tem 20 anos de magistério 4.f. Prova, demonstração, tentativa, ensaio: experiência química. 5.f. Experimentação. 6.f. Conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos. 7.f. Conjunto de conhecimentos individuais ou específicos que constituem aquisições vantajosas acumuladas historicamente pela humanidade.

O conceito nas duas línguas tem muito em comum, especialmente pelo fato da existência de um conhecimento e de uma vivência. Ambos deixam claro que o sujeito passa por uma situação que estimula seus sentidos e que dela obtêm algo ao seu favor, seja um conhecimento ou uma habilidade ligada àquela vivência.

Essa palavra carrega uma quantidade considerável de elementos, pois, para que uma experiência aconteça, é necessário um sujeito, um ou vários objetos, a interação dele(s) dentro das dimensões tempo-espço, a intervenção dos sentidos, da razão, das habilidades, entre outros, que finalmente deixam um novo

conhecimento, uma ideia ou uma lembrança do que foi vivido. Sabendo que esta palavra tem uma derivação do verbo tentar e provar (ELE, 2014), entende-se que a participação da pessoa na vivência é fundamental, seja de forma ativa ou passiva, para que possa fazer parte das dimensões indicadas justamente como forma de tentar provar ou corroborar, por meio dos sentidos, a existência daquela experiência. Sendo assim, uma experiência pode ser entendida como uma forma de conhecimento, como consequência de uma vivência empírica de uma pessoa, que marca um saber pontual dela.

Estando mais perto do conceito geral desta palavra, é possível mencionar uma particularidade que Foucault (2009a) descreve acerca da experiência. Segundo o pensador, além daquilo que é descrito, qualquer vivência deixa consequências pois, assim como o tempo não pode voltar, as experiências não podem se desfazer. O filósofo afirma que as experiências têm a característica da transformação do indivíduo justamente pela oportunidade de ter acesso a uma vivência única.

Aqui eu dou ênfase na palavra “única”, uma vez que a vivência jamais poderia se repetir da mesma maneira, considerando todos os fatores indicados anteriormente. Qualquer variável adicional e situacional só poderia ter acontecido por aquele momento, como fatores físicos (temperatura do ambiente, condição climática, estrutura do lugar, objetos e pessoas presentes, entre outros), fatores emocionais e psicológicos das pessoas envolvidas (pensamentos, sentimentos, pulsões e outros). Todos esses fatores coincidem no mesmo momento para ser parte da experiência, sendo um acontecimento único, que não poderá se repetir nunca do mesmo jeito.

Voltando para o pensamento de Foucault (2009a), a característica transformadora do sujeito que vivencia a experiência pode culminar em mudanças simples ou significativas, o que determina um antes e um depois da vivência, duas etapas que denotam a mudança na transformação do sujeito. Ele exemplifica essa ideia em uma de suas entrevistas ao explicar que seus livros são, para ele, experiências no sentido literal da palavra, já que deles sai transformado.

O sentido da experiência para Foucault é especial. Escrever não é um ato de comunicar o que já se sabe. Esse tipo de escrita ele não teria coragem de fazê-lo. Ele escreve porque não sabe ainda exatamente o que pensar dessa coisa que ele deseja muitíssimo pensar. Trata-se de uma experimentação, e não de um trabalho de teoria para construir um sistema geral (BARROS, 2009).

A experiência cumpre o papel fundamental de tornar as pessoas diferentes de como tinham sido antes, indistintamente dos objetos ao seu redor, a mudança acontece especialmente nos sujeitos participantes, e “Tem como objetivo arrancar o sujeito de si mesmo, ou que ele chegue à sua dissolução” (BARROS, 2009, p. 9). Porém, isso não significa que a mudança vai ser a mesma para todos os sujeitos. A assimilação dos fatores envoltos vai ser diferente em cada um, além de que cada pessoa tem uma história pessoal plena de experiências distintas, que colocam cada um em uma situação particular de antes e depois de suas vivências. A consequência disso será igualmente particular, com maior ou menor impacto visível.

Foucault (2012) não tratou de forma sistemática o conceito da experiência. Por meio de suas entrevistas, ele exemplifica o que entendia do tema e traz uma ideia do que esperava dela:

Quando escrevemos livros, desejamos que estes modifiquem inteiramente tudo aquilo que pensávamos e que, no final, nos percebamos inteiramente diferentes do que éramos no ponto de partida. [...] Talvez tenhamos mudado de perspectiva, girado em torno do problema, que é sempre o mesmo, isto é, as relações entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência (FOUCAULT, 2012, p.289).

Nicolazzi (2004) explica que a subjetivação, ou seja, o próprio sujeito, se dá por meio das experiências em que as relações de verdade estão implicadas. O autor expõe que não existe uma verdade essencial e interior inerente ao sujeito se não está constituída por meio de regimes específicos pela imposição e acatamento de valores que definem o verdadeiro em relação ao falso, que legitimam discursos como verdadeiros, que autorizam determinados indivíduos a proferirem-nos e que permitem certos procedimentos de obtenção da verdade. A experiência possibilita que os indivíduos possam enxergar diferentes tipos de conhecimentos que estão incorporados em discursos produzidos e legitimados socialmente pelos quais se reconhecem enquanto sujeitos.

O processo de subjetivação, como esclarece Nicolazzi (2004) em sua leitura de Foucault, não se limita completamente à tomada de consciência de si, mas também implica na problematização do processo ao qual se é sujeitoado. Ou seja, não é simplesmente a constatação do pensamento que garante a existência, é também a necessidade de questionar sobre o que se pensa e mesmo sobre a forma como se pensa: é como o indivíduo chega em sua relação com a verdade.

Foucault (2012) tinha consciência das mudanças que as experiências causavam nele e, deslumbrado por isso, aproveitava as vantagens de se expor ante novas vivências intelectuais para obter outras, como consequência das mudanças. Nesse sentido, seu posicionamento permite pensar que as transformações podem ser positivas, que o novo conhecimento pode ser favorável em relação a dimensão da mudança, pois o que o sujeito pode ganhar é algo imprevisível. “Cada um dos meus livros representa uma parte da minha história. Por uma razão ou por outra, foi-me concedido experimentar ou viver essas coisas” (FOUCAULT, 2012, p.206).

Essas experiências permitem expandir novos horizontes de compreensão, de olhares e de vida. Tem a possibilidade sempre aberta de ser outra coisa, de pensar além de qualquer limitação. Elas transformam a subjetividade de cada sujeito, a maneira como ele pensa, o que sente, aquilo pelo que se mede, se avalia e diz de si mesmo. As experiências levam o sujeito a pensar e a se identificar como um sujeito novo, ou seja, como um sujeito transformado em comparação ao antes e depois da experiência. As experiências constituem aquilo que cada pessoa é, são capazes de nos mudar e nos transformar. “A experiência é concebida como estrutura dominante e força transformadora, como fundo existente de práticas e eventos transcendentais, o objeto de indagação teórica e objetivo de ultrapassar os limites históricos” (LEMKE, 2011, p.2).

Para que a experiência possa ser compreendida, são necessárias as dimensões tempo-espaciais, as quais permitem distinguir os dois tempos determinantes da experiência, que são o antes e o depois da vivência. Podem se colocar como etapas, considerando que é possível para entender um sujeito A, como quem tem uma visão do mundo estabelecida, que, passando por uma experiência com uma quantidade importante de estímulos e informações começa a se integrar em um novo sujeito. Ao somar tal vivência para um novo eu, ocorre a transformação daquele entendimento do mundo anterior, obtendo-se como resultado um sujeito B, depois da vivência. As duas etapas demarcam a temporalidade espacial da experiência e dão lugar para que os sujeitos vivenciem a transformação. Foucault sublinha que seus livros funcionam como uma experiência, muito mais que a demonstração de uma verdade histórica.

[...] o essencial não é a série daquelas descobertas verdadeiras ou historicamente verificáveis, pelo contrário, na experiência do que o livro faz possível. Agora, o fato é que esta experiência não é nem verdadeira nem

falsa. A experiência é sempre uma ficção: é algo que se fabrica, que não existe antes e existirá depois (LEMKE, 2011, p. 10, tradução própria).

Foucault (2009b) explica que a ficção parece pertencer a uma das dinastias do Real o do Irreal, pelo fato de soar como um termo da psicologia que evoca imaginação, fantasma, invenções, entre outros. Parece reconduzir às flexões da linguagem subjetiva, pois oferece muita apreensão e, ao mesmo tempo, escapa. Ou seja, a linguagem abrange a possibilidade de inserir o surreal na busca de uma realidade que a tornasse possível, assim ele se questiona:

E se o sonho, a loucura, a noite não marcassem o posicionamento de nenhum limiar solene, mas traçassem e apagassem incessantemente os limites que a vigília e o discurso transpõem, quando eles vêm até nós e nos chegam já desdobrados? Se o fictício fosse, justamente, não o mais além, nem o segredo íntimo do cotidiano, mas esse trajeto de flecha que nos salta aos olhos e nos oferece tudo o que aparece? (FOUCAULT, 2009b, p.68).

Com essa questão, permite-se idealizar uma realidade que esteja constituída de uma ficção, e que seja o fictício, que nomeia as coisas, que as faz falar e que oferece pela linguagem seu ser já dividido pelo soberano poder das palavras, pois existe uma dependência complexa entre a ficção e a linguagem, uma confirmação e uma contestação, e a simples facilidade de uma experiência de pegar uma caneta e escrever algo surreal fora do espaço e o tempo conhecido. Foucault (2009b, p.69) define o fictício como “a nervura do que não existe”, tal como a experiência é uma ficção”.

[...] Apagarei, para remeter essa experiência ao que ela é (para tratá-la, portanto, como ficção, pois ela não existe, é sabido), todas as palavras contraditórias pelas quais facilmente se poderia dialetizá-la: nivelamento ou abolição do subjetivo e do objetivo, do interior e do exterior, da realidade e do imaginário. (FOUCAULT, 2009b, p.69)

Nessa perspectiva, a experiência de escrever é a projeção do real e do não real na concepção do sujeito, da forma como ele percebe seu entorno, os acontecimentos da sua vida e todo o possível o impossível imaginário que só a linguagem permite segurar. É a apresentação de como o escritor entende seu mundo.

Entende-se que a escrita, assim como forma de expressão dos indivíduos, é também um meio pelo qual a experiência se materializa nos sujeitos,

pois a linguagem consolida a transformação do sujeito, o que permite que aquela experiência faça sentido para a pessoa, que seja pensada, seja transmitida, e que se estabeleça uma materialização da vivência, já que a linguagem não é reduzida a um símbolo, ela faz parte da construção da realidade dos sujeitos. “É uma experiência em que a linguagem adquire uma das suas significações extremas e mais inesperadas” (FOUCAULT, 2009b, p.18). Isso ocorre porque a linguagem vem carregada de significações pela composição das palavras que têm sentido individual. Considerando a forma em que seja usada, a significação vai ser da mesma forma particular e poderá expressar o valor que o sujeito dá para cada símbolo da linguagem.

A construção da realidade e as ações que pode empreender o ser humano não são concebidas sem se recorrer a uma forma qualquer de linguagem. É graças a esta faculdade de expressar em palavras a realidade, tanto interior quanto exterior, que se pode acender ao mundo das significações (CHANLAT, 1987, p. 29).

No momento em que os indivíduos articulam os novos conhecimentos em palavras, eles se consolidam em novos sujeitos, facilitando a percepção da mudança de acordo com o assimilado da experiência. Baseado nas ideias de Benveniste (1966) e Hagege (1985), Chanlat (1987, p. 35) defende que “o universo do discurso, da palavra e da linguagem inerente ao ser humano transforma-se então em um posto-chave indispensável à sua compreensão”.

A linguagem, que é a capacidade do ser humano que permite expressar seus pensamentos e sentimentos, tem uma função sumamente importante na produção de subjetividades, pois permite que as pessoas consigam se comunicar umas com outras, assim como permite transmitir do seu pensamento. Neste caso, “a linguagem desempenha um papel não somente na comunicação, mas na expressão do pensamento e na interação entre os indivíduos” (FOUCAULT, 2006, p.89, tradução própria). Coloca-se em palavras o que nosso pensamento quer dar um sentido, mesmo que nem sempre consiga expressar tudo o que quer. “A linguagem enfeitiça o cérebro ao desdobrar o real no significante que trata de referir ao significado, ainda assim, o significado sempre foge resistindo ser encerrado em palavras e representações” (CORRAL, 2004 p.187, tradução própria). Isso acontece uma vez que a nossa linguagem tem restrição do significado que tem cada palavra, mesma que encerra vários significados nos mesmos símbolos, o que significa que uma mesma palavra não é reduzida a um significado ou menos ainda a um conjunto de símbolos só.

O indivíduo que adquiriu o domínio desse conjunto complexo, altamente articulado e organizado, de capacidades, ao qual chamamos conhecimento de uma língua, conheceu uma experiência dada; no decorrer de sua existência, foi exposto a um certo número de dados e teve a experiência direta de uma língua (FOUCAULT, 2006, p. 88).

Segundo Foucault (1968), o sujeito produz sentidos por meio da experiência, sendo assim a linguagem uma forma de experiência dada que leva consigo a variedade de significados, que foram atribuídos em seu contexto histórico. A linguagem permite entrar no mundo dos sentidos do sujeito e na produção das suas verdades, a quais tentam ser expressadas com o uso mais preciso possível para que reflitam seu entendimento da realidade.

O próprio saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar. Comentários da escritura, comentários dos antigos, comentários do que relatam os viajantes, comentários das lendas e das fábulas: nenhum destes discursos pode interpretar seu direito a enunciar uma verdade; a única coisa que se precisa é a possibilidade de falar sobre ele (FOUCAULT, 1968 p.48, tradução própria).

A linguagem ajuda o sujeito a compreender o sentido da sua vivência, o que ela significou naquele momento, e a saber o que dela pode se obter, e assim se manifestar tanto por meio de palavras ou da escrita, que serão o reflexo da sua interpretação. No texto “Isto não é um cachimbo”, Foucault (1981) mostra como uma imagem representa o sentido de uma palavra, tanto assim que o enunciado que está embaixo da imagem de um cachimbo diz “Isto não é um cachimbo”, somente a palavra cachimbo faz o sujeito associar ela diretamente na imagem sem considerar a negação que está antes da palavra.

A aparência do cachimbo e seu entendimento está tão bem posicionada em nosso pensamento que qualquer descrição vaga permite reconhecer o que é: “Vocês olham tão bem o cachimbo que sou, que resultaria ridículo para mim dispor minhas linhas de tal modo que escrevam: isto é um cachimbo. As palavras, com toda certeza, me desenhariam pior de como eu me represento” (FOUCAULT, 1981 p. 38).

A constituição do desenho se representa por si mesmo, pois a palavra cachimbo foi designada para aquele objeto e foi assim que seu significado foi transmitido socialmente ao passar dos anos. O desenho dele fala, sem precisar de

palavras, sobre o que ele representa, e as letras que foram escritas embaixo não são mais que símbolos colocados ao lado de outras, que em nosso entendimento descreve o mesmo objeto que foi desenhado: o significado construído socialmente de um cachimbo.

Tomem-me pelo que sou inequivocamente: letras colocadas umas ao lado de outras, com essa disposição e esse formato que facilitam a leitura, assegura o reconhecimento, e se abrem incluso ao escolar mais balbuciante; não pretendo arredondar-me e depois estirar-me para converter-me primeiro na caçoleta e depois na bocal de um cachimbo: não sou nada mais que as palavras que estão lendo (FOUCAULT, 1981 p. 38, tradução própria).

A linguagem permite projetar no mundo real o que está acontecendo em nossos pensamentos, certamente adquire um sentido para os outros enquanto as ideias são transmitidas. Este sentido vai se construindo pelas palavras usadas e o contexto que elas trazem no presente, pois cada uma ou a combinação de várias delas pode ter um sentido histórico. Agora, a escritura como uma ferramenta da linguagem, é composta por um sistema de signos que na sua união e combinação permitem representar o que a palavra quer dizer. “A linguagem tem [...] a natureza de ser escrita. Os sons da voz só são sua tradução transitória e precária” (FOUCAULT, 1968 p.46, tradução própria). A conformação de linhas e pontos contínuos que compõem uma palavra, fazem sentido só quando um sujeito a lê, ou seja, reconhece sua existência e o significado que foi dado para aquela agrupação de signos.

Para que o texto se desenhe e todos seus signos justapostos formem uma pomba, uma flor ou um aguaceiro, é necessário que o olhar se mantenha por cima de qualquer deciframento possível; é necessário que as letras sejam ainda pontos, as frases linhas, os parágrafos superfícies ou massas: asas, talhos ou pétalas; é necessário que o texto não diga nada a esse sujeito que olha, e que é observador e não leitor. Desde o momento que começa ler, de fato, a forma dissipa-se; em torno à palavra reconhecida, à frase compreendida, os outros grafismos se desvanecem, levando-se consigo a plenitude visível da forma deixando tão só o desenvolvimento lineal, sucessivo, de sentido: menos ainda que uma gota de chuva que cai depois de outra, menos ainda que uma pena ou uma folha arrancada (FOUCAULT, 1981 p. 37, tradução própria).

O significado de cada palavra é construído socialmente em um tempo histórico e por meio das instituições educativas, pela mídia ou pelas interações interpessoais da população. A palavra e seu significado são difundidos entre as pessoas, sendo traduzidos para outras línguas e usadas para textos, discursos ou o

simples uso comum de cada dia. Mas isso não significa que a palavra vai ter o mesmo sentido para cada pessoa, ou seja, o significado comum possivelmente mantenha-se em enciclopédias no transcurso do tempo, mas cada pessoa pode dar o sentido que ela quiser dependendo do contexto que seja colocada.

[...] este cachimbo que flutua tão visivelmente por acima da cena, como a coisa à que refira-se o desenho do quadro e em cujo nome o texto pode dizer com razão que o desenho não é verdadeiramente um cachimbo, esse cachimbo não é mais que um desenho; não é no absoluto um cachimbo” (FOUCAULT, 1981 p. 44).

O jogo de palavras permite dar o sentido que o sujeito quiser para poder expressar suas ideias, tanto como uma palavra ou a mesma frase faz sentido depois de ter sido falada ou colocada em um pedaço de papel e representa para ele o que somente quer ser representado. “Na sua qualidade de signo, a letra permite fixar as palavras; como linha, permite representar a coisa” (FOUCAULT, 1981, p. 35, tradução própria).

A subjetividade é determinada pela ação verbal, ou seja, todo verbo se origina da expressão subjetiva que tenta conter os fragmentos da realidade que estão em constante mudança, pois cada vez que é fechada em palavras a realidade escapa, fazendo da linguagem procurar constantemente outros sentidos. “Quando se sabe de antemão onde se vai terminar ou se vai chegar, há uma dimensão da experiência que falta, aquela que consiste precisamente em escrever um livro arriscado de não chegar à parte final” (FOUCAULT, 2012, p. 288). Essa parte que falta, que ninguém sabe onde vai chegar depois de ter começado qualquer ação, que é somente descoberta por meio da experiência, é onde a subjetividade se manifesta. “Existir é linguagem, socialização, comunicação, interação subjetiva, simulação do real: sedução” (CORRAL, 2004 p.188, tradução própria). A linguagem permite ao sujeito fazer uma ligação ativa entre o mundo físico e o corpo vivo. Permite a geração de uma nova realidade para o sujeito e ajuda criar significados para cada experiência que é vivenciada. “A linguagem nunca contém o real verdadeiro, constrói o real significativo desdobrando histórias que conformaram o real simbólico e o real histórico, mas não o real verdadeiro” (CORRAL, 2004 p. 188, tradução própria). É assim que são produzidas as subjetividades em cada sujeito, na construção de significados, na vivência da realidade, na interação com o mundo físico e na vivência de nova

experiências, fazendo do sujeito uma produção constante dele mesmo, com mudanças simples ou significativas e um desenvolvimento infinito de novos conhecimentos.

[...] o sujeito é compreendido pelo conjunto de forças que se afirma e que, em certo momento, ganha algum contorno, comumente chamado de “eu”. Porém, cabe dizer que esse contorno não corresponde a uma substância ou estrutura fixa. Quando associamos a noção de sujeito a esta suposta estrutura, ele torna-se uma instância metafísica que, sob tal perspectiva, poderia ser amplamente conhecida, esquadrinhada e controlada (MANSANO, 2011, p.66).

A experiência começa nos sujeitos ao produzirem sentidos por meio da linguagem e, eventualmente, a mudança faz deles novos sujeitos, tornando-a consciente dela mesmo, o que acaba por ampliar suas ferramentas para as próximas experiências, tal qual ferramentas no sentido de conhecimentos e habilidades que permitiram agir e reagir de diferentes maneiras ante qualquer situação.

Eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que são destinados a fazer aparecer objetos. Os objetos são um pouquinho determinados pelos instrumentos, bons ou maus, fabricados por mim. Eles são falsos, se meus instrumentos são falsos... Procuro corrigir meus instrumentos através dos objetos que penso descobrir e, neste momento, o instrumento corrigido faz aparecer que o objeto definido por mim não era exatamente aquele. É assim que eu hesito ou titubeio, de livro em livro (FOUCAULT, 2006, p. 229).

É assim que Foucault (2006) percebe suas próprias mudanças por meio da experiência de escrever seus livros, como diferencia os novos conhecimentos adquiridos depois de ter concluído ou avançado nas suas obras, ou no caso dele, objetos que aparecem naquela dinâmica de corrigir seus instrumentos para produzir novos objetos. Paralelamente, é assim que ele também se produz como sujeito.

O que cria o sujeito, não um sujeito universal, mas uma singular forma de sujeito: é a subjetividade, que segundo López (2011), é a trama de discursos e práticas que constitui a experiência possível em cada lugar e cada momento, chamada de experiência histórica. É uma experiência concreta e culturalmente situada, que não trata de determinar as condições de possibilidade da experiência humana que coloca *a priori* um sujeito transcendental ou universal, senão que torna visíveis as condições que têm permitido a conformação de um particular tipo de experiência. Citando Foucault, o autor pergunta “Quem somos nós, hoje? Não quem somos nós em geral

(universalmente), mas quem somos nós, agora, neste singular momento histórico, e no interior das fronteiras desta experiência cultural que é nossa?” (LÓPEZ, 2011, p. 46). Quais são as condições de nossas experiências históricas que foram parte nossa constituição como sujeitos e nossas verdades?

Lopez (2011) defende, na análise do conceito da experiência para Foucault, que ela está composta por três elementos: o saber, o poder e a subjetividade, que por sua vez podem ser interpretados como conceitos. O conceito de experiência está intimamente vinculado ao conceito de “dispositivo”, o qual é explicado como uma rede de conjuntos heterogêneos de discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, que tem uma função estratégica e está sempre inscrito num jogo de poder, ligados aos limites do saber.

O conceito de dispositivo tem um sentido próximo ao conceito de experiência pois assinala o entrecruzamento dos mecanismos de saber e de poder que dão forma à experiência de si. Enquanto Agamben (2009 *apud* Lopez, 2011), discorre sobre o fato de Foucault usar o conceito de dispositivo para pensar no seu problema decisivo, o qual é a relação entre os indivíduos como seres vivos e os elementos históricos, é possível entender o conceito como o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder. Mansano e Carvalho (2015) acrescentam que os componentes de subjetivação são diversificados, entre os quais estão: os sentimentos, as ideias, os valores, os desejos, a sensibilidade e outras dimensões da existência que podem ser parte de nossa maneira de viver. São componentes de subjetivação que estão em circulação o tempo todo, que são móveis e cambiáveis, e que são criados “conforme são experimentadas as relações de aproximação e enfrentamento com o social, com a natureza, com os acontecimentos e com a multiplicidade das invenções humanas” (MANSANO; CARVALHO, 2015, p. 653).

Lopez (2011) conclui que os dispositivos implicam em um processo de subjetivação e que numa sociedade disciplinar os dispositivos visam a criação de corpos dóceis e produtivos, porém livres. Pois, eles não são contrários a liberdade, aliás é a maneira como os corpos se tornam sujeitos.

2.2 A SUBJETIVIDADE

Não se pode entender a experiência sem ter claro o conceito de subjetividade, pois as duas caminham juntas, tanto que a constituição do sujeito se faz pelas experiências vivenciadas e os elementos subjetivos interveem em cada experiência. “A subjetivação, ou seja, o próprio sujeito, dá-se enquanto experiência” (NICOLAZZI, 2004, p.108), pois ela não existe de maneira *a priori*, somente existe à medida em que o sujeito vai se constituindo como tal.

A palavra subjetividade está formada por raízes latinas que tem os seguintes componentes léxicos: o prefixo sub- que significa baixo, *iactare* que significa lançar, *-ivis* (relação passiva o ativa), mais o sufixo *-dad* que significa qualidade (ELE, 2014). Ou seja, a subjetividade implica dar ou lançar uma qualidade sobre algum sujeito; é a produção dele por meio dos elementos que o cerca. “[...] ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinaica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 25). Isso significa que todos os componentes que são parte do cotidiano de cada indivíduo fazem parte da sua construção como sujeito, “[...] assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas as moléculas que lhe são acrescentadas, injeta-se representações nas mães, nas crianças como parte do processo de subjetiva” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 25), pois o sujeito não tem uma essência desde que nasce, de fato é a constituição por meio de elementos subjetivos que vão fazendo dele um sujeito no meio social. Na concepção de Foucault (2012, p. 275) o sujeito:

[...] Não é substância. É uma forma, e essa forma nem sempre é sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembleia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. [...] O que me interessa é precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas do sujeito.

Foucault (2012) explica que não existe um sujeito soberano, fundador, ou que tenha um molde geral que possa se encontrar em qualquer lado, como uma forma universal. O sujeito se constitui por meio de práticas de sujeição, práticas de liberação, ou seja, por meio de liberdade.

[...] o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade, a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 2012, p. 291).

O sujeito não nasce sendo um cidadão da sociedade, o bebê que nasce é um candidato a se tornar o cidadão reconhecido pelo outro, pois, por meio da experiência, ele vai se constituindo, e a mesma sociedade que dá o nome de cidadão ao sujeito, legitima-o como um indivíduo que pode viver em sociedade. Viver em comunidade implica ter certas normativas estabelecidas as quais permitem manter ordem na convivência, normativas que determinam práticas não invasivas com os demais, e que possibilitam as interações interpessoais que fazem o ser humano se produzir como sujeito.

Gonzales (2008) explica que na filosofia kantiana e na hegeliana, a subjetividade é referida essencialmente aos processos que, desde conteúdos *a priori* do sujeito, significam as estruturas e processos essenciais que caracterizam a produção do conhecimento. Ou seja, o subjetivo aparece muito mais como uma referência genérica para significar processos do sujeito que conhece e constrói, pelo qual vai formando sua realidade na interação com suas ideias e pensamento. “A produção de subjetividade constitui matéria prima de toda e qualquer produção” (GUATTARI; ROLNIK, 1996 p.28). Entenda-se subjetividade como a constituição social a partir das conexões do sujeito com o mundo no qual está inserido, e ligando-o também às novas experiências, como explicam Mansano e Carvalho (2015) no seu entendimento de subjetividade:

Esta pode ser compreendida como um processo incessante no qual o sujeito se constitui ao estabelecer contatos com aqueles e com aquilo que o cerca. Daí o caráter eminentemente social que se atualiza na produção dos modos de vida. Quando se reporta a esse conceito, parte-se do pressuposto de que o sujeito não é portador de uma essência. Sob a perspectiva de análise da psicologia social, em seu diálogo com a filosofia da diferença, ele se constitui em cada nova experiência de contato com o outro que, por sua vez, gera sensações, conhecimentos, reações e opiniões que são marcados por um grau de imprevisibilidade significativo. Pode-se dizer, então, que se está rodeado de múltiplos componentes de subjetivação os quais são inventados e postos em circulação no meio social (MANSANO; CARVALHO, 2015, p. 654).

Foucault (2012) chama as práticas de auto formação do sujeito, como práticas de si, que em definição, são práticas ascéticas, como um exercício de si sobre si mesmo, que procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser. Introduz que as práticas de liberação permitem definir aos indivíduos em formas aceitáveis e satisfatórias da sua existência. A liberação é, em certos momentos, a condição política ou histórica para uma prática de liberdade, como por exemplo, Foucault (2012) coloca que foi necessário um grande número de liberações em relação ao poder do “macho”. Libera-la de uma moral opressiva, para assim abrir um novo campo de relações de poder onde o sujeito tenha uma sexualidade completa e satisfatória que envolve a liberação da heterossexualidade e da homossexualidade. Ou seja, a liberação ou a luta pela liberação são indispensáveis para a prática de liberdade.

Foucault (2012) explica que para os gregos, praticar adequadamente a liberdade, significa cuidar de si mesmo, se ocupar de si, para assim se conhecer, para se formar, se superar, para dominar os apetites que poderiam arrebatá-la a liberdade. Eles problematizavam a liberdade como um problema ético, num sentido que eles entendem como *éthos*, a maneira de ser e de conduzir, o modo de ser do sujeito e de ser visível para os outros. Pode se observar o *éthos* em sua maneira de caminhar, em seu porte, seus hábitos ou como respondem aos acontecimentos. O sujeito que pratica de certa maneira a liberdade, que tenha um trabalho de si e sobre si mesmo, tem um belo *éthos*, honroso, respeitável, memorável, e serve de exemplo para os outros.

O *éthos* requer também de uma relação com os outros, já que para cuidar bem de si, são necessárias as lições do mestre. Ou seja, é preciso de um guia, de um conselheiro, de um amigo que possa falar a verdade. “[...] aquele que cuidasse adequadamente de si mesmo era, [...], capaz, de se conduzir adequadamente em relação aos outros e para os outros” (FOUCAULT, 2012, p. 271). Foucault enfatiza que o cuidado dos outros é importante, mas existe prioridade no cuidado de si, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária. É o equilíbrio entre o cuidado de si e o cuidado das pessoas que nos rodeiam, pois o indivíduo que sabe cuidar de si, que sabe o seu rol como chefe de casa, de esposo e como pai, descobre como manter a relação necessária com sua mulher e seus filhos. O cuidado de si, em intensidade, é um grau de zelo por si mesmo, e por consequência, é o zelo pelo outro também.

O cuidado de si, além de ter sido denunciado pelo cristianismo, como boa vontade, como amor por si mesmo, em forma de egoísmo ou de interesse individual, também entra num paradoxo, pois procurar a salvação é também uma maneira de cuidar de si. O cristianismo prega que para chegar à salvação, a condição é a renúncia, pois introduz à salvação só depois da morte, mesma que desequilibra a ideia do cuidado de si. Nesse caso, os gregos e romanos, acreditavam que a reputação é o que perdura e é o que realmente importa para se cuidar de si na própria vida, o que permite estar inteiramente centrado em si mesmo e dar o lugar adequado aos outros.

Cuidar de si, é o conhecimento de si, pois não é possível cuidar de si sem se conhecer. É o conhecimento de diversas regras de conduta ou de princípios, que são simultaneamente verdades e prescrições. “Cuidar de si é se munir dessas verdades” (FOUCAULT, 2012, p. 269). Foucault explica que na corrente Platônica, o problema para o sujeito é voltar os olhos para ele mesmo, para se reconhecer e lembrar as verdades que tem afinidade e as quais pode contemplar.

É preciso que vocês tenham aprendido os princípios de uma maneira tão constante que, quando os seus desejos, apetites, temores vierem a se revelar como cães que rosnam, o *logos* falará como a voz do mestre que, com um só grito faz calar os cães (FOUCAULT, 2012, p. 269).

Nessa metáfora Foucault (2012) pretende indicar que o *logos* funciona de qualquer forma sem depender daquilo que nós fazemos, o *logos* vai se tornando nós, ou nós vamos nos tornando o *logos*. Ou seja, o conhecimento está inserido em nosso ser e só conseguimos nos conhecer nesta interação do cuidado de si. Foucault (2012) explica que o sujeito se constitui de maneira ativa por meio dessas práticas de si, que não são inventadas pelo sujeito, que são esquemas que se encontram na cultura, na sociedade e no seu grupo social.

Nessa concepção surge a problemática do poder para Foucault (2012), pois supõe um sujeito muito ativo e cuidadoso em relação a si mesmo e aos outros. Esses esquemas nas relações sociais, estão presentes nas relações de dominação e de controle que cada indivíduo quer exercer sobre o outro. Foucault fala também que o estado da dominação está na relação de si consigo mesmo, pois, na noção de governabilidade, ele visa ao conjunto de práticas que permite constituir, definir, organizar e instrumentalizar as estratégias que os indivíduos em sua liberdade

podem ter uns em relação aos outros. Ou seja, os indivíduos livres que tentam controlar, determinar ou delimitar a liberdade dos outros dispõem de instrumentos para governar lhes. Na relação de si consigo mesmo e a relação com o outro se fundamenta na liberdade e tal noção de governabilidade permite valer a liberdade do sujeito e na relação deste com os outros. Esse tema, do poder, será abordado no próximo capítulo, o qual vai se relacionar com o tema da liberdade enquanto elo entre as práticas de si, como auto formadoras do sujeito, e o poder na construção da sua subjetividade.

Foucault (2012) explica que com o cristianismo se inaugurou as mudanças das morais antigas que eram basicamente uma prática, um estilo de liberdade, que procurava uma ética da existência, com regras de conduta e normas de comportamento. Na antiguidade, o sujeito moral implicava o esforço para afirmar sua liberdade, para reconhecer e ser reconhecido pelos outros sobre sua própria existência, e para que pudesse encontrar um exemplo na própria posteridade. Nesta transição, da antiguidade ao cristianismo, partiu-se da moral que busca a ética pessoal, para uma moral que segue um sistema de regras. O filósofo termina sua fala sobre o tema indicando que a moral segue um código de regras que já tem desaparecido, o que ocasiona na procura constante pelos indivíduos pela estética da existência.

É assim que pode se concluir que, por meio da experiência, o que envolve a participação do sujeito no meio social, o cuidado de si, e a interação com o outro, faz com que a produção de subjetividade aconteça sempre e quando o sujeito está vivenciando sua própria vida. Ou como Foucault (2006) defende, o processo de subjetivação implica o sujeito em movimento e requer um contexto histórico que propicie elementos com os quais vai interagir, tanto com a cultura do entorno ou com elementos que permitam estimular os sentidos do sujeito.

2.3 O PODER E O SABER NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E DA EXPERIÊNCIA

Foucault (2006) escreve que o que vem imediatamente à mente das pessoas quando falam de poder é o exército, a polícia, a justiça. Só que também há micro lutas, de algum modo, que envolvem milhares de relações de poder em todo âmbito da sociedade “entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele

que não sabe, entre os pais e as crianças, na família” (FOUCAULT, 2006, p. 231), os quais trazem relações de forças com pequenos enfrentamentos, não necessariamente por meio da dominação brutal que ameace a integridade do sujeito, que imponha ideias, regras, os pontos de vista com ameaças, pressão intensa ou a mesma força bruta, pois isso seria situações extremas de poder.

Estas relações de poder são relações de força, de enfrentamentos, que, portanto, estão em constante movimento: “Lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p.91). Existe uma resistência que age a cada instante e enfrenta o poder daquele que domina, este, por sua vez, tenta se manter com mais força, provocando assim mais resistência do outro lado. Onde há poder, há resistência, e onde há resistência há poder.

Foucault (2006) sinaliza que em toda parte se está em luta constante como “[...] a revolta da criança que põe seu dedo no nariz à mesa, para aborrecer seus pais, o que é uma rebelião, se quiserem, e, a cada instante, se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião” (FOUCAULT, 2006, p. 232). Assim, as relações de poder são onnipresentes e invadem todas as relações sociais, sempre e quando exista mais de um sujeito e um objetivo. “Não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos” (FOUCAULT, 1988, p. 90).

Ademais, Foucault (2012) destaca que em qualquer relação humana o poder vai estar presente, tanto nas relações amorosas, institucionais ou econômicas, ou seja, em relações que se pode encontrar diferentes níveis, diferentes formas, isto é, em relações em que cada um procura dirigir a conduta do outro. “O poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1988, p.89). Essas relações de poder são transitórias, reversíveis e instáveis, ou seja, podem-se modificar, pois não são dadas de uma vez por todas.

O fato, por exemplo, de eu ser mais velho e de que no início os senhores tenham ficado intimidados, pode se inverter durante a conversa, e serei eu quem poderá ficar intimidado diante de alguém, precisamente por ser ele mais jovem (FOUCAULT, 2012, p. 276).

Foucault (2012) enfatiza que o poder implica o jogo estratégico aberto entre duas partes, onde uns tentam determinar a conduta dos outros e os outros tentam responder, não deixando sua conduta ser determinada, ou determinando, em troca, a conduta dos outros. “[...] acredito que não pode haver sociedade sem relações de poder, se elas forem entendidas como estratégias através das quais os indivíduos tentam conduzir, determinar a conduta dos outros” (FOUCAULT, 2012, p.284). É assim como ele chama este jogo estratégico de liberdades: poder.

Para que as relações de poder possam existir, é necessário que os sujeitos não estejam submetidos completamente a um esquema de dominação absoluta, pois é preciso que haja sempre certa forma de liberdade dos dois lados. “Se um dos dois estiver completamente à disposição do outro e se tornam sua coisa, um objeto sobre o qual ele possa exercer uma violência infinita e ilimitada, não haverá relações de poder” (FOUCAULT, 2012, p. 276). Isso significa que é necessário de certa liberdade para que cada lado possa agir, até em forma de resistência, de fuga ou de qualquer estratégia que permita reverter a situação:

Mesmo quando a relação de poder é completamente desequilibrada, quando verdadeiramente se pode dizer que um tem todo poder sobre o outro, um poder só pode se exercer sobre o outro à medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro (FOUCAULT, 2012, p. 277).

As relações de poder permitem que os sujeitos possam ter uma resposta em consequência do lado dominante e que em forma de oposição possam se manifestar. “Em inúmeros casos, as relações de poder estão de tal forma fixadas que são perpetuamente dessimétricas e que a margem de liberdade é extremamente limitada” (FOUCAULT, 2012, p. 277) porém, o sujeito tem a possibilidade, por mínima que seja, de produzir atos de resistência e redirecionar o estado de dominação. Por outro lado “Quanto mais o jogo é aberto, mais ele é atraente e fascinante” (FOUCAULT, 2012, p. 286), ou seja quando os sujeitos têm maior liberdade em relação as outras pessoas, instituições e ou organizações, maior vai ser o desejo de determinar a conduta dos outros, como no caso das relações familiares, sexuais ou afetivas.

Para Foucault (2014), as lutas das relações de poder questionam o estatuto do indivíduo, pois, por um lado, afirmam a individualidade do sujeito e sua

diferença em relação aos outros, enfatizando tudo aquilo que os torna indivíduos verdadeiramente individuais e reforçando seu posicionamento enquanto sujeitos. Por outro lado, ataca tudo aquilo que separa o indivíduo do coletivo, que quebra sua relação com os outros, que fragmenta a vida comunitária, que faz o indivíduo voltar-se para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo “Estas lutas não são exatamente nem a favor nem contra o ‘indivíduo’; mais que isto, são batalhas contra o governo da individualização” (FOUCAULT, 2014, p. 235).

Foucault (2014) questiona então a maneira pela qual o saber circula e funciona nas suas relações com o poder, como ele descreve “*régime do savoir*”, que significa regime do conhecimento. “Estas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós?” (FOUCAULT, 2014, p. 235). Ou seja, é uma luta pelo autoconhecimento e o reconhecimento dos outros, onde o poder circula e possibilita a produção dos sujeitos:

Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos (FOUCAULT, 2014, p. 235).

Segundo Foucault (2014), a palavra sujeito tem dois significados: sujeito a alguém pelo controle e dependência; e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Pode-se notar que as duas significações sugerem uma maneira de poder que subjuga e torna o indivíduo sujeito.

Sendo assim, as relações de poder são uma forma de produzir conhecimento sobre os indivíduos que estão conectados a um esquema de dominação ou de resistência. O indivíduo produz-se como sujeito ligado as práticas de liberdade que o poder permite, logo “[...] o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade” (FOUCAULT, 2012, p. 291).

Para Foucault (2006) as produções de verdade ou de conhecimento não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder uma vez que eles tornam possíveis a produção de verdade e elas próprias têm efeitos de poder que os unem, ou os atam. “Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-

se verdade” (FOUCAULT, 2006, p. 229). Ou seja, o poder obriga aos indivíduos produzir verdades. Só assim o poder pode ser exercido.

[...] Múltiples relaciones de poder atraviesan, caracterizan, constituyen el cuerpo social; no pueden dissociarse, ni establecerse, ni funcionar sin una producción, una acumulación, una circulación, un funcionamiento del discurso verdadero. No hay ejercicio del poder sin cierta economía de los discursos de verdad que funcionan en, a partir y a través de ese poder. El poder nos somete a la producción de la verdad y sólo podemos ejercer el poder por la producción de verdad (FOUCAULT, 2001, p. 34).

O poder para Foucault (2001) é compreendido como algo que não para de nos questionar, de investigar, de institucionalizar a procura da verdade, de profissionalizá-la e recompensá-la. Ele compara a produção da verdade com a produção das riquezas, que precisamos de uma para produzir mais. Assim, nós estamos ligados pela verdade, pois ela é a lei de quem decide, ao menos parte do discurso verdadeiro. Foucault destaca que “[...] somos julgados, condenados, classificados, obrigados a cumprir tarefas, destinados a certa maneira de viver, a certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros que levam consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2001, p. 34). Portanto, entende-se que a sociedade funciona pelas regras do poder e pelo poder dos discursos verdadeiros.

Foucault (1988) traz o exemplo da confissão como uma prática nas relações de poder. Isso acontece pelo fato de ter o lado dominante que julga, pune, perdoa, consola e reconcilia, e por outro lado, do sujeito que fala sua verdade, que é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve para poder se manifestar. Essa prática se reflete em todo tipo de relações além da penitência até o século XVII e da medicina do século XIX. Assim pode-se encontrar em: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras. Antes imposta como a obrigação de confissão, agora é imposta por tantos outros dispositivos que até não os percebemos mais como efeitos do poder, mas sim como uma verdade que procura revelar-se como maneira de liberação.

A confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder mas tem um parentesco originário com a liberdade: eis aí alguns temas tradicionais da filosofia que uma "história política da verdade" deveria resolver, mostrando que nem a verdade é livre por natureza nem o erro é servo: que sua produção é inteiramente infiltrada pelas relações de poder. A confissão é um bom exemplo (FOUCAULT, 1988, p.60).

Em sínteses, o poder se manifesta na ação dirigida de um sujeito dominante para um objetivo. e em forma de resistência. O lado submetido produz verdades como prática de liberação. Considerando que o poder não é fixo, a dinâmica entre dominante e submetido é variante de um lado para outro, resulta, portanto, na produção de verdade como constante dos dois lados. “O poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apoia sobre estruturas permanentes” (FOUCAULT, 2012, p. 242).

A verdade é construída pela manifestação de novos conhecimentos que brindam as experiências, como o corpo percebe o entorno, como a mente assimila os estímulos, como os sentidos são incitados pelas exaltações do desconhecido.

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo [...] este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos (FOUCAULT, 1988, p. 57).

Para Foucault (2006) não existe instância suprema na verdade. Só no caso de verdades codificadas pelo domínio científico onde o procedimento para chegar a uma verdade são regulados previamente, como a matemática ou das ciências. Mas fora disso, a verdade é “[...] o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros” (FOUCAULT, 2006, p. 233). Por exemplo, os efeitos de verdade ligados aos sistemas de informações, como televisão, rádio, jornais e internet, poderão entrar no cotidiano das pessoas com a opção de acreditar ou não. Tais informações se põe a funcionar para milhares de pessoas como verdade, unicamente porque foi pronunciado em determinadas condiciones: daquela maneira, naquele tom, por aquela pessoa, naquela hora.

Estamos hoje em uma era em que a experiência - e o pensamento que é inseparável dela - se desenvolve com uma extraordinária riqueza, ao mesmo tempo em uma unidade e em uma dispersão que apagam as fronteiras das províncias outrora estabelecidas (FOUCAULT, 2009b, p. 21).

Na atualidade, a velocidade com que a informação transita no mundo é incomparável com outras épocas: as relações interpessoais são mais efêmeras,

estamos sujeitos a estímulos provenientes do todo o mundo e as estruturas sociais são mais instáveis. Nesse contexto “as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor” (FOUCAULT, 1988, p. 90). Ou seja, o fluxo de produção de verdades que transitam entre nós está se efetivando em grande escala e a produção dos indivíduos está sujeita a variáveis em constante mudança, uma vez que as relações de poder se revelam naquelas verdades que tentam dominar, e como consequência manifestam-se também na resistência à elas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir foi apresentado o procedimento metodológico que, para Demo (1985), é a preocupação instrumental que trata das formas de fazer ciência, ou seja, os caminhos para tratar a realidade teórica e prática. Nesse caso, foram descritas as ferramentas e os procedimentos que permitiram cumprir os objetivos da pesquisa. O capítulo iniciou com o posicionamento epistemológico que esclarece os autores que foram pesquisados para o sustento teórico. Esses têm a mesma linha de pensamento, ou a mesma visão do mundo, a qual permite que as ideias sejam desenvolvidas na dissertação. Dando continuidade ao capítulo, é apresentada a classificação da pesquisa, a delimitação da população deste estudo, os instrumentos de coleta de dados e a estratégia para interpretação dos dados coletados.

3.1 POSICIONAMENTO EPISTEMOLÓGICO

Os teóricos das organizações com o objetivo de tentar compreender seu objeto de estudo, com frequência adotam uma perspectiva referencial baseada em pressuposições inquestionáveis e ortodoxas, a qual pode até chegar ao entendimento que é o único caminho ou a única visão aceitável. “A natureza parcial e auto-sustentadora da ortodoxia somente se torna evidente na medida em o teórico explicita as pressuposições básicas, que desafiam os modos alternativos de visão, e começa a apreciar essas alternativas em seus próprios termos” (MORGAN, 2007, p. 13).

Nesse contexto, Burrell e Morgan (1979) destacaram que as teorias das organizações podem ser analisadas a partir de quatro visões de mundo concebidas em paradigmas que representam uma “rede de escolas de pensamento inter-relacionadas, diferenciadas em abordagem e perspectiva, mas que compartilham pressupostos fundamentais sobre a natureza da realidade que tratam” (MORGAN, 2007, p. 61).

A definição do paradigma, segundo Kuhn (1971) tem três sentidos amplos do termo: (1) como um modo de ver, ou visão cabal de realidade; (2) como referência à organização social da ciência, em termos de escolas de pensamento associadas a tipos particulares de realizações científicas; e (3) como referência ao

uso concreto de tipos específicos de ferramentas e textos para o processo de resolução de quebra-cabeças científicos.

Para Morgan (2007) os quatro paradigmas podem ser descritos da seguinte maneira: paradigma funcionalista, paradigma interpretativista, paradigma humanista radical e o paradigma estruturalista radical.

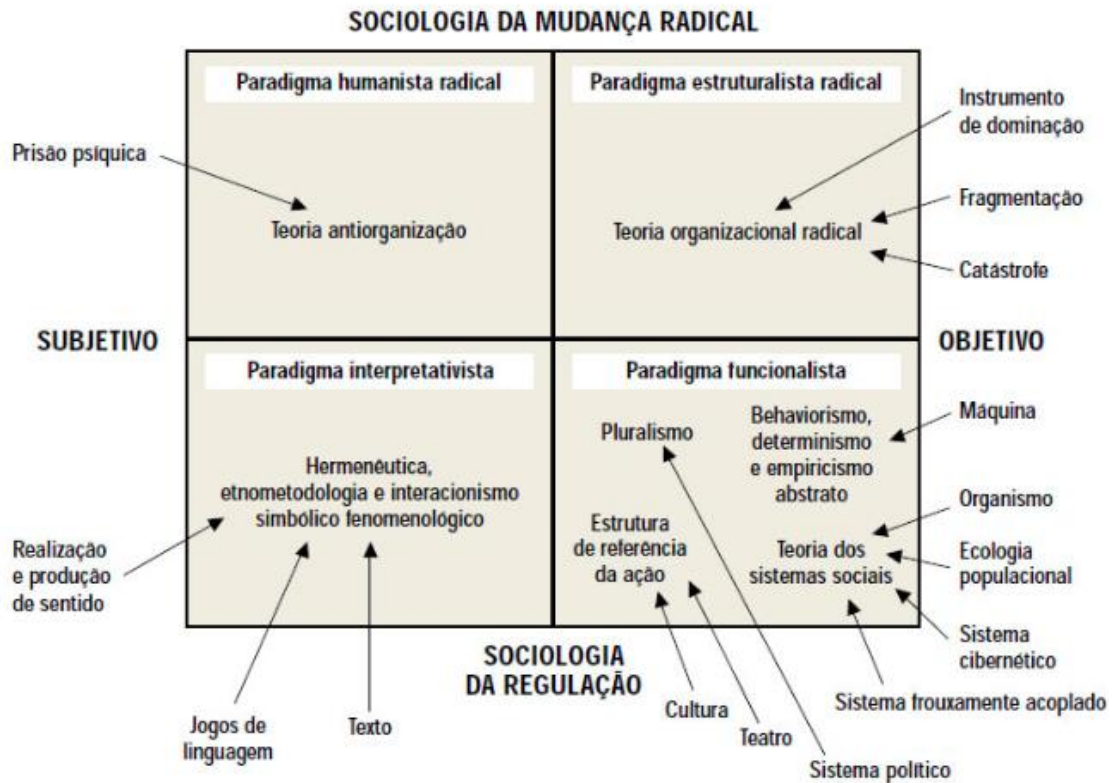
O paradigma funcionalista, pressupõe que a sociedade tem existência concreta e real, assumindo um caráter sistêmico orientado para produzir um estado de coisas ordenado e regulado. Esta perspectiva é fundamentalmente reguladora e prática, em sua orientação básica, e está interessada em compreender a sociedade de maneira que produza conhecimento empírico útil.

Por outro lado, o paradigma interpretativista pressupõe que a realidade social não existe em sentido concreto, mas é produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos. A sociedade é entendida a partir da perspectiva do participante e não do observador. A ciência é considerada uma rede de jogos de linguagem baseada em grupos de conceitos e regras subjetivamente determinados, que os praticantes de ciência inventam e seguem.

O paradigma humanista radical pressupõe que a realidade é socialmente criada e sustentada, assim como o paradigma interpretativista, contudo é vista pela perspectiva de uma patologia da consciência, na qual os seres humanos se aprisionam dentro de fronteiras da realidade que eles mesmo criam. Os processos de criação da realidade podem ser influenciados por processos psíquicos e sociais que canalizam, restringem e controlam as mentes dos seres humanos, alienando sua natureza humana. Este paradigma tem o interesse de descobrir como as pessoas podem associar pensamento e ação como um meio para transcender esta alienação.

E, finalmente, o paradigma estruturalista radical que está vinculado a uma concepção materialista do mundo social, é definido por estruturas sólidas concretas e ontologicamente reais. Ele pressupõe que a realidade como algo que existe por si próprio, de forma independente de como é percebida e reafirmada pelas pessoas no dia a dia. Tem interesse em compreender as tensões intrínsecas entre elementos antagônicos que levam a uma mudança radical no sistema como um todo, e a maneira como os detentores do poder na sociedade procuram controlá-las por meio de vários modos de dominação.

Figura 1 – Paradigmas, metáforas e escolas relacionadas de análise



Fonte: Morgan (2007, p.15).

A figura 1 representa a síntese dos quatro paradigmas “em diferentes conjuntos de pressuposições metateóricas sobre a natureza da ciência, a dimensão subjetiva-objetiva, e a natureza da sociedade, a dimensão da mudança por regulação ou por via radical” (MORGAN, 2007, p. 15). Esses paradigmas mostram as bases opostas de análise social as quais refletem as visões diferentes para os estudos organizacionais. Porém, a proposta de Burrell e Morgan (1979) têm sido criticada e faz parte de diversos conflitos na área dos estudos organizacionais por serem criados baseados na ideia de incomensurabilidade paradigmática de Kuhn (1971).

Kuhn (1971) ilustra que os paradigmas são incomensuráveis entre eles, pois não têm uma demonstração efetiva da verdade de um frente ao outro. O autor afirma que existe um enfrentamento entre os paradigmas pela diferença dos idiomas que não só pressupõem teorias explicativas diferentes, mas também os métodos de experimentação e verificação divergentes. Paes (2016), aponta que os paradigmas rivais têm padrões científicos e definições diferentes. É assim que surge a ideia de incomensurabilidade dos paradigmas, gera-se um desentendimento na comunidade científica. Propõe-se então a necessidade de uma tradução das

diferentes linguagens criadas decorrer da construção da ciência, para que assim, haja um novo entendimento comum.

Pautando-se ainda no pensamento de Kuhn (1971, p. 149), o autor explica que as revoluções científicas são consideradas “como aqueles episódios de desenvolvimento não cumulativo em que um antigo paradigma é substituído, total ou parcialmente, por um novo e incompatível”, as quais deixam claro que a aceitação de um paradigma significa simultaneamente a rejeição do outro, no sentido da relação de incompatibilidade, ou seja, que dois paradigmas incompatíveis não podem ser aceitos respectivamente. Em relação à incomensurabilidade, por sua vez, ele coloca que: “A tradição científica normal que emerge de uma revolução científica não é apenas incompatível, mas também muitas vezes verdadeiramente incomparável” (KUHN, 1971, p. 166). Trata-se da consequência da recepção de um novo paradigma, o qual precisa de uma redefinição da ciência correspondente, quanto aos métodos, problemas, e padrões de solução aceitos pela comunidade científica.

Kuhn (1971) apresenta os principais motivos para a incomensurabilidade das tradições científicas normais, anteriores e posteriores às revoluções, que são: a) a incomensurabilidade de padrões, que é a discrepância dos seguidores de paradigmas rivais sobre os problemas que um paradigma ou um candidato a paradigma poderá resolver, e o fato de que seus padrões ou suas definições de ciência não são os mesmos; b) a incomensurabilidade de termos ou conceitos, que se refere às expressões comuns aos paradigmas sucessivos, e aparecem neles com significados diferentes, portanto, não há uma linguagem comum, com a qual os paradigmas sucessivos possam ser formulados; c) a incomensurabilidade formas de ver o mundo, descreve que os paradigmas são constitutivos a partir da nossa forma de ver o mundo, pois o que vemos depende não só daquele que nós vemos, mas também depende do que nossa previa experiência visual e conceptual tem nos ensinado ver.

Nesse debate, além da lógica explicativa de Kuhn (1971), surgiram várias batalhas entre os pesquisadores que levou a uma guerra paradigmática. Scherer e Steinmann (1999) classificou alguns dos autores de acordo com o debate do modelo sugerido por Burrell e Morgan (1979), onde os expõe segundo a suas posições:

Donaldson (1985) tem uma estratégia integracionista, na medida que procura integrar os paradigmas sob o rótulo do funcionalismo, negando a tese da

incomensurabilidade, pois não atribui *status* científico para os outros paradigmas, estabelecendo que os conceitos kuhnianos são válidos apenas no domínio funcionalista e positivista, situando assim um hegemonismo. O autor sugere combinar os paradigmas em um novo campo integrado que frequentemente aponta para o paradigma positivista como aquele que abriga as bases para essa integração.

Jackson e Carter (1991; 1993) seguem uma estratégia isolacionista, que busca proteger o pluralismo da pesquisa social contra a hegemonia funcionalista, defendendo a tese da incomensurabilidade, pois apontam que os paradigmas são mais competidores do que complementares, cada qual consagrando uma visão do mundo particular. Nesta perspectiva, não há pontos de contato linguístico ou analíticos entre os paradigmas, pois cada um recorre às pressuposições ontológicas, epistêmicas e metodológicas particulares.

Gioia e Pitre (1990), John Hassard (1991; 1993) e Lewis e Grimes (1999), entre outros, defendem uma posição intermediária entre o dogmatismo e relativismo, que seria a estratégia multiparadigmática ou pluralista. Embora tendam a aceitar a tese da incomensurabilidade, sustentam que um diálogo entre os paradigmas é possível.

Scherer e Steinmann (1999) mostram que essa discussão é como um “beco sem saída”, pois não existe compatibilidade nas diferentes posições paradigmáticas. Assim, propõem que é preciso deixar o pluralismo de teorias e paradigmas à medida que se desenvolvem e, possivelmente, se diferenciam ainda mais.

Desta forma, Paes (2016) conclui que o debate sobre a guerra paradigmática é estéril, pois não há possibilidade de consenso ou resolução do problema, mantendo-se no registro da lógica de Kuhn (1971) para o desenvolvimento do conhecimento, que é baseada em rupturas que estabelecem revoluções científicas e novos paradigmas. O autor relata que qualquer proposta alternativa ao modelo de Burrell e Morgan (1979) é incapaz de resolver a problemática, e apenas aprofunda as discussões.

Considerando que o centro da minha pesquisa é fundamentado no pensamento de Foucault, acredito que é necessário apresentar seu posicionamento epistemológico, o que facilita o entendimento da sua teoria e, posteriormente, da interpretação dos dados.

O pensamento pós-moderno, segundo Falcão e Caldas (2006), é um movimento teórico multidisciplinar que vai da filosofia à estética, às artes, à sociologia e até chegar ao campo dos estudos organizacionais. Este movimento caracteriza-se por diversos elementos que, em essência, se dissipam da objetividade e da racionalidade, como a globalização, o relativismo e o pluralismo. Os autores pós-modernistas argumentam que o conhecimento pode ser entendido à luz do tempo, espaço e contexto social em que são construídos por os indivíduos e grupos. Eles focam na relevância do discurso, do relativismo, da personalização e das relações de poder, que chamam de “construção” da verdade e do conhecimento, tendo assim uma conexão direta com os estudos de Foucault.

Best e Kellner (1991) acrescentam esta relação pela preocupação de Foucault com suas análises das bases institucionais do discurso, do ponto de vista, da posição de onde as pessoas falam, e o que relações de poder permitem e pressupõem. Os autores justificam como Foucault é uma fonte importante do pensamento pós-moderno pela sua crítica à modernidade, pelo humanismo com a proclamação da “morte do homem”, e pelo desenvolvimento das novas perspectivas sobre a sociedade, conhecimento, discurso e poder.

O pensamento foucaultiano pode se classificar na instância pós-moderna, pois, assim como explicam Best e Keller (1991) seu projeto foi escrever uma crítica a nossa era, que problematizasse as formas modernas do conhecimento, a racionalidade, as instituições sociais e a subjetividade, que parecem ser dadas e naturais, mas de fato são construtos sócio históricos, contingentes de poder e dominação.

Ibañez (2001, p.94) acresce a essa ideia, expondo a concepção do poder de FOUCAULT:

El poder es algo que produce cosas, es productivo y esta productividad del poder es lo que nos permite entender la indisoluble relación que establece Foucault entre poder y saber, saber y poder. Nosotros mismos estamos entre las muchas cosas que produce el poder: nos produce a nosotros mismos.

O poder, portanto, não é reconhecido como algo que limita o sujeito ou que restringe sua liberdade, o poder é algo que constrói o sujeito, que constitui o desejo e a liberdade. Ele não é uma instância negativa, é basicamente produtivo.

Partindo do debate paradigmático e da “classificação epistemológica” do autor principal deste trabalho, eu, como pesquisador nesta dissertação, me posiciono no paradigma interpretativista, fundamentado no modelo de Burrell e Morgan (1979), e no pensamento pós-modernista, que permitirem-me entender a visão da experiência dos sujeitos que foram na pesquisa, e respeitar a perspectiva da “realidade” que eles vivenciaram para tornarem-se “sujeitos”. “O teórico social interpretativista tenta compreender o processo pelo qual as múltiplas realidades compartilhadas surgem, se sustentam e se modificam” (MORGAN, 2007, p. 16). A produção do sentido vem diretamente do sujeito, e por meio da linguagem que ele nos transmite o pesquisador tenta interpretar o significado de suas experiências.

Segundo Burrell e Morgan (1979), o paradigma interpretativo procura entender o mundo como ele é, para entender a natureza fundamental do mundo social no nível da experiência subjetiva “busca explicação dentro do real da consciência individual e da subjetividade, no quadro de referência do participante em oposição ao observador da ação” (BURRELL; MORGAN, 1979, p. 28). Pretendeu-se entender a subjetividade que produz aos sujeitos e como ela fez sentido para eles na vivência de suas experiências, mantendo a perspectiva deles como a sua verdade.

Os pesquisadores interpretativos “se encaixam na profundidade da consciência humana e da subjetividade em sua busca pelos significados fundamentais que constitui a base da vida social” (BURRELL; MORGAN, 1979, p. 31). Os sujeitos olham a vida social como um processo que está imerso em uma realidade existente fora da consciência de qualquer indivíduo e esta é considerada pelas suposições e significados intersubjetivamente compartilhados.

A vida cotidiana é percebida como uma conquista milagrosa para o paradigma interpretativo. Existe uma tentativa de compreensão da essência deste mundo social cotidiano criado subjetivamente da forma como “ele é” em função de um processo contínuo. Isso condiz com o propósito desta pesquisa, pelo fato de tentar entender os significados que os sujeitos deram as suas experiências cotidianas vivenciadas no período de sua estadia no Brasil.

Depois de ter deixado claro meu posicionamento epistemológico é possível dar continuidade à classificação geral da pesquisa, esta que possibilitou a compreensão dos caminhos metodológicos e conceituais usados para a análise dos dados coletados.

3.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa-descritiva, por meio da qual pretendeu-se produzir descobertas em que não foram usados procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação, com o objetivo de descrever as características das experiências dos sujeitos e tentar compreender sua realidade por meio da interpretação dos dados coletados.

A pesquisa qualitativa reúne cinco características basilares e fundamentais, para Bogdan e Biklen (1994), apesar de nem todos os estudos abrangeram todas elas em mesmo grau, sendo alguns deles desprovidos de determinados aspectos. São elas: (i) a constituição do investigador como principal instrumento de coleta de dados em ambiente natural, principal fonte desses estudos; (ii) investigação essencialmente descritiva; (iii) interesse maior pelos processos que pelos resultados ou produtos; (iv) análise de dados que tende a ser realizada indutivamente; (v) e o significado das pessoas investigadas é extremamente relevante (MESQUITA; MATOS, 2014, p. 7).

A pesquisa é considerada descritiva, pois, segundo Prodanov e Freitas (2013), ela permite observar, registrar, analisar e ordenar dados, sem manipulá-los, para assim descobrir sua natureza, suas características, causas, e relações com outros fatos. O pesquisador tem que agir só como observador, sem fazer qualquer tipo de interferência ao objeto de estudo. Por sua vez, a análise deve ser realizada em seu ambiente natural, para uma maior veracidade do registro.

Inspirei-me na metáfora da pintura que, como diz Minayo (2004, p. 35), “nos inspira a ideia de uma projeção em que a realidade é captada como cores e matizas particulares, onde os objetos e as pessoas são reinterpretados e criados num processo de produção artística”.

É a partir dessa visão de mundo que desenvolvi a pesquisa, tentando compreender a natureza da experiência das pessoas entrevistadas em que os elementos subjetivos formaram parte de cada vivência e como eles foram assimilados. Portanto, utilizei uma abordagem interpretativa baseando-me “na ideia de que os esforços de pesquisa qualitativa devem preocupar-se em revelar realidades múltiplas, em oposição à busca de uma realidade objetiva” (GIBBS, 2009, p. 6, tradução própria). O entendimento do mundo depende completamente do olhar de cada pessoa, de quem atribuiu significados particulares a cada experiência da sua vida.

O instrumento de coleta de dados foi estabelecido de acordo ao interesse da pesquisa, considerando que o contexto da vida dos sujeitos foi completamente relevante para sua fala. Sendo assim, o relato foi coletado de maneira adequada com os instrumentos precisos.

A seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá dos vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 163).

Na presente pesquisa, entendo os indivíduos de estudo como sujeitos produzidos socialmente em um contexto histórico, respeitando eticamente seu entendimento e sua concepção do mundo, pois é com esta base contextual que eles dão o significado a cada experiência que vivenciam. Portanto, para a coleta de dados usei a técnica de história oral de vida, a qual me permitiu conhecer o contexto de onde o indivíduo foi se produzindo até a etapa que tive o interesse de compreender, neste caso, a experiência vivenciada pelo estudante em um programa de mestrado na UEL. Esta técnica é, segundo Freitas (2006, p.18), “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” com a finalidade de ser uma fonte histórica da qual se produz conhecimento.

Freitas (2006) divide a história oral em três gêneros distintos:

1. Tradição oral - Como método de preservação da sabedoria dos ancestrais, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra.
2. História de vida - Como um relato autobiográfico reconstituída do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo.
3. História oral temática - Como uma entrevista de ordem temática sobre um assunto específico.

Para minha pesquisa foi utilizado o gênero da história de vida pelo interesse em conhecer o contexto histórico dos sujeitos, contada a partir de sua própria perspectiva, da forma como eles assimilaram cada eventualidade e a importância do entorno onde eles foram produzidos. Esta metodologia considera o passado que é refletido no presente. Logo, “Entrevistas em profundidade são úteis

para aprender sobre as perspectivas dos indivíduos [...]. Eles são um método eficaz e qualitativo para levar as pessoas a falar sobre seus sentimentos, opiniões e experiências pessoais” (MACK *et al.*, 2005, p. 30, tradução própria).

Foi considerada a oportunidade para entender como as pessoas interpretam e ordenam seu mundo por meio da sua fala. É o “instrumento para orientar uma ‘conversa com finalidade’ [...] que contribua para emergir a visão, os juízos e as relevâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto, do ponto de vista dos interlocutores” (MINAYO, 2004, p. 99).

Kouritzin (2000), explica que a pesquisa de história de vida se centra na compreensão e na lembrança dos eventos que tem tido um impacto substancial no desenvolvimento dos sujeitos. O autor destaca a importância de priorizar a compreensão dos eventos na perspectiva dos participantes, seu impacto posterior, ou sua resolução na vida, visto que os eventos em si não são os fatos mais importantes para tomar em conta. A verdade que falam os participantes pode ser bem diferente da verdade histórica que aconteceu em sua vida, porém, tem uma força relevante em suas atitudes e ações.

Esta metodologia permite empregar: (a) relatos orais da vida do participante narrados pelo participante, (b) dados de entrevistas utilizados para complementar e ajudar compreender a história oral, (c) qualquer documento disponível (por exemplo, diários, cartas, registros escolares, documentos legais, recortes de jornais) corroborando ou contradizendo os eventos da vida do narrador, (d) entrevistas com terceiros para proporcionar informação adicional ou interpretações alternativas, (e) referência e comparação com outras investigações e exemplos, e (f) Análises e comparação entre as diferentes fontes.

Minayo (2004) esclarece que o símbolo representa a realidade para o sujeito qual foi se produzindo por meio das suas experiências vivenciadas, para a qual é sua verdade, sem a intensão de que a interpretação seja certa ou errada, mas que seja compreendida no contexto em que foi apresentado.

A linguagem está carregada de conteúdo, onde cada palavra pode ter uma ou várias significações historicamente socialmente construídas. Orlandi (1999), explica que é importante que em cada palavra seja possível distinguir a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão, que tenha sentido na língua, pela questão do idioma e sua estrutura gramatical (inteligível), afinal a interpretação colocada no contexto da fala e a sua compreensão, é como o objeto simbólico que produz sentido.

Segundo Kouritzin (2000), a narrativa tem uma importância particular na história de vida, porque precisa da presença de um outro que convida à interpretação da narrativa e colabora para associar ao contexto. Em um intercâmbio oral, a narrativa não está completamente ensaiada na cabeça do narrador na espera de ser recitada. Pelo contrário, a história de vida se cria na "Interlinguagem", ou seja, no diálogo construído entre o narrador e o investigador. Sendo assim, é importante compreender o contexto onde a fala é colocada, pois

[...] a linguagem não é examinada em abstrato, como fenômeno isolado, mas sempre em relação a uma situação, seja social, organizacional, psicológica e interativa, ou seja, o produto linguístico nunca é exclusivamente código, senão que é o código em situação" (GODOI, 2006, p.387).

O contexto, portanto, dá suporte as interpretações que estão compostas pelas subjetividades do sujeito, suas ações e seus objetos. Para Firth (1964), um contexto de situação apropriado ao estudo linguístico põe em relação as seguintes categorias: a) as características relevantes dos participantes, considerando sua ação verbal e sua ação não verbal; b) os objetos relevantes; e c) o efeito da ação verbal. Essas categorias do contexto geram mais possibilidades de interpretação.

A população escolhida para participar da presente dissertação foi determinada pelos objetivos que pretenderam-se atingir. Como Minayo (2004) afirma, é essencial que o pesquisador seja capaz de compreender o objeto de estudo, pois há a necessidade de um maior aprofundamento e abrangência da compreensão ao discutir sobre a questão da amostragem na pesquisa qualitativa. Uma amostra ideal é aquela que reflete as múltiplas dimensões do objeto de estudo e que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas definições. Considerando que os entrevistados contaram com as características determinantes para esta pesquisa, e que a teoria pesquisada conseguiu sustentar os dados coletados no campo, a informação coletada sobre a experiência de cada sujeito pretendeu ter a suficiente profundidade para conseguir entender sua natureza.

Colocando-me na mesma situação da população que se pretendeu compreender, o foco foram estudantes latino-americanos selecionados pela Organização dos Estados Americanos (OEA), falantes de espanhol, dos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu* na Universidade Estadual de Londrina, Brasil. O interesse foi compreender a experiência de cada um deles considerando a

particularidade da sua situação no Brasil: um estudante bolsista estrangeiro, falante de espanhol como língua materna, que teve obrigações tanto com a Universidade, pela bolsa outorgada pelo governo brasileiro, com o programa do Mestrado, como todos os demais mestrados e com a instituição.

A OEA em parceria com o Grupo Coimbra de Universidades Brasileira (GCUB), a Divisão de Temas Educativos do Ministério de Relações Exteriores do Brasil e a Organização Panamericana da Saúde (OPS/OMS), ligado ao Programa da Alianças para a Educação e o Treinamento (PAEC OEA-GCU) apoiam estudantes com educação superior nas Américas, por meio de bolsas para programas de Mestrados e Doutorados recomendados pelo Ministério da Educação do Brasil e ofertadas pelas universidades brasileiras parceiras do GCUB. O principal motivo desta iniciativa é desenvolver relações acadêmicas, científicas e culturais entre instituições, e promover a internacionalização universitária. Assim, todo ano é realizada uma convocatória, que regula a seleção dos candidatos por meio de um processo seletivo para a liberação de bolsas de estudo para programas de mestrado e doutorado em universidades brasileiras (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2018).

Na seleção dos sujeitos para entrevistar foi utilizada a técnica da “bola de neve” sugerida por Sierra (1988), a qual consiste em recrutar entrevistados pelas redes sociais naturais, ou seja, por meio de amigos, parentes, contatos pessoais e conhecidos. Ela recomenda fazer o convite precedido por um contato realizado através dos canais naturais nos quais o sujeito desenvolve suas atividades cotidianas.

É importante, para Godoi e Mattos (2006), ter uma previa preparação das condições de entrada no cenário social e aproximação dos participantes, para assegurar uma interação conversacional cooperativa, como na disponibilidade dos participantes, a viabilização do acesso ao espaço onde vão se encontrar os participantes, a minimização do impacto da presença do pesquisador como sujeito externo ao ambiente social dos entrevistados, a redução da interferência do pesquisador nas atividades dos sujeitos e a preparação de uma sistemática continuidade da presença dos sujeitos na situação da entrevista.

Considerando a flexibilidade do pesquisador para voltar ao campo e aumentar o número das entrevistas ou sua profundidade “[...] o número de pessoas é menos importante do que a teimosia de enxergar a questão sob várias perspectivas, pontos de vista e de observação” (MINAYO, 2004, p.103). No caso de saturação de informação, significa que não é necessário sair ao campo e fazer mais entrevistas,

“Saturação significa que, a medida que vá vivenciando casos similares, o investigador adquire confiança empírica de que não mais se encontrar dados adicionais que possam contribuir para o desenvolvimento de propriedades da categoria” (GODOI; MATTOS, 2006, p. 309). Ou seja, quando a mesma informação começa se repetir em diferentes sujeitos, sendo redundante, e os dados coletados não permitam fazer mais interpretações que aportem à pesquisa, pode-se entender que há suficiência de informação, sem depreciar nenhum dado coletado.

Segundo Minayo (2004), no processo de definição dos informantes-chave, ou seja, os entrevistados, é necessário focar com aprofundamento e abrangência da compreensão do grupo social com o qual a pesquisa se relaciona, pois a qualidade das informações levantadas vai depender da escolha daqueles que as proverão. Ela aponta que a amostragem qualitativa:

(a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; (b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; (c) entende que na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhantes e diferenças; (d) esforça-se para que a escolha do *locus* e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa (MINAYO, 2004, p.102).

Considerando que para a interpretação dos dados é necessário o entendimento da fala dos entrevistados e, sendo o espanhol o meu idioma materno, foram realizadas entrevistas, dirigida por um roteiro preestabelecido, a estudantes latino-americanos que têm também espanhol como primeiro idioma. É importante considerar que o significado da fala está imerso para além das palavras. Para conseguir entender é necessário a compreensão integral do idioma tal como foi apreendido pelo sujeito. “Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra posição discursiva” (ORLANDI, 1999, p. 60). Por isso, os alunos estrangeiros escolhidos para este estudo foram originários de países latino-americanos.

Para as entrevistas, foi utilizado um roteiro (Apêndice 1), em espanhol, elaborado pelo autor da dissertação. As informações coletadas foram utilizadas somente com propósitos acadêmicos. Como explica Godoi e Mattos (2006), é importante compreender os significados que os entrevistados atribuem às questões

e situações relativas ao tema de interesse, pois permitem recolher dados descritivos na linguagem do sujeito e desenvolver uma ideia sobre a maneira como as pessoas interpretam aspectos do seu mundo. Desta forma é possível captar as elaborações do entrevistado e fundamentar seu entendimento do mundo referentes ao tema pesquisado.

Um roteiro de entrevista é “caraterizado pela preparação desse roteiro e por dar ao entrevistador flexibilidade para ordenar e formular as perguntas durante a entrevista” (GODOI; MATTOS, 2006, p. 304), que, sendo flexível, precisa cobrir todas as questões do roteiro estabelecido, e pode se aperfeiçoar ou se adaptar em função da necessidade de obter outros tipos de dados nas saídas de campo.

Desta forma, se fez uma entrevista, na qual, como explica Sierra (1988), o objeto de investigação está constituído pela vida, experiências, ideias, valores e estrutura simbólica do entrevistado. Logo, o objetivo é dar flexibilidade para que o entrevistado possa falar sobre o que é importante para ele naquele momento, trazendo lembranças com alto conteúdo simbólico e que possivelmente marcaram sua vida. “Ao contar suas experiências, o entrevistado seleciona e organiza os acontecimentos de acordo com suas referências do tempo presente, imprimindo-lhes um sentido e transformando em linguagem aquilo que foi vivenciado” (ICHIKAWA; SANTOS, 2006, p. 194).

Ichikawa e Santos (2006) apresentam três condições consideradas essenciais na entrevista qualitativa: a) que o entrevistado possa expressa-se seu modo face ao estímulo do entrevistador, b) que a fragmentação e ordem das perguntas não sejam tais que prejudiquem essa expressão livre, e c) que fique também aberta ao entrevistador a possibilidade de inserir outras perguntas ou participações no diálogo, conformo o contexto e as oportunidades, tendo sempre em vista o objetivo geral da entrevista.

Este tipo de entrevista revela o trabalho da linguagem e cristaliza as imagens que remetam àquela experiência, trazendo de volta o significado que ela produziu. Alberti (2002) destaca que uma entrevista contém não apenas histórias dentro dela, mas também análises e avaliações do passado e do presente, silêncios, interditos e toda uma série de elementos que podem informar sobre visões de mundo e elaborações subjetivas.

Para o registro das entrevistas, segundo Ichikawa e Santos (2006) é valido levar as seguintes considerações: O uso da gravação direta, uma vez que

registra todas as expressões orais, contudo, só deverá ocorrer se houver autorização do entrevistado. Assim, é importante realizar anotações, durante e depois da entrevista, sobre aspectos como gestos, posturas, expressões faciais, que a gravação não permite registrar.

A análise dos dados, como núcleo central da pesquisa, segundo Marconi e Lakatos (2003), representa a aplicação lógica dedutiva e indutiva do processo de investigação, pois a importância dos dados não está em si mesma, mas sim no fato de proporcionarem respostas às investigações.

As falas dos sujeitos em estudo nesta dissertação foram percorridas no idioma original, o espanhol, pela natureza da metodologia que é usada. No rodapé da página, porém, existe a tradução para o português de cada colocação para facilitar a compreensão do leitor.

Nesse sentido, para a análise da minha pesquisa, foi utilizada a metodologia de análise de narrativas, que para Nunes *et al.* (2017) é um instrumento que tem sido aplicado como uma das formas de atingir objetivos em pesquisas de cunho qualitativo, que visa explorar não apenas o que é relatado, mas também como é relatado. Como por exemplo, as características para-linguísticas: tom da voz, mudanças na entonação, pausas, expressões, entre outras. São importantes para entender o que não foi dito em palavras e complementar a análise do pesquisador.

Para Bruner (1986), o mundo da narrativa é criado por nós. O ato de contar uma história envolve a nossa capacidade de memória a partir de filtros afetivos e, portanto, não representa os fatos. A nossa reportagem é seletiva e dependente do que se quer transmitir, para quem e com qual finalidade. Nós organizamos nossas experiências e nossa memória dos acontecimentos humanos prioritariamente através das narrativas, histórias, desculpas, mitos, motivos para fazer ou não alguma coisa etc. Nós recriamos o contexto do evento narrado, e sendo assim, a narrativa reflete muito mais uma construção social do que uma representação do que aconteceu.

A narrativa de experiências pessoais, segundo Labov e Waletzky (1967), é uma recapitulação de experiências passadas por meio de enunciados cuja ordem refletem a sequência de eventos ocorridos. Logo, esse método de análise dos dados indica que é preciso que se remeta a uma experiência única e não a um hábito comum do passado. Bastos e Biar (2015) definem narrativas como a fala construída na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situações de entrevistas.

Nesse sentido, as narrativas podem ser consideradas como representações ou interpretações de uma história, no qual não se deve julgar como um relato verdadeiro ou falso, que não permite sua comprovação, pois são caracterizadas por expressar a verdade sobre um ponto de vista em determinado contexto de tempo e espaço. Por intermédio da nossa fala, nós recriamos e reconstruímos tanto a realidade que nos cerca quanto aquilo que somos e o que queremos ser, assim como o que queremos que os outros achem que somos.

Lavbov (1972) proporciona um esquema de apresentação, que contém elementos obrigatórios e não obrigatórios do relato, por meio dos seguintes componentes estruturais:

- a) O resumo é um elemento não obrigatório que oferece uma apresentação breve sobre o que será a narrativa. Contextualiza a história, identificando o que aconteceu, com quem, onde e quando.
- b) A orientação também não é um elemento obrigatório, ele tem o objetivo de situar o evento que será narrado para o ouvinte, podendo ser colocado em outros momentos, intercalada a outros componentes da narrativa.
- c) A ação é o único elemento realmente obrigatório, pois é a parte mais importante da narrativa. Refere ao que aconteceu, a partir da enumeração de orações narrativas em sequência temporal enunciadas no passado.
- d) A resolução é a parte da narrativa que apresenta a consequência da ação complicadora. Esta é a etapa de finalização da série de eventos da ação complicadora.
- e) A avaliação é o momento em que o narrador indica o ponto da história, ou seja, justifica porque está contando-a e reafirma a relevância de sua história. A avaliação revela a atitude do narrador face à narrativa, enunciando o seu alinhamento perante o que ele conta. O narrador interrompe o curso de sua narrativa e emite uma observação avaliativa: uma opinião, emoção, atitude, acerca do que conta, e a avaliação encaixada, na qual os elementos avaliativos podem surgir por meio de intensificadores como o uso de gestos ou fonologia expressiva, de intensificadores lexicais (advérbios ou

adjetivos), aumentando ou diminuindo o ritmo da fala, entre outras possibilidades.

f) A coda demarca o fim da narrativa e traz o narrador e o ouvinte de volta à conversa e ao momento presente da interação. Muitas vezes a coda contém julgamentos morais do narrador, ou seja, uma avaliação sobre os eventos narrados, sendo por isso também chamada de coda avaliativa.

É importante demarcar que o analista dificilmente é neutro na interpretação dos dados, pois “não se restringe somente às escolhas deliberadas, racionais, sugere também o envolvimento do investigador, por vezes inconsciente, na realização de um trabalho de campo” (SANT’ANA, 2010, p. 372). A autora explica que o pesquisador envolve elementos conscientes ou inconscientes que perpassam as atitudes adotadas por ele em seu campo de investigação, dos temas escolhidos, na relação com os sujeitos. Que sempre vai existir uma interferência do jogo relacional nascido das interações pesquisador-pesquisado naquele objeto da pesquisa.

No meu caso, como pesquisador, a interferência com os sujeitos participantes da minha pesquisa foi iminente, pelo fato de ter vivenciado as mesmas circunstâncias dos sujeitos, que permitiu ter uma compreensão aprofundada das entrevistas e das vivências que aconteceram no mesmo campo que fiz meu estudo e onde eu vivencie a minha experiência. Isso, não representa um problema, pois, segundo (SANT’ANA, 2010, p. 372):

Hoje é amplamente aceito que nenhuma área do conhecimento pode escapar das dificuldades produzidas pela subjetividade do investigador, pois este, ao escolher o objeto de sua investigação, já traz consigo a influência do seu contexto de inserção, de seus grupos de referência, de suas preferências intelectuais do momento e de suas idiossincrasias.

Nesse contexto, a transferência intersubjetiva entre o pesquisador e pesquisado tem a vantagem de uma aproximação e entendimento, pois “ as formas de participação e as implicações subjetivas do pesquisador tencionam o trabalho de investigação, mas a elucidação desses elementos facilita novas compreensões da realidade” (SANT’ANA, 2010, p. 376) que assegura um olhar mais complexo sobre o fenômenos estudado.

Porém, é necessário que o pesquisador seja relativo na face da interpretação “é preciso que ele atravesse o efeito da transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito” (ORLANDI, 1999, p.61), devido justamente à ideologia que caracteriza o sujeito, suas ideias, seu caráter e história que ele vivenciou para se produzir como sujeito. “Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 1999, p. 61) permitindo ter perspectiva para fazer uma análise mais ampla e com maiores possibilidades de interpretação.

Recomendou-se a intervenção da teoria a todo momento, para assim “reger” a relação do analista com o seu objeto, seus sentidos e sua interpretação. Desta forma a interpretação dos dados foram o menos subjetiva possível, especificando o modo de produção dos sujeitos em observação.

É importante ressaltar que na interpretação dos dados o termo “estrangeiro”, ou qualquer que faça referência aos sujeitos de estudo, é manifestado em alusão somente para o espaço de interação dos estrangeiros, ou seja seu entorno de convívio, e aos indivíduos que participaram das entrevistas. Essa menção feita a fim de evitar a universalização das terminologias e das interpretações referentes as experiências relatadas nesta pesquisa.

4 ANÁLISE DE DADOS

Nessa pesquisa foram realizadas entrevistas com quatro sujeitos de países que têm espanhol como idioma mãe. Por questões de confidencialidade, eles foram citados por meio de apelidos que fazem referência a seu país de origem. Nesse sentido os quatro sujeitos são: Panamá, Chile, Equador e Nicarágua.

- Panamá: Mulher de 25 anos, fez o mestrado em direito negocial na Universidade Estadual de Londrina, ano 2017-2019.
- Chile: Homem de 32 anos, fez o mestrado em geografia na Universidade Estadual de Londrina, ano 2017-2019.
- Equador: Homem de 30 anos, fez o mestrado em ciência animal na Universidade Estadual de Londrina, ano 2017-2019.
- Nicarágua: Homem de 31 anos, fez o mestrado em ciência da informação na Universidade Estadual de Londrina, ano 2017-2019.

Para o entendimento das falas dos entrevistados e as interpretações do pesquisador, me permito colocar que os quatro entrevistados se apresentaram por meio das suas falas como sujeitos heterossexuais, que nas suas experiências antes do Brasil, tinham tido pouco contato com o tema LGBT¹. A orientação sexual dos indivíduos nesta pesquisa é relevante sobretudo para o leitor ter claro a posição e percepção dos sujeitos de onde se colocam suas falas.

É interessante conhecer o contexto de vida de cada sujeito antes de sua viagem para Brasil, uma vez que isso nos permite entender os motivos que os levaram a tomar a decisão de mudar de seu lugar de origem para um lugar completamente diferente, ademais, essas informações nos possibilita conhecer os sujeitos do estudo antes e depois de sua experiência em Brasil.

Os quatro sujeitos fizeram parte do programa de desenvolvimento profissional oferecido pela Organização dos Estados Americanos (OEA), o que significa que participaram de um processo seletivo para o qual era necessário submeter três ensaios explicando os motivos pelos quais tem o interesse de fazer um estudo de mestrado (*stricto sensu*) em universidades estaduais e federais do Brasil, além da submissão de mais outras documentações. O programa inclui uma bolsa de

¹ Acrônimo que representa à orientação sexual ou a identidade de gênero para lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transexuais.

estudos para os estudantes, estabelecida mediante regimento da CAPES e o cumprimento das obrigações estabelecidas individualmente por cada programa.

Os quatro sujeitos de estudo chegaram ao Brasil nas mesmas condições, com uma oferta acadêmica de mestrado numa universidade estadual ou federal do Brasil, e os mesmos meios de subsistência durante o tempo que durar o programa. Somente Panamá teve apoio econômico por parte de seus pais, porém ela só os contatava em casos de emergência. No caso de Chile, fazia trabalhos esporádicos para a última empresa que ele trabalhou, contando com um ingresso adicional ocasional. Todos os sujeitos contavam com respaldo econômico de poupanças ou capital resultado da venda de seus bens em seus países de origem. É importante indicar que a interação com o meio dos sujeitos estava associada ao seu programa de estudos, suas relações interpessoais casuais e de contato esporádico de acordo a seus interesses pessoais como esportes, academia, grupos de estudo, entre outros.

De forma geral os quatro sujeitos antes de chegar ao Brasil tinham um propósito similar: estudar fora de seu país de nascimento e de experimentar uma vivência nova que os colocara fora da sua zona de conforto.

Tome la decisión de ir a Brasil específicamente porque llega un momento de la vida en que uno siente que tiene que dar un paso hacia delante, entonces, decidí que la mejor decisión era salir a estudiar aplicar a un beca [...] la idea era crecer y salir de la rutina, pensar un poco más en el futuro, y yo se que una maestría te permite mejores oportunidades porque te hace mas competitivo y decidí hacer eso y creo que es la forma como uno piensa la vida, como percibe la realidad en un país diferente. (NICARAGUA, 2019)².

Estudar fora do país de origem faz parte de um discurso inserido em certas sociedades, que está associado a uma categoria social importante, de certo prestígio e de reconhecimento profissional, somando que o programa de estudos seja oferecido em outro idioma e outorgada por mérito de uma bolsa de estudos. Realizar um programa de doutorado, pós-graduação ou de especialização por uma universidade bem avaliada, permitirá ser um profissional mais competitivo, melhor

² Tomei a decisão de ir para o Brasil específicamente porque chega um momento da vida que você sente que tem que dar um passo à frente, então, decidí que a melhor decisão era sair estudar, aplicar uma bolsa [...] a ideia era crescer e sair da rotina, pensar um pouco mais no futuro, e sei que o mestrado te permite melhores oportunidades porque te faz mais competitivo e decidí fazer isso e acho que é a forma como a gente pensa da vida, como percebe a realidade num país diferente (Tradução própria).

preparado e apto para afrontar maiores desafios. Nicarágua mostra o interesse de melhorar, de crescer e de pensar em seu futuro. Tal pensamento é ligado ao discurso que, de certa forma, nos exige treinamento contínuo e desenvolvimento de nossas capacidades. No entanto, “sair da rotina”, como ele menciona, está relacionado a procurar algo diferente, algo novo, desconhecido, que pode ser interpretado como ânsias de aventura, de novas emoções e experiências distintas. Ou seja, além de cumprir a imposição social, de fazer um estudo de pós-graduação fora do seu país de origem, o estudante consegue alcançar um interesse pessoal de tornar sua rotina em algo mais interessante.

A realidade que apresentava cada um estava ligada a seus laços familiares, de amizade, ao sistema social de seus países e à dinâmica de vida que tinham se acostumado durante seu desenvolvimento pessoal e profissional. “Yo vivía mucho en una fantasía (risas) porque gracias a Dios a mi nunca me faltó nada en mi casa, aquí tampoco, pero obviamente si he tenido que reducir ciertas cosas” (PANAMÁ, 2019)³. Fantasia que Panamá coloca pela condição financeira que estava habituada, pois a falta de conhecimento sobre administração do capital econômico que mostra durante a entrevista, permite interpretar que tinha uma dependência considerável de seus pais, e que no Brasil foi a primeira vez que teve que lidar com o controle das suas finanças. Circunstância, ou uma delas, que pode ter sido um motivo para que Panamá decidisse sair da sua zona de conforto.

Estaba trabajando en un negocio propio medio tiempo y medio tiempo en una empresa privada. En el negocio propio me estaba yendo bien, se tenían buenos ingresos, mas no me sentía bien conmigo mismo, en que sentido? Quería seguir estudiando (EQUADOR, 2019)⁴.

Equador manifesta que além da condição profissional favorável que estava acontecendo na sua vida, estava precisando de uma mudança, pois não se sentia bem consigo mesmo, acreditava haver alguma inconformidade, ou uma ameaça que estava desequilibrando sua plenitude, assim ele começou a estudar uma

³ Eu vivia muito numa fantasia (risada) porque graças a Deus nunca me faltou nada na minha casa, aqui tampouco, mas obviamente tive que reduzir certas coisas (Tradução própria).

⁴ Estava trabalhando em um negócio próprio meio período e meio período numa empresa privativa. No negócio próprio estava indo bem, tinha bons ingressos, mas não me sentia bem comigo, em que sentido? Queria seguir estudando (Tradução própria).

opção para sair daquela condição, bem como encarar uma necessidade ou fugir de uma dificuldade.

Sair da zona de conforto permite abrir campo a novas oportunidades, expandir horizontes e sacrificar as comodidades que nos oferece o conhecido e o estável, na procura de cumprir sonhos, metas ou aquilo que o mesmo sistema nos exige para seguir crescendo socialmente.

Tenia trabajo, tenia así muchas cosas como de tranquilidad para estar bien, pero ese era como mi sueño, estudiar, vivir fuera, así que con la beca de la OEA, yo llegue acá a Brasil, ahí que tome la decisión de venir, deje todas mis cosas y vamos por esta aventura. (CHILE, 2019)⁵.

Chile mostra um interesse pessoal similar ao de Nicarágua, aquela vontade de estudar e de vivenciar uma nova experiência, só que a palavra aventura esta explicita em sua fala, assim como a palavra “sonho”, que sugere ilusão e fantasia da experiência, expectativas ilusórias sobre o novo e as emoções que estão envoltas. O programa de estudo que os sujeitos obtiveram foi o ideal para alcançar seus objetivos pessoais e profissionais, pois não perderam a continuidade com sua carreira profissional enquanto puderam se expor à novas vivências.

Uma nova experiência permite, como disse Barros (2009) arrancar o sujeito de si mesmo, tanto como para chegar à sua dissolução, pois o sujeito ao se inserir numa nova “aventura”, está se colocando numa posição na qual terá uma transformação que produzira um novo sujeito. Consciente ou inconscientemente os sujeitos de estudo estavam procurando esta mudança de vida, procurando sair da rotina, crescer profissionalmente, conhecer perspectivas diferentes de mundo, ou somente para experimentar algo novo. A decisão, portanto, determinou uma mudança importante em suas vidas. Os sujeitos fizeram uso deste recurso para transformar a realidade que estavam vivenciando, por diversos motivos que incluem uma necessidade de crescimento, de inconformidade, de atividades mais instigantes, de cumprir fantasias, de sobressair do comum ou como uma retirada sutil para um novo tipo de existência. O comum denominador entre os sujeitos pode se dizer que é a

⁵ Tinha trabalho, tinha assim muitas coisas como de tranquilidade para estar bem, mas esse era como meu sonho, estudar, viver fora, assim que com a bolsa da OEA, eu cheguei aqui no Brasil, lá tomei a decisão de vir, deixei todas minhas coisas e vamos para esta aventura (Tradução própria).

esperança de uma transformação, da mudança da sua realidade e a expectativa de algo que proporcione maior satisfação em sua vida.

No tópico seguinte apresenta-se a análise dividida em categorias, onde vou mostrar como, por meio da experiência, os sujeitos desse estudo vivenciaram sua transformação na sua visão de mundo e o conhecimento de si mesmos. Assim como Foucault (2012) adverte que toda experiência traz mudanças, se expor ante novas vivências possibilita uma transformação com novos horizontes de compreensão, de olhares de vida, de pensamento e sentimento pelo que se mede, se avalia e diz de si mesmo.

A análise está dividida nas seguintes categorias e subcategorias: Cultura (costumes, diversidade, idioma); Relações de poder (relações interpessoais, vantagens e desvantagens de ser estrangeiro); Experiência e produção do sujeito (momentos críticos e sujeito depois do Brasil).

4.1 CULTURA

Considerando que a cultura é um conjunto de conhecimentos, ideias, tradições e costumes que caracterizam um povo, uma classe social ou um determinado grupo social, onde o sujeito é constituído por ela, “[...] sendo a mesma tomada como prática social que, ao forjar sentidos, ganha efeitos de verdade, institui modos de viver, de ser, de compreender, de explicar a si mesmo e o mundo” (BERNARDES; GUARESCHI, 2004, p. 3). Entende-se a cultura como sistemas ou códigos de significados para interpretar, organizar e regular a conduta dos indivíduos que permitem dar sentidos as suas ações, as ações dos outros, e forjar suas subjetividades (HINNINGEN; GUARESCHI, 2006). A partir deste entendimento de cultura, vou dar início a análise abordando o impacto que a cultura brasileira teve na interação dos sujeitos de estudo.

Inicialmente nenhum deles tinha tido alguma aproximação com a cultura do Brasil, somente por meio daquilo que os meios de comunicação divulgam, ou pela informação que se difunde na sociedade e chega a nossos ouvidos, como por exemplo o carnaval no Rio de Janeiro, o futebol, o samba e a caipirinha. Estereótipos, que Lippmann (1998), define como estruturas de conhecimento que servem como imagens mentais dos grupos em questão. Traços particulares que vemos e

características de grupos sociais que diferencia um grupo do outro, neste caso, como a cultura brasileira é percebida pelo olhar geral das pessoas de fora do Brasil e é categorizada por uma percepção simplista. São percepções ainda muito elementares e básicas que dizem respeito ao Brasil, mas, essa informação está perto da sua realidade? Tem outras características que só quem mora no Brasil consegue identificar? São perguntas que a seguinte análise vai me permitir explorar mais a profundidade.

[...] tienen una cultura muy distinta, entonces, tanto religioso, tem muita diversidad de creencias [...] La calidad de carne me gusto demás, que más te puedo hablar? Las mujeres también, son bonitas, un demás (risas) esa mescla, es excelente [...] Londrina fue para mi una ciudad que me trato bien, tanto en amistad, como mujeres, bebidas (EQUADOR, 2019)⁶.

Equador por meio da sua percepção geral da cultura brasileira dissemina os estereótipos estabelecidos, o julgamento sobre o Brasil como país fonte de mulheres, sendo estas mulheres objetificadas como produto de apreciação masculina. Coloca também a questão da mestiçagem como resultado positivo da “mistura” entre raças e a avalia ela como um símbolo de desejo.

O impacto de uma cultura diferente se percebe sobretudo na interação com o outro, pois é como se transmite seu significado e o modo de responder ante alguns fenômenos sociais. É assim como os sujeitos de estudo sentiram uma grande mudança, na diferença do comportamento do brasileiro em sociedade:

[...] las fiestas son culturalmente comparado con Chile, una locura *huevo*, eso de las chicas que besarse con tanto hombre en una fiesta, por ejemplo, nunca lo vi en Chile, como que en Chile es mas conservador, de parejas, como de conquistar, de ese romanticismo (CHILE, 2019)⁷.

O preconceito, segundo Stangor (2009), entende-se como uma atitude negativa sobre um grupo ou os membros que pertencem a ele, que é justamente a percepção de Chile sobre o comportamento do brasileiro, que generaliza

⁶ Tem uma cultura muito diferente, então, tanto religioso, tem muita diversidade de crenças [...] A qualidade da carne gostei demais, que mais posso te falar? As mulheres também, são bonitas demais (risada) aquela mistura, é excelente [...] Londrina foi para mim uma cidade que me tratou bem, assim em amizade, como mulheres, bebidas (Tradução própria).

⁷ As baladas são culturalmente comparado com Chile, muito loucas *mano*, isso das mulheres beijarem com tanto homem numa balada, por exemplo, nunca vi no Chile, no Chile é mais conservador, de casais, como de conquistar, daquele romantismo (Tradução própria).

um fenômeno social como uma prática comum no Brasil, e é julgada negativamente. A categorização social é um processo natural que acontece espontaneamente na percepção social cotidiana e é impulsada por desejos de simplicidade para diferenciar indivíduos entre categorias e aproximar indivíduos com características similares. Chile compara os costumes de seu país com costumes brasileiros, dando ênfase nas práticas passionais entre indivíduos, com influência de preconceitos ligados ao comportamento “certo” da mulher e a forma da conquista “certa” entre indivíduos.

Foucault (1988) explica que nas sociedades modernas o sexo não é condenado a permanecer na obscuridade, mas sim tem sido devotado falar sempre dele, valorizando-o como segredo. Nesse contexto, Chile é o espelho dos costumes e o pensamento ligado a sexualidade na sua sociedade, que julga comportamentos desinibidos sobre sexualidade expostos em eventos sociais, como práticas que em seu país não acontece frente a outras pessoas, mas sim de forma privada. Ou seja, em algumas culturas, que se chamam de conservadoras, o sexo é censurado, não proibido, para discuti-lo socialmente como algo natural, próprio do ser humano, sendo julgado principalmente pela ideia de exibicionismo, pois enquanto seja praticado dentro de quatro paredes é “aceito” e valorizado, como o segredo que expõe Foucault (1988, p. 9) “A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa”.

El hombre brasileño es mas cariñoso, como se dice, como más preocupado en tratar bien a la mujer, uno tiende hacer una comparación pues, aunque uno no quiera, yo sentí que el hombre panameño es mas seco [...], con el que yo salí había mucho eso de sí, que un besito, que un cariñito, que te toca el cabello, el abrazo (PANAMÁ, 2019)⁸.

Panamá se sente confortável com aquela ideia da desinibição afetiva que no seu país possivelmente é mais limitado, ou julgado socialmente, pois expressa satisfação no flerte do brasileiro e o compara com os costumes do seu país em um sentido de inconformidade e desaprovação. Assimila-se a realidade de Chile pela diferença de expressar o interesse no outro e o preconceito que está estabelecido em sua sociedade. O casal, legítimo e procriador, segundo Foucault (1988), é aquele que

⁸ O homem brasileiro é mais carinhoso, como se diz, como mais preocupado em tratar bem à mulher, a gente tem que fazer uma comparação pois, ainda eu não queira, eu senti que o homem panamenho é mais seco [...], o menino que eu fiquei tinha muito disso, que um beijo, que um carinho, que mexia meu cabelo, aquele abraço (Tradução própria).

dita a lei, faz reinar a norma e impõe o modelo, pois a família conjugal confiscou a sexualidade na função de reproduzir. Entorno naquele pensamento, as sociedades conservadoras, encobrem a sexualidade, decorando as atitudes que esconde o corpo e a decência das palavras que limpa os discursos.

A lo que llegue, como que me apaxionaba, “mira esa mujer me encantó”, y ahí me empecé a dar cuenta como es el tema acá, creo que sería corazón mas frio, corazón de brasileño (risas) después de un tiempo, de unos 6 meses me di cuenta de eso, y dije nooo, acá las brasileras son muy locas *huevoón* hay que ser más frio, mas racional, y no tanto así emocional (CHILE, 2019)⁹.

Chile mostra como o discurso de uma sociedade conservadora está implantado no seu pensamento ao inferir na relação do emocional e da sexualidade entre indivíduos, julgando o “coração do brasileiro” como frio e mais racional, pois pressupõe a prática da sexualidade infecunda, como algo negativo, presto a ser julgado socialmente. “E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções” (FOUCAULT, 1988, p. 10). O preconceito está no sentido de uma sexualidade não afetiva e em atitudes “loucas” do brasileiro, ou seja, práticas insanas, como costumes que parecerão seu modo de ver saem do normal, e podem ser julgados como uma forma de sanção.

Entende-se como os sujeitos são influenciados pelo discurso da sexualidade que reprime a possibilidade de expressar livremente o desejo, e coloca normas de comportamento aceitas socialmente, normas que se mostram diferentes em outras culturas, e que causam impacto que quando estas duas se encontram.

El hecho de que yo fuera una mujer de 23 años, soltera, que me atreviera a salir del país sola y que no tener este objetivo de *conchale* voy a buscar un marido allá, era como una contradicción a lo que ellas estaban pensando, [...] “que no quieres salir con un brasileño”, “no quieres quedarte a vivir”, era como un pensamiento muy retrograda de alguna de ellas, y yo entiendo que hay mujeres que tienen eso como prioridad y obviamente una familia es algo que esta en mi mente, y todo lo demás, pero no era mi objetivo de momento (PANAMA, 2019)¹⁰.

⁹ Quando cheguei, como que me apaixonava, “olha aquela mulher me encantou”, e aí empece perceber como é o tema aqui, acho que seria coração mais frio, coração de brasileiro (risada) depois de um tempo, de uns 6 meses percebi disso, e falei não, aqui as brasileiras são muito loucas mano, tem que ser mais frio, mais racional, e não tanto assim emocional (Tradução própria).

¹⁰ O fato de que eu era uma mulher de 23 anos, solteira, que me atrevesse sair do país sozinha e de não ter aquele objetivo de poxa vou procurar marido lá, era como uma contradição ao que elas estavam pensando, [...] “que você não quer sair com um brasileiro?”, “você não quer ficar morando aqui?”, era como um pensamento muito retrograda de alguma delas, e eu entendo que há mulheres que tem isso

Apesar de que Panamá e Chile tenham achado, em certos pontos, um comportamento diferente no que diz respeito à sexualidade, nessa última fala Panamá demonstra que o discurso do brasileiro também está alienado com o propósito conjugal dos casais, só que as normas ou procedimentos até consumar em algo mais formal são diferentes. Foucault (1988) explica que as gerações que não têm regulado ou transfigurado estas normas, não “tem eira, nem beira”. Ou seja, cada sociedade vai se adaptando ao comportamento sexual de acordo a sua história, e ao desenvolvimento de seu pensamento, com maiores ou menores margens de abertura. Aquelas normas aceitas vão se modificando de acordo com a influência do contexto social em que cada geração se desenvolve.

Llegue aquí y muchas cosas me sorprendieron, pues el hecho de ver un hombre con el cabello rosado para mi era una cosa como ¿qué le pasa a él? [...] me pareció algo muy bueno, algo impactante, pero también como mucha libertad de expresión (PANAMA, 2019)¹¹.

Aquela característica que Panamá percebe no sujeito, faz parte de preconceitos que foram estabelecidos através da história e que ainda envolvem muitos significados simbólicos. A cor rosa representou e representa ainda, possivelmente em menor intensidade que no passado dependendo do grupo social, o gênero feminino, que de forma implícita ela expõe como uma expressão da sexualidade, que no seu país não seria aceita, o mesmo que abrange conceitos e comportamentos socialmente estabelecidos para o homem e a mulher.

Foucault (1988) explica que a repressão foi sempre, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre o poder, saber e sexualidade, pois é necessário só uma transgressão da lei para sua penalização, a irrupção da palavra, a restituição do prazer ao real e uma nova economia dos mecanismos de poder, que até a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente. Ou seja, a sexualidade é um dispositivo de dominação que na sua livre expressão, em qualquer sentido, permite colocar ao indivíduo em posição para ser julgado ou condenado. O significado que Panamá tem sobre a cor rosa, revela o preconceito sobre o questionamento da

como prioridade e obviamente uma família é algo que esta na minha mente, e todo o demais, mas não era meu objetivo daquele momento (Tradução própria).

¹¹ Cheguei aqui e muitas coisas me surpreenderam, pois o fato de ver um homem com o cabelo rosa para mim era uma coisa como o que houve com ele? [...] achei algo muito bom, algo impactante, mas também como muita liberdade de expressão (Tradução própria).

sexualidade dos sujeitos baseado em símbolos construídos historicamente e que possibilitam a crítica social.

A sexualidade representa um assunto de grande importante nas sociedades, que de forma legítima ou ilegítima, onde sua pratica seja considerada aceita, ou que quase incomodidade no seu exercício, como em lugares de tolerância, a prostituta, o cliente e o rufião, todos manifestam um discurso político na sua condição de ser humano que faz uso da sua sexualidade. Neste sentido todos estamos ao dispor crítica e ao consentimento da expressão de nosso corpo, usando discursos de duas morais.

Lo que me gusto más es la tolerancia que tienen, es un país mas abierto, como sabes, nuestro país es más conservador, en cuestiones de homosexualidad, un poco más abierto, eso fue algo que me sorprendió mucho, porque no se si en mi país hay mucho de eso, seguramente hay mucho homosexual *mas* es un poco mas restringido, aquí hay bastante, hasta me dio miedo, dije *nossa* aquí en el agua debe de tener alguna cosa (risas) (ECUADOR, 2019)¹²

Equador mostra como a expressão da sexualidade entre dois indivíduos do mesmo sexo incomoda sua condição de heterossexual, fazendo uma piada que associa a água como consequência da quantidade de homossexuais no seu entorno. Expõe-se como uma pessoa conservadora e alienada por preconceitos sobre a identidade de gênero. Por meio do discurso de tolerância, espalha como a sociedade disfarça a possibilidade de aceitação e inclusão de grupos que são julgados pela manifestação da sua sexualidade. Ele percebeu que a tolerância funciona como uma forma dos sujeitos se sentirem e seguros. São discursos que codificam o puritanismo moderno que impõe “seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo” (FOUCAULT, 1988, p.9). Mostra a castração que circula entre os indivíduos em forma de uma sociedade ideal, que pretende liberar a repressão que tem sido imposta por tantos anos, mesma que se mantem só que envoltos em diferentes discursos.

¹² O que gostei mais, é a tolerância que tem, é um país mais aberto, você sabe, nosso país é mais conservador, em questões de homossexualidade, um pouco mais aberto, isso foi algo que me surpreendeu muito, porque não sei se no meu país há muito disso, seguramente há muito homossexual mas é um pouco mais restringido, aqui há bastante, até tive medo, falei *nossa* aqui na água deve de ter alguma coisa (risadas) (Tradução própria).

La realidad del tema homosexual es muy grande, no había compartido con un chico homosexual, en el sentido de hablar con ellos, poder entender su forma de vida y no, todo bien, ahora estoy viviendo con dos chicos homosexuales muy amigos míos (CHILE, 2019)¹³.

A categorização do homossexual se mantém no discurso de Chile como alguém diferente do sujeito comum, com um estilo de vida próprio do grupo e isolado na dinâmica social, pois pressupõe o contato com eles como um fenômeno atípico. Evidencia sua convivência como uma forma de invalidar seus preconceitos, pois estabelecer uma amizade implica mais que os interesses sexuais das pessoas, mas ainda expõe rasgos que revelam a construção consolidada sobre aqueles preconceitos que foram aprendidos durante sua vida. Da mesma forma que Panamá se expressa, distingue como extraordinário a cena de dois sujeitos do mesmo sexo em espaço público de mãos dadas, como um espetáculo digno de admiração. O preconceito está instaurado ainda no discurso de assentimento ou apoio ao grupo.

La cultura homosexual aquí es mucho mas abierta, aquí por lo menos en Londrina, en la universidad llegue a ver hombres y mujeres que se sentaban juntitos y agarrándose de las manos, que si andando en el mall van de las manos es algo que jamás vería en Panamá [...] me alegro mucho también porque no había como esa situaciones como que ellos están allá, y bien normal (PANAMÁ, 2019)¹⁴.

É interessante como os entrevistados percebem uma abertura no tema da homossexualidade na sociedade brasileira, mas cabe ressaltar, que o entorno comum entre todos eles, foi sua faculdade, na UEL, que representa um círculo social que abraça estudantes maiormente adolescentes e professores, onde o conhecimento é a base da sua interação. Pode se dizer que é uma pequena sociedade, um mundo à parte, que coabita influenciado por uma força maior, no entanto criado num entorno mais confortável que aceita outros tipos de pensamento. Dessa forma, se esclarece que as colocações dos entrevistados e as interpretações feitas pelo pesquisador não reflete, nem espelha a sociedade brasileira como um todo.

¹³ A realidade do tema homossexual é muito grande, não tinha compartilhado com um menino homossexual, no sentido de falar com eles, poder entender sua forma de vida e não, tudo bem, agora estou morando com um dos meninos homossexuais muito amigo meu. (Tradução própria).

¹⁴ A cultura homossexual aqui é muito mais aberta, aqui ao menos em Londrina, na universidade cheguei ver homens e mulheres que se sentavam juntos e com as mãos dadas, no shopping vão de mão dadas, é algo que jamais veria em Panamá [...] fico muito alegre também porque não tinha aquelas situações como que eles estão ali, e tudo bem, normal (Tradução própria).

Siento que acá es un cultura mucho mas abierta, por ejemplo, los grupos sociales que conocí, en términos de diversidad, en el circulo donde me desenvolvía, había mucha diversidad sexual, cultural y uno se empieza a acercar a las otras personas y de repente, uno no se siente mal por estar en ese grupo, se siente muy bien (NICARAGUA, 2019)¹⁵.

A percepção dos entrevistados mostra como os estereótipos do brasileiro agem em seu discurso, como eles servem de filtro para sua interpretação. No fundo, os estereótipos aparecem como barreiras para reconhecer e conhecer o outro, pois ainda se mostra uma apreciação rasa do brasileiro em geral. Ainda que a comparação entre os países dos entrevistados e o Brasil pode mostrar diferenças culturais, é complexo estipular certas condutas fixas como padrão de sua sociedade. Isto revela que o tempo e as experiências que os participantes da pesquisa tiveram não foi suficiente para entranhar na abundância da realidade cultural brasileira e quebrar os estereótipos estabelecidos sobre eles.

Ellos son como, súper alegres huevón cada vez, alguna vez que salíamos, intentaba mostrar música de mi país, y no no, (risas) a ellos les gusta, en la música algo que tenga movimiento y como que letras más profunda, algún cosa, no no para nada, intente un par de veces pero no, les gusta solamente tema de alegría (CHILE, 2019)¹⁶.

Estereótipos que ilustram um brasileiro de mente aberta, tolerante, pouco conservador, associado à alegria e festividades, à diversidade sexual e afetuoso e caloroso com o outro. São características que os entrevistados conseguiram enxergar e transmitir por meio do relato da sua experiência, que de certa forma, são características que se difundem na mídia. Ou seja, é possível compreender que apesar do fato de que os entrevistados estiveram inseridos na sociedade brasileira por aproximadamente dois anos, eles ainda mantêm a apreensão sobre o brasileiro a partir da percepção de um turista.

Possivelmente este padrão de comportamento está vinculado às vantagens que o estrangeiro recebe dessa sociedade, que não os obrigou a se

¹⁵ Sinto que aqui é uma cultura muito mais aberta, por exemplo, os grupos sociais que conheci, em termos de diversidade, no círculo onde me desenvolvia, tinha muita diversidade sexual, cultural e você começa ficar perto das outras pessoas e de repente, não se sente mal por estar naquele grupo, se sente muito bem (Tradução própria).

¹⁶ Eles são como, super alegres mano, cada vez, alguma vez que saímos, tentei mostrar música do meu país, e não, não, (risada) eles gostam, na música algo que tenha movimento e como que as letras mais profundas, alguma coisa, não, não nada a ver, tentei algumas de vezes mas não, gostam somente temas de alegria (Tradução própria).

entranhar mais em sua cultura pela comodidade da condição oferecida, tema que foi abordado no seguinte subtópico, sobre as relações de poder. Apesar disso, os estereótipos demonstram, a forma como o brasileiro foi percebido pelos sujeitos de estudo, foi a forma como sua subjetividade foi transformada, ou seja, esta compreensão do brasileiro, seja certa ou errada, é como cada incitação de transformação do sujeito esteve correlacionada aos seus significados, entendimentos e compreensões ao convívio no ambiente brasileiro.

[...] en Brasil había mucha diferencia, muchos ambientes, con diferentes visiones, incluso mismos brasileiros de regiones diferentes que piensan diferente, que vienen de otra cultura y compartía con todos ellos” (NICARAGUA, 2019)¹⁷.

A diferença que são percebidas entre as duas partes, entre as suas culturas, é prova da interação com o social, que como coloca Mansano (2009, p.111) representam a

[...]produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva.

Ou seja, na interação que os entrevistados tiveram com o “outro”, que Mansano (2009) explica como o outro social, também envolve a natureza, pode ser entendida como acontecimentos, invenções, e tudo aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Cada diferença que foi percebida mostra a constante produção e modelação de subjetividade que foi ocorrendo enquanto os sujeitos se expuseram diante do outro, como sua interação permitiu elaborar, ou robustecer, a concepção do brasileiro, sua cultura, suas costumes e sua forma de viver, que segundo foi demonstrado na análises, foi influenciada por preconceitos bem assentados, e funcionaram como componentes de subjetivação, junto a cada particularidade nova assimilada do brasileiro.

¹⁷ No Brasil tinha muita diferença, muitos ambientes, com diferentes visões, incluso os mesmos brasileiros de regiões diferentes pensam diferente, que vem de outra cultura, e compartilham com todos eles (Tradução própria).

O contato que cada sujeito teve com o meio social, com cada componente de subjetivação, valores, ideias e sentidos se tornou matéria prima para expressão dos afetos vividos em cada encontro, mesmos que tenham ganhado um sentido particular na produção de subjetividade. É como o corpo manifesta e recebe informação, num fluxo constante de componentes de subjetivação, se exterioriza e se assimilam acepções, noções, e sentidos, por meio dos códigos, símbolos e sinais que conectam nosso mundo interno com o mundo externo, que chamamos de linguagem.

A linguagem é a ferramenta que permitiu a interação dos sujeitos do estudo com este novo mundo, a forma como os sujeitos conseguiram inter-relacionar-se com o outro social. Assim como Foucault (1968) esclarece que a linguagem permite entrar no mundo dos sentidos dos sujeitos, que transmitem suas verdades, as suas percepções da realidade e seus significados, que foram constituídos em um contexto histórico. É a produção de códigos culturais, a linguagem, que por meio de procedimentos, interpretações, modificações e adaptações vigentes no tempo histórico as sociedades têm o usado para seu intercâmbio de ideias e entendimentos.

[...] nos pasa a todas las personas que estamos aprendiendo un nuevo idioma en otro país, de repente se genera cierto disturbio, en cuanto al mensaje, un ruido de lo que queremos decir, que hace que no necesariamente se entienda lo que se habla, entonces se siente bastante ese cambio (NICARAGUA)¹⁸.

Corral (2004) esclarece que a linguagem libera o significante que trata de referir ao significado, e que tal significado tem resistência de ser encerrado em palavras ou representações, o que significa que a mesma palavra não pode ser reduzida a um significado, ou a um conjunto de símbolos. Motivo que explica a confusão e o “*distúrbio*” na transferência de informação dos sujeitos, sendo necessário esclarecimentos e explicações mais profundas. “[...] ellos tienen como que sus palabras y sus cosas, pero normalmente me explicaban, se tomaban el tiempo para decir: mira esta palabra la decimos porque pasó tal cosa, que no se que”(PANAMÁ, 2019)¹⁹.

¹⁸ Acontece com todas as pessoas que estão aprendendo um novo idioma em outro país, de repente gera se certo *distúrbio*, em relação ao mensagem, um barulho do que queremos dizer, que faz que não necessariamente se entenda o que se fala, então se sente bastante aquele cambio (Tradução própria).

¹⁹ Eles têm como que suas palavras e suas coisas, mas normalmente me explicavam, se tomavam o tempo para dizer: olha esta palavra é falada assim porque aconteceu tal coisa, e assim [...] (Tradução própria).

Como o poder que envolve o conhecimento de outro idioma permite ter vantagens para facilitar o domínio do outro Isto significa que no intercâmbio cultural entre o estrangeiro e o brasileiro, a linguagem teve um impacto sumamente importante nas relações de poder, pois além da regular transmissão de informação entre dois sujeitos, o outro idioma que está inserido na dinâmica, implica uma maior capacidade de dominação sobre o outro. Do lado do brasileiro, pelo fato que o português é a língua local, e do lado do estrangeiro que pode jogar com os dois idiomas.

Cuando hablaba y usaba “*gírias*” de brasileño, era muy interesante y creo que a la gente le gustaba bastante lo que nosotros nos apropiáramos parte de su idioma y de su cultura, y nosotros utilizábamos eso, entonces les encantaba mucho (NICARAGUA, 2019)²⁰.

As “gírias” são fenômenos linguísticos que transmitem significados constituídos num contexto histórico local, geralmente criadas para substituir termos formais da língua e ser usadas em alguns grupos sociais. Desta forma os sujeitos usaram as gírias para se inserir no meio e fazer parte da dinâmica local. O conhecimento das gírias possibilitou ao estrangeiro se aproximar do brasileiro, como uma tática astuta para chamar a atenção e mostrar o interesse do outro, como um dispositivo empático para unir duas pessoas que se mostram diferentes, mas que podem se entender.

Na necessidade de transmitir informação mais complexa na língua portuguesa, como por exemplo informação científica ou política, a barreira da língua não favorece um estrangeiro que não tenha fluidez avançada do idioma, pois implica em dificuldades para expressar exatamente o que a pessoa precisa dizer, ou pelo desconhecimento de algumas palavras, neste caso, o estrangeiro falante de espanhol, achou uma estratégia para burlar esta barreira: o portunhol. Lipski (2006, p.3, tradução própria) o descreve como:

(1) um grupo de dialetos de contato bilíngues e fenômenos de cruzamento;
(2) uma crença generalizada de que a comunicação entre línguas pode ser facilmente efetuada “falsificando” uma aproximação à linguagem não nativa sem realmente ter aprendido, (3) um termo polivalente (portuñol / portunhol) usado para descrever uma ampla gama de fenômenos, incluindo vernáculos de contato espontâneo em regiões de fronteira, erros produzidos por falantes

²⁰ Quando falava e usava gírias de brasileiro, era muito interessante e acho que as pessoas gostavam bastante disso, que nós nos apropriáramos parte do seu idioma e da sua cultura, e nós utilizávamos isso, então gostavam muito disso (Tradução própria).

que tentam falar o linguagem corretamente, e discurso inventado idiossincrático projetado para facilitar a comunicação entre os dois idiomas; (4) uma literatura emergente (em forma publicada e cada vez mais na Internet), incluindo esforços implícitos na padronização do uso de portunhol / portunhol.

O espanhol e o português fazem parte de um subgrupo das línguas latinas, que as faz parecer muito similares, embora, tenham importantes diferenças em significados, pronúncia e estrutura da língua escrita. “Con mi grupo latino digamos que la comunicaci3n fue m3s sostenida, m3s fluida, sal3a con mayor frecuencia, con los brasile3os no, como te digo capaz por el tema del idioma” (NICARAGUA, 2019)²¹. Os significados possivelmente n3o eram sempre entendidos da forma certa, ou exatamente o que os sujeitos queriam transmitir. Nicar3gua revela que al3m da exist3ncia de uma ferramenta que ilude a interfer3ncia entre os dois idiomas, que 3 o portunhol, ainda h3 inconformidade com o interc3mbio de ideias com o brasileiro, como ele colocou na fala da nota de rodap3 n3mero 18, o dist3rbio da mensagem incomoda o sujeito enquanto interage com o outro, desta forma, ele se sente mais confort3vel com o grupo “latino” que compartilha a mesma linguagem. O espanhol convida a sua zona de conforto e escapa da ansiedade daquele “barulho” que ele sente na comunica3o entre o português e espanhol.

Por outro lado, assim como Panamá na sua fala da nota de rodap3 n3mero 19, Equador tamb3m reconhece a paci3ncia do brasileiro para explicar os significados de seu idioma. Os dois sujeitos conseguem enxergar o trabalho exercido do outro para harmonizar a intera3o e entendimentos. “Cuando tu defiendes un seminario o expones un seminario lo haces en portunhol, entonces eso es algo de recalcar, ellos tuvieron mucha paciencia conmigo” (ECUADOR, 2019)²².

Partindo deste fen3meno que produz impacto nas rela3o3es interpessoais dos sujeitos, ao tentar interagir com o meio social usando uma linguagem que n3o 3 a sua pr3pria e ainda n3o consegue us3-las fluentemente, al3m do sotaque que diferencia drasticamente entre o brasileiro e o estrangeiro, fez parte deste interc3mbio cultural que permitiu projetar no mundo real o que est3 acontecendo nos seus pensamentos e a assimila3o dos seus significados. 3 o ponto de partida

²¹ Com meu grupo latino, posso dizer, que a comunica3o foi mais consistente, mais fluida, saia com maior frequ3ncia, com os brasileiros n3o, possivelmente pela quest3o do idioma (Tradu3o pr3pria).

²² Quando voc3 defende um semin3rio ou exp3e um semin3rio, faz em portunhol, ent3o isso 3 algo para ressaltar, eles tiveram muita paci3ncia comigo (Tradu3o pr3pria).

para poder interpretar como a cultura significou a experiência deles e a importância como categoria nesta dissertação, o subtópico seguinte envolve cada fato explicado neste último subtópico.

4.2 RELAÇÕES DE PODER

Inserir-se no meio social de um país diferente, não é questão só de conhecer a língua local, conhecer a cultura e fazer parte do mesmo entorno, é também a interação com a comunidade local, a capacidade de gerar distintos níveis de relacionamentos, que envolvem amizade, amor, compaixão, parcerias, entre outros, e de se relacionar com suas próprias emoções e sentimentos que determinam como cada um vai agir ante determinada ocorrência. O contexto de cada situação é o início da interação interpessoal para colocar vários indivíduos em um mesmo assunto, que poderá desembocar em incontáveis possibilidades.

Como parte da cultura do brasileiro, reconhece-se grande abertura para o estrangeiro, fato que favoreceu os sujeitos a gerar relações interpessoais mais facilmente. “[...] los encuentro muy receptivos culturalmente, comparado con mi país, el brasileiro trata muy bien a los extranjeros” (CHILE, 2019)²³ que por instinto temos a costume de comparar com a realidade que conhecemos ou temos vivido, neste caso, com nosso país de origem:

Cuando yo llegue, los primeros meses estaba un poco receloso, estaba como aquí *falam* “*barata boba*” (risas) estaba perdido, y como he sido siempre un poco cerrado, me costo hacer amigos, pero [...] el brasileño es muy acogedor, te da esa libertad, esa confianza, te abre los brazos y te deja ser como tu eres, entonces, yo creo que es una característica especial del pueblo brasileño *mesmo* (EQUADOR, 2019).²⁴

Segundo Espinel (1982), a cultura latina é centrada na pessoa, na família ou no grupo. É chamada por antropólogos e psicólogos como “tendência

²³ Acho eles muito receptivos culturalmente, comparado com meu país, o brasileiro trata muito bem aos estrangeiros (Tradução própria).

²⁴ Quando eu cheguei, os primeiros meses estava um pouco receoso, estava como aqui falam “barata tonta” (risada) estava perdido, e como tenho sido sempre um pouco fechado, me custou fazer amigos, mas [...] o brasileiro é muito acolhedor, te dá essa liberdade, essa confiança, te abre os braços e te deixa ser como tu és, então, eu creio que é uma característica especial do povo brasileiro mesmo (Tradução própria).

aflitiva” pela necessidade social da companhia do outro e “tendência adscriptiva” pela necessidade de pertencer a um grupo ou ser membro duma família. “Los individuos con una motivación adscriptiva están usualmente inmersos en recíprocas relaciones con miembros de su familia, comunidad, compañía comercial y profesión” (STEWART, 1974, p.36). Característica que o brasileiro tem bem desenvolvida, pois aquela facilidade de integrar pessoas no mesmo grupo, de criar relações interpessoais facilmente e de se inserir em qualquer situação social imediatamente é recalcável neles. “Me he sentido muy bien en la interacción con ellos, amistad, voy a jugar futbol, fin de semana, gente como escribiendo para hacer alguna cosa, en todo lugar el brasileño es receptivo, me gusto mucho” (CHILE, 2019)²⁵.

Foucault (1987) explica que o cuidado de si, de certa forma, tem que ver com o cuidado dos outros, pois implica relações complexas com o outro na medida de atender o sentido da no-dominação, ou seja tem que ver com o arte de saber se governar para estabelecer relações interpessoais administrando o espaço do poder. Trata-se sobre o cuidado de si mesmo, que pensando em si, também pensa no outro, também pode ser compreendido como uma conversão do poder que tenta evitar o abuso de poder sobre o outro. “[...] el buen soberano es aquel precisamente que ejerce el poder como es debido, es decir, ejerciendo al mismo tiempo su poder sobre sí mismo. Y es justamente el poder sobre sí mismo el que va a regular el poder sobre los otros.” (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Te cuento una vez que fui al hospital, tenia algo en el pie, fui al hospital, pero fui solo porque no era tan grave, fui solo y tal, después los conté y un poco enojados, que no les conté antes, que ellos tenían que estar conmigo ayudándome, pero yo les dije, calmados que si estoy acá solo, puedo resolver algunas cosas solo y si necesito ayuda les dije, pero son muy muy buenas personas, muy buenos amigos (CHILE, 2019)²⁶.

A maneira de determinar a conduta e influenciar nas decisões do outro adota diferentes formas dentro das sociedades nestas relações de poder, disfarçadas

²⁵ Tenho me sentido muito bem na interação com eles, amizade, vou jogar futebol, fim de semana tem gente escrevendo para fazer alguma coisa, em todo lugar o brasileiro é receptivo, gosto muito (Tradução própria).

²⁶ Uma vez que fui ao hospital, tinha algo no pé, mas fui só porque não era tão grave, fui só e tal, depois contei para eles e ficaram um pouco irritados, que não falei para eles antes, que eles tinham que estar comigo para me ajudar, mas eu falei para eles, calma que eu estou aqui só, posso resolver algumas coisas só e se necessitar ajuda eu falo para eles, mas são muito boas pessoas, muito bons amigos (Tradução própria).

em papéis estabelecidos socialmente, como amizades, relacionamentos, parcerias, laços familiares e entre outros. Nesse sentido a preocupação do amigo do Chile pode ser entendida também como uma forma de tentar controlá-lo, pois ter ficado irritado em resposta de não ter falado com seus amigos sobre sua ida ao hospital é um sintoma da resistência a sua dominação. Foucault (1987, p.142) justifica aquele jogo de poder explicando que quanto mais livres são as pessoas em relação as outras, o desejo de determinar sua conduta é maior. “Cuanto mas abierto es el juego más atractivo y fascinante resulta” (Foucault, 1987, p.142). Este tipo de relação consiste em um jogo interativo de ferramentas ou recursos que possibilitam ter vantagens no entorno ou com as pessoas, assim como por exemplo o uso de emoções, do poder aquisitivo, de conhecimentos e qualquer recurso que permita usá-lo a seu favor com o fim de determinar o poder sobre o outro.

El grupo de mi sala, que somos un grupo de 4 a 5 personas que estamos ahí, trabajamos casi todos los días, nos reímos, a veces tienen personas que lloran, nos consolamos, hablamos, hay gente que llega deprimida, se habla, entonces es un bonito grupo, no solo de trabajo, sino que también de amigos (EQUADOR, 2019)²⁷.

Felizmente a interação entre o estrangeiro latino e o brasileiro foi em sua maioria fluida, possivelmente precisou de mais tempo para alguns e menos tempo para outros, dependendo da capacidade de adaptação e de componentes de personalidade de cada pessoa. O controle destes componentes pessoais e o uso estratégico de cada um deles possibilitaram sua inserção nas relações de poder neste novo contexto social. “En Brasil al comienzo se me hizo difícil porque no estaba inserido en el medio, y fue un choque hasta cierto punto, pero eso lo fui aprendiendo, fui comprendiendo que las relaciones se establecían de una forma diferente” (NICARAGUA, 2019)²⁸. Torna-se fácil e fluido estabelecer relação com o outro especialmente quando as condições da interação não apresenta muita interferência, como o fato de conhecer a dinâmica social, ser da mesma cultura, não existir a barreira

²⁷ O grupo da minha sala, que somos um grupo de 4 até 5 pessoas que estamos lá, trabalhamos quase todos os dias, damos risadas, as vezes há pessoas que choram, nós consolamos, falamos, há gente que chega depressiva, se fala, então é um grupo lindo, não só de trabalho, mas também de amigos (Tradução própria).

²⁸ No Brasil ao começo foi difícil porque não estava inserido no meio, e foi um impacto até certo ponto, mas isso fui aprendendo, fui compreendendo que as relações se estabeleciam de uma forma diferente (Tradução própria).

do idioma e muitas outros aspectos e características que, ainda que sejam diferentes entre o Brasil e os outros países latino-americanos, neste caso Equador, Panamá, Nicarágua e Chile, têm também muitas semelhanças. Este aspecto facilitou o uso de estratégias que os sujeitos desenvolveram enquanto viveram em seu meio social, isso os permitiu interagir com este novo meio e afrontar acontecimentos diferentes que pudessem se apresentar em outras interações.

Apesar da facilidade de interagir do latino-americano, o fator diferencial que permitia ter uma conotação diferente em comparação com o outro, foi o fato que os sujeitos de estudo são de diferente nacionalidade que o brasileiro, ou seja, estrangeiros.

[...] hablar con un acento, y cuando llegabas a un espacio, mas sociales, la gente te escuchaba hablar diferente y la gente se te acerca y te preguntan, lo que facilitaba hablar con las personas, entonces eso me pareció bacán (NICARAGUA, 2019)²⁹.

Qualquer diferencial que sai do comumente chamado “normal”, de qualquer evento fora da rotina, do habitual, do costume, chama a atenção da sociedade, é o interessante do novo. O cérebro transmite sensações de prazer quando experimentamos algo novo, levado pela curiosidade, se produz sensações positivas quando descobrimos algo que não se conhecia antes. A curiosidade é o meio para expandir novos conhecimentos e nos relacionar com os outros.

Yo creo que por ser Londrina, no es una ciudad muy turística, ellos muestran interés en saber más de tu país, culturalmente, que bebes, cómo son los paisajes allá, de donde yo soy, en realidad el ambiente siempre fue como grato (CHILE, 2019)³⁰.

Podemos perceber como as relações de poder estão inseridas em qualquer interação interpessoal, nesse caso em relações desiguais, com características particulares que ressalta as diferenças com o outro rapidamente, como a língua, características físicas, vestimenta, forma de agir, de pensar, de se expressar,

²⁹ Falar com sotaque, e quando chegava num espaço, mais social, as pessoas te escutam falar diferente e as pessoas se aproximam e te perguntam, o que facilitava falar com as pessoas, então isso eu achei bacana (Tradução própria).

³⁰ Eu acho que por ser Londrina, não é uma cidade muito turística, eles mostram interesse em saber mais de teu país, culturalmente, o que bebe, como são os paisagens lá, de onde que eu sou, na realidade o ambiente sempre foi como grato (Tradução própria).

entre outros. Foucault (1987) explica que as relações de poder têm uma extensão extraordinariamente grande nas relações humanas, exercida entre indivíduos, dentro da família, nas relações pedagógicas, no corpo político, e entre outras. Da mesma forma aconteceu na relação de poder entre os entrevistados e os brasileiros, pois conhecer um estrangeiro, ser seu companheiro de estudo, amigo ou namorado, atribui ao sujeito certo tipo de *status* social, especialmente se cumprir com aquelas características que são socialmente atrativas, como ser branco, feições “bonitas”, que fale outras línguas (inglês, francês, espanhol), entre outros aspectos. Essas características funcionam como vantagens nas relações de poder, pois são considerados atributos socialmente positivos.

A posição social que está o estrangeiro e as pessoas que ficam perto delas, pode ser utilizada como uma ferramenta para as estratégias naquele jogo de poder na sociedade. Tais estratégias servem para beneficiar o estrangeiro, como destacar no seu entorno, pois chama a atenção pelo fato do diferente e gera interesse nos demais. O poder que essa condição permite circulou nas relações interpessoais dos sujeitos, dando a possibilidade de interagir com o brasileiro facilmente e ser tratado de forma especial.

Cuando llegue a mi maestría todo el mundo estaba muy emocionado por lo que hubiera alguien de afuera [...] todo el mundo estuvo muy pendiente de mí, que si todo estaba bien, que si necesitaba de algo, me daban bote a la universidad, me llevaban a comer, todo eso, hasta que pudiese adaptarme y.. como que nunca tuve problema y hasta ahora (PANAMA, 2019)³¹.

Nesse caso o estrangeiro tem a possibilidade de exercer o poder pelo simples fato de ser diferente, de pertencer a outra cultura, de ter características distintas, de ter um sotaque especial, de não ser brasileiro.

El poder no es el mal, el poder son juegos estratégicos. ¡Es bien sabido que el poder no es el mal! Consideremos por ejemplo las relaciones sexuales o amorosas: ejercer poder sobre el otro, en una especie de juego estratégico abierto en el que las cosas podrían invertirse, esto no es el mal, esto forma parte del amor, de la pasión, del placer sexual (FOUCAULT, 1987, p.138).

³¹ Quando cheguei ao meu mestrado todo o mundo estava muito emocionado por haver alguém de fora [...] todo o mundo esteve muito preocupado comigo, se estava tudo bem, se precisava de algo, me davam carona para a universidade, me levavam a comer, tudo isso, até poder me adaptar e.. nunca tive problema até agora (Tradução própria).

Por conseguinte, o estrangeiro apresenta um certo número de vantagens no meio social em que está inserido, especialmente na facilidade de interação com o outro, pois o modo de agir, de se expressar, de existir, exhibe um ser distinto, fascinante, como um ser exótico. “Sentía receptividad en el sentido de que todas las personas se ponían a mi disposición, [...] creo que el hecho de tener el acento, era atractivo para conversar, diferente, ayudaba” (NICARAGUA, 2019)³². Vantagens que vão desde um trato preferencial, mais receptividade, maior disposição em ajudar, e se colocar empaticamente na posição do outro. La gente comprendía un poco más, ósea decía yo no soy de aquí, entonces no entiendo como funciona el sistema y había mucha gente muy amable que te escuchaba, te ayudaba, te explicaba (NICARAGUA, 2019)³³.

Privilégios que o mesmo brasileiro percebe e que concorda no seu comportamento. “A mi me dicen que si, por ejemplo que ellos *acreditam* que tratan mejor a los extranjeros que a los propios brasileiros, ellos me dicen” (CHILE, 2019)³⁴. O brasileiro sente a preferência exercida no estrangeiro, colocando para eles a situação em desvantagem e a perda de conveniências, o que implica nas relações de poder, que quando necessário tem que fazer o uso de outros recursos para voltar naquele jogo de forças e de enfrentamentos.

Foucault (1987) expressa sua preocupação da ética do poder no contexto do abuso da dominação sobre a prática dos direitos do indivíduo e sua liberdade. Ele enfatiza na atenção das regras de direito, as técnicas de gestão, da moral, e das práticas de si que permitam praticar os jogos de poder com o mínimo possível de dominação. Ou seja, o poder faz parte de toda interação social, como componente da interação com o outro em seu exercício político como cidadão. Ao abusar do poder, o sujeito estoura o exercício legítimo do seu poder para impor seus desejos, fantasias e apetites. É a imagem do tirano ou o homem poderoso e rico que se aproveita da sua condição para abusar dos outros. Nesse sentido, os sujeitos fizeram o uso das suas vantagens como estrangeiros e dos prós que isso

³² Sentia receptividade no sentido de que todas as pessoas se colocavam a minha disposição, [...] acho que o fato de ter o sotaque, era atrativo para conversar, diferente, ajudava (Tradução própria).

³³ As pessoas compreendiam um pouco mais, ou seja, falava eu não sou de aqui, então não entendo como funciona o sistema e tinha muitas pessoas amigáveis que te escutava, te ajudava, te explicava (Tradução própria).

³⁴ Eles falam que, por exemplo eles acreditam que tratam melhor aos estrangeiros que aos próprios brasileiros, eles falaram assim para mim (Tradução própria).

representava, mas não como forma de dominação absoluta do outro, pois é necessário de muito mais que ser estrangeiro para submeter alguém.

Por ser simplemente extranjero ya llama la atención, entonces creo que si eso es un poco de privilegio como con amigos, con mujeres, porque si es, tu eres el centro de atención [...] los ojos se dirigen hacia ti, mas poco a poco vas conociendo mas a tu grupo de amigos, y poco a poco pasas de moda, primero si es interesante, pero después sales con lo mismo, lo mismo, lo mismo, y después ya es como tahhh un brasilero mas (EQUADOR, 2019)³⁵.

Inicialmente o estrangeiro consegue se inserir no meio social pela resposta imediata do brasileiro, pelo interesse na novidade, mas logo o estrangeiro começa fazer parte da rotina, da normalidade, e deixa de ser um “ser exótico”. Ou seja, o poder que aquela característica de ser estrangeiro possibilitava foi perdendo força enquanto o mesmo grupo se acostumou com sua presença e seu comportamento, porém o poder volta quando o estrangeiro entra em um grupo diferente. É o poder é transitório, reversível e instável, acontece onde existe relações de força e resistência. As relações de poder são relações de enfrentamentos que estão em constante movimento, como um jogo estratégico.

De mi punto de vista de extranjero, de repente era una barrera, porque no necesariamente te incluían en los grupos, las personas estaban encantadas porque claro, si que lindo es extranjero, habla bonito pero bueno, pero no necesariamente me gusta o me tiene que gustar (NICARAGUA, 2019)³⁶.

O poder do estrangeiro neste caso não tinha o mesmo impacto como em outros grupos, pois a aceitação social também depende de componentes característicos que são aceitos, atrativos em determinados círculos sociais, mesmos que não são em outros. Ou seja, o simples fato de ser estrangeiro não atribuía suficiente poder ao sujeito para se inserir em um grupo, sendo necessário de outros recursos pessoais. O poder é dado pela importância e o valor que o meio estabelece às características ou recursos pessoais e às circunstâncias que está colocado, por

³⁵ Por ser simplesmente estrangeiro já chama a atenção, então acho que sim isso é um pouco de privilegio como com amigos, com mulheres, porque sim é, você é o centro de atenção [...] os olhos se dirigem para você, mas pouco a pouco vai conhecendo mais teu grupo de amigos, e pouco a pouco passas de moda, primeiro sim é interessante, mas depois é o mesmo, o mesmo, o mesmo, e depois já é como tahhh mais um brasileiro (Tradução própria).

³⁶ Do meu ponto de vista como estrangeiro, de repente era uma barreira, porque não necessariamente te incluían nos grupos, as pessoas estavam encantadas porque claro, sim que lindo é estrangeiro, fala bonito mas tá bom, mas não necessariamente eu gosto o tem que me gostar (Tradução própria).

exemplo um sujeito que possui uma garrafa de água num deserto onde ninguém mais tem acesso a ela, vai ter mais poder que o mesmo sujeito dentro da cidade onde mais pessoas tem possibilidade de aceder a ela.

Foucault (2012) explica, que o poder envolve o jogo estratégico aberto entre duas partes, onde uns tentam determinar a conduta dos outros e os outros tentam responder em contrapartida. É a resistência que enfrenta o poder do dominante, e é a resistência que se transforma em poder.

La primera vez cuando llegue no entendía nada, era una desventaja, ir a las clases, llegar sin saber nada de la lengua portuguesa, era una desventaja en comparación con mis compañeros que estaban haciendo el *mestrado* (CHILE, 2019)³⁷.

As situações em que o estrangeiro se encontrava fora da sua zona de conforto, eram percebidas como desvantagens, pois dificultava manter o controle da situação, permitindo que o outro, aquele que tinha o controle, pudesse ajudar ou dirigir a situação. “Imagino que los profesores pensaron, ella es una muchacha que vino de afuera, esta aprendiendo, entonces creo que tuvieron algún tipo de consideración conmigo” (PANAMÁ, 2019)³⁸, “Nada de privilegios, solo paciencia, porque ellos también fueron estudiantes y saben como es cuando estas fuera del país, hablar en otro idioma” (EQUADOR, 2019)³⁹.

Era o poder que transitava entre o brasileiro que conseguia manter o controle da situação e o poder do estrangeiro que conseguia atingir seus objetivos na mesma situação. As relações de poder são intencionais e objetivas, pois não existe poder exercido sem uma série de objetivos, razão pela qual cada ação é calculada, com táticas específicas que envolvem racionalidade e estão conectadas umas com as outras. Ademais, é possível contar com o jogo do outro como parte da nossa estratégia para conseguir o resultado desejado. Assim como coloca Equador, a empatia dos professores por ele não representava um privilégio, mas permitia ter consideração e paciência em suas atividades, o mesmo que significava não ser avaliada pelos

³⁷ A primeira vez quando cheguei não entendia nada, era uma desvantagem, ir as aulas, chegar assim saber nada da língua portuguesa, era uma desvantagem em comparação com meus companheiros que estavam fazendo o *mestrado* (Tradução própria).

³⁸ Imagino que os professores pensaram, ela é uma menina que vem de fora, está aprendendo, então acho que tiveram algum tipo de consideração comigo (Tradução própria).

³⁹ Nada de privilégios, só paciência, porque eles também foram estudantes e sabem como é ficar fora do país, falar em outro idioma (Tradução própria).

mesmos critério como os outros, o que é uma vantagem, que não o expõe aos outros, mantendo uma postura ou uma imagem. A imagem e a forma como quer ser percebido pelos outros, faz parte das estratégias dos sujeitos, pois assegura o reconhecimento do poder enquanto não é demonstrado o contrário.

Os pontos de onde o poder são exercidos e orientados são vários, dependendo sempre do meio social, o contexto, os sujeitos involucrados, as possibilidades situacionais, a liberdade dos sujeitos e as miras para atingir. O poder é manifestado sempre e quando seja em ação, seja imerso nestas relações e jogos de poder.

Foucault (2012) acreditava que não poderia existir sociedades onde não houvesse relações de poder, pois é a forma como os indivíduos tentam conduzir e determinar a conduta dos outros, num jogo estratégico de liberdades que chama de poder. Desse modo, para o poder fluir nas relações interpessoais, é necessário que as duas partes tenham um determinado tipo de liberdade, ou seja que não exista dominação absoluta sobre o outro. Isto aponta diretamente ao conjunto de práticas que permitem constituir, definir, organizar, instrumentalizar estratégias, que fazendo uso da sua liberdade, podem estabelecer uns contra os outros. Sujeitos livres que procuram controlar, determinar e delimitar a liberdade dos outros por meio de ferramentas para lhes governar, representam a liberdade enquanto condição para o exercício do poder.

Deste modo os entrevistados para essa pesquisa são considerados como sujeitos que tinham liberdade de interagir com o meio, de tomar suas próprias decisões e de se expor ante qualquer nova experiência que se apresentar, pois aquela característica de ser estrangeiro dava certas vantagens no meio social, assim como auxiliavam também suas próprias limitações. Essas limitações podem ser consideradas privações de liberdades dos sujeitos, aspectos nos quais eles não se sentiam confortáveis e, portanto, restringia a manifestação integral das suas habilidades, porém ainda tinham alternativa de ação.

Foucault (1987) explica no conceito de governabilidade a relação do sujeito consigo mesmo, a necessidade do cuidado de si como uma situação estatutária do poder, que cuidar de si mesmo é necessário como parte fundamental para exercer poder político sobre o outro. “No se puede gobernar a los demás, no se pueden transformar los propios privilegios en acción política sobre los otros, en acción racional, si uno no se ha ocupado de sí mismo” (FOUCAULT, 1987, p. 42). Neste

contexto os sujeitos tinham que se ocupar de si mesmos para poder ter um maior controle do poder que ser estrangeiro representava. “[...] tener amigos es lo que más ayudo porque ahí no te sientes solo, yo me demore mucho en los primeros cuatro a cinco meses para abrirme” (EQUADOR, 2019)⁴⁰. Os primeiros meses foram fundamentais para os sujeitos se ocuparem de si mesmos, se sentirem confortáveis no meio, fazer uso dos seus recursos mais fluidamente e ter maior domínio do poder político sobre o outro.

Se ocupar de si mesmo equivale à afirmação de uma forma de existência conectada a um privilégio político, de se reconhecer como sujeito e entender sua posição social e as possibilidades que têm ao seu redor. O poder flutua nos interesses de cada sujeito e serve como ferramenta para obtê-los, pode facilitar o alcance de objetivos ou ser também um obstáculo, depende de como os sujeitos têm consciência de si, de seu capital político e do alcance do poder que está a seu favor. É assim que Foucault (1987) explica como o sujeito se constitui por meio de práticas de poder que possibilitam o descobrimento de si, como o sujeito é capaz de acessar a verdade quando efetua sobre si mesmo certo número de operações, de transformações e de modificações. “Conocerse es conocer lo verdadero, es liberarse en el acto de la reminiscencia en tanto que forma fundamental del conocimiento al que estos elementos nutren” (FOUCAULT, 1987, p. 75).

É o ato de refinar o olhar do sujeito sobre si mesmo e adotar um determinado ponto de vista que mostre a conexão de um conjunto de determinações e necessidades que compreendemos racionalmente sobre nós. A manifestação da necessidade de se ocupar de si mesmo, permitiu que os sujeitos tivessem um trabalho sobre si, um reencontro com sua individualidade. Como explica Foucault (2014), um questionamento do estatuto atual do indivíduo, reconhecendo as semelhanças e diferenças com o outro, questiona a maneira pela qual o saber circula e funciona no indivíduo, como ele descreve “*régime do savoir*” que significa regime do conhecimento. “Estas lutas contemporâneas giram em torno da questão: quem somos nós?” (FOUCAULT, 2014, p.235). Ou seja, é uma luta pelo autoconhecimento e o reconhecimento dos outros, onde o poder circula e possibilita a produção dos sujeitos.

Na continuação da análise vou tratar com maior profundidade o tema de produção do sujeito, que graças as experiências dos entrevistados é possível de

⁴⁰ Ter amigos é o que mais ajudou porque assim não se sente sozinho, eu demorei muito nos primeiros quatro a cinco meses para me abrir com os outros (Tradução própria).

se exemplificar a transformação da sua subjetividade e como as relações de poder na interação com o outro num contexto histórico gera sensações, conhecimentos, reações e opiniões, que são marcados por um grau de imprevisibilidade significativo.

4.3 EXPERIÊNCIA E PRODUÇÃO DO SUJEITO

A experiência dos sujeitos no Brasil teve diversos momentos de muita relevância em suas transformações, cada um no seu círculo social, no seu programa de estudo, nas suas condições e rotinas do dia a dia, mas teve um momento em especial que todos eles compartilharam individualmente e que tiveram que encarar indistintamente o tempo que demorasse, que foi a solidão.

Segundo Montero, Lena e Sosa (2001) a solidão é entendida como um estado subjetivo que contrasta a condição de assolação física do indivíduo pela falta de uma relação particular, do desequilíbrio na interação social afetiva desejada, seja qualitativa ou quantitativamente, que tem um impacto diferencial no funcionamento da saúde física e psicológica do sujeito. No contexto dos sujeitos, estar inseridos num país diferente, longe da família, amigos e pessoas que faziam parte da sua vida, é um fator que poderia desencadear sintomas de solidão, como angústia, estresse, baixa autoestima, sentimentos de vazio e abandono, privação de apego íntimo, e outros sintomas vinculados à depressão.

Sufrió como cuando tu llegas a una parte, estas perdido, no sabes que hacer, tienes que pedir ayuda a todo mundo, entonces, se sufre y también la soledad cuesta bastante cuando llegas acá y no hay nadie que pregunte ¿cómo estas?, ¿cómo te fue en tu día? (EQUADOR, 2019)⁴¹.

Nos primeiros meses depois da chegada ao Brasil, as datas importantes como aniversários, natal ou virada do ano, e momentos de carência, doenças ou momentos difíceis é quando a solidão “pega mais forte”.

Me deprimí, porque imagínate no fui para mi país, eran las fiestas de navidad, año nuevo, comencé a comer solo carne *gordurosa*, carne grasosa, entonces,

⁴¹ Sofri como quando você chega a qualquer parte, se está perdido, não sabe o que fazer, tem que pedir ajuda a todo mundo, então, se sofre e também a solidão custa muito quando você chega aqui e não há ninguém que pergunte Como você está?, Como foi teu dia? (Tradução própria).

a final de año fui parar al hospital, entonces, fue unos dos o tres días que fue y se acabo (EQUADOR, 2019)⁴².

A forma como Equador vivenciou seu primeiro natal no Brasil resultou em uma experiência traumática, pelo mecanismo de defesa⁴³ que usou contra a assolação que foi o pouco cuidado da sua saúde, compensando com outro tipo de prazeres. O entrevistado ficou incomodado na hora de falar dessa experiência, tentando passar para outro tema quando diz “fue unos dos o tres días que fue y se acabo”. Pode se interpretar que passou momentos muito difíceis, de mais de 2 a 3 dias, até encontrar seu espaço, onde se sentia confortável, que conectando o tempo que tomou para se relacionar os outros, foi aproximadamente 6 meses. É a resistência que colocamos em momentos de insegurança e fraqueza, tentar fugir da situação ou nos ocultar com qualquer possibilidade que se apresente. Ficar ligado à imagem que queremos mostrar para os outros naquele jogo de poder que tratamos na última categoria.

Sair da nossa zona de conforto não só implica deixar as comodidades de casa, também compromete aquele apego emocional que temos com pessoas que faziam parte da rotina, daquele constante contato físico, de amizade, de parceria, contato profissional, e entre outros, que faziam nos sentirmos confortáveis.

Me sentí un poco solo, que estoy haciendo acá dije, en Chile tenia todo, estaba trabajando, podía ir al mercado, comprar alguna cosa, tenia los medios, tenia mi auto, tenia mi trabajo, estaba ahí como encerrado en el cuarto, dije: voy a estudiar *huevo*n (CHILE, 2019)⁴⁴.

Barbosa (2013), em sua pesquisa sobre a migração Haitiana, reforça a ideia que mesmo em situações favoráveis o migrante atravessa fronteiras não só geográficas, mas também socioeconômicas e interpessoais, afrontando a solidão e a aflição como principais queixas, logo “os migrantes podem experimentar um mal-estar

⁴² Me deprimi, porque imagina não fui para meu país, eram as festas de natal, virada do ano, comecei comer carne gordurosa só, carne gordurosa, então, ao final do ano fui parar no hospital, então, foram uns dois ou três dias que foi e se acabou.

⁴³ Ações psicológicas do subconsciente que têm por finalidade reduzir qualquer manifestação que pode colocar em perigo a integridade do ego, onde o indivíduo não consiga lidar com situações que por algum motivo considere ameaçadoras (FREUD, 2006).

⁴⁴ Senti me um pouco sozinho, o que estou fazendo aqui? Falei, em Chile tinha tudo, estava trabalhando, podia ir ao mercado, comprar alguma coisa, tinha os meios, tinha meu carro, tinha meu trabalho, estava lá como fechado no quarto, falei: vou estudar *poxa*. (Tradução própria).

agudo, uma separação de si, uma nostalgia e melancolia, que devem ser enquadradas nos contextos particulares de vida de cada um, e nos respectivos contextos discursivos de significado” (BARBOSA, 2013, p.4).

Hubo momentos en los que si me sentí sola, sentí como que *chuleta*, por ejemplo, yo llegue aquí en julio del 2017 y yo tenia un viaje planeado para ese diciembre del 2017, para Panamá, y con ese estrés de la universidad, si esque me costaba el idioma, si es que no me había encajado del todo, yo contaba los días para regresar a Panamá (PANAMÁ, 2019)⁴⁵.

Ainda a situação do migrante seja distinta dos sujeitos, os dois grupos apresentam fortes similitudes na questão de reelaboração da sua vida, pois os pontos de referência antigos desaparecem até se apropriar dos novos, sua identidade se vê fragmentada, e precisa se reestabelecer como sujeito em uma nova realidade.

Si es bastante difícil, cuando llega ese momento que sientes la soledad, sientes la presión muchas veces, de repente alguna de las ansiedades son por la cuestión académica, pero eso, me toco aprender a superar eso, me senté y dije bueno que es lo que voy hacer y tome varias decisiones (NICARAGUA)⁴⁶.

À medida em que o sujeito vai se integrando no meio social, vai aprendendo os novos códigos sociais, a nova estrutura e a dinâmica cultural, o sujeito vai se sentindo mais seguro, mais confortável. A interação com o outro permite a troca de ideias, de sentimentos, de percepções, ajuda ao reconhecimento como sujeito existente na sociedade, ao descobrimento de seu lugar no mundo, espaço-tempo, e permite produzir um significado e valor a sua existência. Ruiz *et al.* (2009) explicam que o reconhecimento social que o grupo proporciona promovem diversas vantagens: incide positivamente no sentimento de pertencimento e interação social, contrário ao sentimento de solidão; ajuda na autoestima emocional e social; e na avaliação geral de satisfação vital.

⁴⁵ Teve momentos que sim, me senti sozinha, senti como que *porra*, por exemplo, eu cheguei aqui em julho do 2017 e tinha uma viagem planejada para aquele dezembro do 2017, para Panamá, e com aquele estresse da faculdade, a questão do idioma, se não estava me encaixando, eu contava os dias para regressar a Panamá (Tradução própria).

⁴⁶ É muito difícil, quando chega aquele momento que se sente a solidão, se sente a pressão muitas vezes, de repente alguma das ansiedades são pela questão acadêmica, mais isso, tive que aprender superar, me sentei e falei: bom, que é o que vou fazer? E tomei várias decisões (Tradução própria)..

No me sentí como un extranjero en términos de atención médica, por ejemplo, me sentí como un brasileño normal en ese sentido, y eso me gusto mucho, eso me impacto, me trataron igual de cómo tratan a un brasileño en el sentido de te vamos a atender igual, te vamos a agendar una fecha para una cirugía, como a todo brasileño, seguir los procesos, fui al hospital y no hubo ningún problema, me pareció genial. Porque creo que ayuda mucho, uno se siente muy bien, se siente cómodo, y se siente que no estás solo, en ciertos problemas. Sobre todo por lo que viajas, y básicamente estás sin familia, estás solo y no tienes a quien recurrir (NICARAGUA, 2019)⁴⁷.

Neste contexto que o Nicarágua é tratado como mais um brasileiro, ele se sente mais à vontade considerando que conta com as mesmas vantagens que os demais, que tem os mesmos direitos em relação ao sistema da saúde social e que tem que cumprir com os mesmos processos que os outros. É a necessidade de se sentir parte de um grupo social, de se sentir integrado e tratado como um igual em relação aos outros. Poderia se interpretar que o Nicarágua não se sentia muito a vontade de ser tratado como um estrangeiro, que as vantagens que o estrangeiro apresenta não era atrativas para ele ou simplesmente não cumpria com certas condições que o brasileiro determina como chamativo num estrangeiro. São muitas as possibilidades que poderiam mostrar sua insatisfação, como voltando para sua fala da nota de rodapé número 36, ele especifica que não necessariamente as pessoas precisam gostar de você pelo fato de ser estrangeiro, permitindo entender o incômodo da sua condição de diferente. Sendo assim a experiência que ele teve no sistema de saúde pública foi plena e inclusiva pelo fato de ter eliminado aquela posição desconfortável para ele.

Sayad (1998) destaca que o migrante é lançado a uma aventura existencial de ultrapassagem de fronteiras de identidade e da memória, e que experimentam uma transformação frequentemente dolorosa, de percepção identitária de si e do valor social das suas referências culturais de origem. Ele compara esta experiência do “novo cidadão” como um morto-vivo, ou um recém-nascido, frágil e vulnerável “A veces se come mal, se duerme mal, se estresa mucho, entonces no es

⁴⁷ Não me senti como um estrangeiro em termos de atenção médica, por exemplo, me senti como um brasileiro normal neste sentido, e isso gostei muito, isso me impactou, me trataram igual de como tratam um brasileiro no sentido de vamos te atender igual, vamos te agendar uma data para uma cirurgia, como para todo brasileiro, seguir os processos, fui ao hospital e não houve problema nenhum, achei genial. Porque acho que ajuda muito, se sente muito bem, se sente confortável, e se sente que não se está sozinho, em certos problemas. Sobretudo porque viaja, e basicamente está sem família, está sozinho e não tem a quem recorrer (Tradução própria).

solamente salir del país, sino también, el sacrificio que la persona hace, eso uno tiene que valorar más. Y uno valora cuando lo vive” (EQUADOR, 2019)⁴⁸.

Os significados que nós damos às nossas experiências são definidas pelo impacto que tiveram em nossa existência, especialmente quando estão ligadas a emoções de alta intensidade. Neste caso Equador descreve como sua experiência no Brasil implicou sacrifícios que deixou no seu país para enfrentar sua nova realidade, mesma que estivesse ligada a condições de vida que acarretaram sofrimento e incômodos. Em relação às condições que tinham antes do Brasil possuíam uma concepção simplista, que depois de entender a relevância da sua ausência foram avaliadas de forma diferente, atribuindo a elas maior mérito. As experiências que geram crises nos sujeitos ficam impregnadas nas suas memórias, e são propensas a câmbios comportamentais nas pessoas, pois a força e energia empregada para dominar a situação requer de maior esforço e determinação.

Mi hermana me dice que mi mama entra a tu cuarto y se pone a llorar, y [...] yo decía Dios mío, ¿Qué le estoy haciendo a mi mama?, sabes, porque tu te quedas como: Yo no quiero que pase eso, yo estoy aquí porque quiero ser mejor, quiero mejorar [...] hay cosas que te dejan como *chuleta*, como que no quiero causarles una molestia, un dolor, quiero hacerlo para ponerlos orgullosos y hacerles ver que yo quiero echar para adelante (PANAMÁ)⁴⁹.

Panamá se coloca no dilema entre o sofrimento que é estar longe de casa gera, de sua mãe, e o peso do seu programa fora do país para melhorar como profissional e deixar sua família com orgulho. Dilema que tenta determinar se aquela consequência de provocar sofrimento à sua família compensa a satisfação do orgulho que vai representar a culminação do programa e o reconhecimento social pelo logro alcançado. Questão de expectativas pessoais e sociais que expõem as pessoas a sacrifícios e incômodos.

O sistema social exige do cidadão requisitos para melhor suas condições e probabilidades dentro das estruturas sociais, que Foucault (2006) chama

⁴⁸ As vezes se come mal, se dorme mal, se estressa muito, então não á somente sair do país, senão também, o sacrifício que a pessoa faz, isso se tem que que ser mais valorizado. E a gente valoriza quando o vive (Tradução própria).

⁴⁹ Minha irmã me diz que minha mãe entra a teu quarto e começa chorar, e [...] eu dizia meu Deus, o que estou fazendo a minha mãe?, sabe, porque você fica como: Eu não quero eles passar por isto, eu estou aqui porque quero ser melhor, quero melhorar [...] há coisas que te deixam como *porra*, como que não quero lhes causar una moléstia, uma dor, quero faze-lo para deixar eles orgulhosos y faze eles ver que eu quero ir para frente (Tradução própria).

de sociedade disciplinar, a qual implica uma série de instrumentos para o adestramento das pessoas com o propósito de produzir indivíduos dóceis, lucrativos e efetivos. Disciplina que consiste no processo de fazer crescer a utilidade de elementos singulares que permite o poder operacionalizar e acrescentar o círculo de produção e lucro. Ou seja, criar sujeitos que consigam se inserir na dinâmica social com a ideia de uma liberdade falsa onde podem ser controlados e manipulados pelo sistema para manter uma produtividade contínua e crescente.

A disciplina é interiorizada nos indivíduos por meio de dispositivos disciplinares que ameaçam com medo, julgamento e destruição social, resultando assim em um indivíduo que não pertence a nenhuma identidade e também pertence a todas. Essa tentativa de manter o indivíduo num estado constante de vigilância fora de muros institucionais leva-o a uma sociedade de controle, que consiste na incorporação da disciplina nos indivíduos, com o mesmo efeito dos dispositivos disciplinares, sem a necessidade da presença de nenhum tipo de autoridade que imponha os procedimentos de poder e saber nesta dinâmica social.

Neste olhar, os programas de estudo que os entrevistados desta dissertação fizeram podem ser entendidos como o exercício da sociedade de controle sobre eles, como os dispositivos disciplinares que estão inseridos em suas tomadas de decisões e os propósitos de vida, que foram definidos “livremente”. O discurso por detrás desta imposição social consiste na necessidade de aperfeiçoamento de competências profissionais, o aprimoramento de conhecimentos técnicos, científicos e da experiência dos sujeitos para enfrentar diferentes cenários, como a alta competitividade no mercado do trabalho e a demanda de profissionais mais preparados. O sofrimento que o distanciamento da família representa é justificado socialmente como mérito do sacrifício colocado no esforço e alcance logrado de um estudo de pós-graduação em um país diferente e em outro idioma. A conclusão do programa representa uma ferramenta prestigiada que permitirá aos sujeitos se inserirem em novos mercados de trabalho e círculos sociais diferentes, todo com uma perspectiva de conquista.

A experiência que os sujeitos do estudo vivenciaram, tiveram diversas situações fortuitas, muitas boas e outras mais difíceis, mas todas elas fizeram parte para a transformação de cada um deles.

Mira bro, yo pensaba que antes de venir a Brasil ya era una persona madura, y estaba equivocado, vivir solo, vivir en otro país, vivir lejos de tu familia, lejos de tu cultura, vivir lejos de tu zonas de *comfort* te hace crecer como persona, te hace madurar, ya no es el mismo “yo” que llevo al que va a regresar, ya tiene otros objetivos en mente, ya tiene otra visión. Ahora valora mucho más al país de donde salí, a la familia de donde salí, entonces, es un “yo” diferente (EQUADOR, 2019)⁵⁰.

Aquele novo “yo”, ou “eu”, que descreve Equador é um sujeito que depois da sua experiência consegue avistar sua realidade com um olhar novo, com diversos horizontes de compreensão de significados, de expectativas e objetivos. Entende-se como um “eu” diferente pelo fato de ter encarado uma realidade que não conhecia e ter enfrentado novas situações enquanto sujeito que era antes de ir para o Brasil, e efetivamente voltará como alguém diferente. Há uma reafirmação do sujeito somada à novas qualidades, habilidades, conhecimentos e entendimentos de si mesmo. Reconhecimento próprio que atribui segurança ao sujeito para poder se propor metas mais complexas e com maior dificuldade.

Lemke (2011) explica que a experiência funciona como uma força dominante e transformadora, que graças as práticas e eventos transcendentais podem ir além dos limites históricos da pessoa. Ou seja, cada vivência tem um impulso determinante no processo de transformação da pessoa, a avaliação de si e da sua realidade muda de acordo com um valor e significados diferentes constituídos por novos conhecimentos e entendimentos.

Antes de Brasil tenía la perspectiva negativa de algunas cosas y era muy rígido de acuerdo a mis objetivos, personales y profesionales, decía: no, yo tengo que hacer esto y lo tengo que hacer de esta forma, [...] ahora creo que tengo un abanico para mí de oportunidades, antes lo veía muy reducido, que no tenía muchas opciones, ahora después de Brasil estoy súper animado, veo que tengo muchas opciones, me siento más seguro de tomar cierto tipo de decisiones ahora, aunque sean difíciles de tomar pero me ha ayudado a no ser tan rígido en la vida (NICARÁGUA, 2019)⁵¹.

⁵⁰ Olha *bro*, eu pensava que antes de vir para o Brasil já era uma pessoa madura, e estava errado, viver sozinho, vivem em outro país, viver longe da família, longe da tua cultura, viver longe da tua zona de conforto faz te crescer como pessoa, faz te madurar, já não é o mesmo “eu” que chegou que vai regressar, já tem outros objetivos em mente, já tem outra visão. Agora valorizo muito mais o país de onde saí, a família de onde saí, então, é um “eu” diferente (Tradução própria).

⁵¹ Antes de Brasil tinha a perspectiva negativa de algumas coisas e era muito rígido de acordo com meu objetivos, pessoais e profissionais, falava: não, eu tenho que fazer isto e tenho que fazer desta forma, [...] agora acho que tenho um leque de oportunidades, antes percebia que era muito reduzido, que não tinha muitas opções, agora depois de Brasil estou bem animado, percebo que tenho muitas opções, me sinto mais seguro de tomar certos tipos de decisões, ainda sejam difíceis mas tem me ajudado não ser tão rígido na vida (Tradução própria).

O novo “eu” de Nicarágua está evidenciado pela transformação na autopercepção do seu “eu” passado e seu “eu” presente, de como ele se concebia, seus limites, suas oportunidades, e agora, depois da experiência, como se sente, se pensa e se avalia sobre si mesmo, como um sujeito novo e transformado. Entende que o sujeito que era antes do Brasil não permitia avistar um “leque” de oportunidades pela rigidez e negatividade que tinha sobre certas coisas, aquela estratégia, ou possivelmente mecanismos de defesa, não estavam lhe ajudando para se desenvolver social e profissionalmente. Foucault (2009b) propõe a ideia da experiência como uma ficção, de como o surreal, o imaginário pode se tornar algo real ou concreto na nossa vida. Assim como o inexistente de uma nova experiência pode trazer mudanças significativas na vida de uma pessoa.

O pensador exemplifica a ideia com o uso de uma caneta, no exercício da escritura de novos textos ou um novo livro. O sujeito consegue trazer à realidade seus pensamentos por meio da escritura, o inexistente se torna real pela ação do sujeito. A caneta que é o meio para capturar os pensamentos do escritor sobre uma superfície inserida no mundo real, e representa o sujeito em ação, em movimento, no exercício da experiência. Foucault (2009b) vincula a ficção com a linguagem, como uma dependência complexa entre elas, na confirmação e contestação de escrever algo surreal. A experiência funciona da mesma forma, na retribuição de um novo sujeito ao se permitir viver algo que não existe e que vai ganhando forma e sentido à medida em que vai acontecendo, na ação do sujeito.

Foucault (1968) esclarece que a linguagem permite estar num contato mais próximo com os sentidos do sujeito, com o processamento dos seus entendimentos e a produção das suas verdades. Como o sujeito projeta no mundo real o que está acontecendo na nossa mente, o assimilado das nossas vivências.

Empiezo como que a conocerme a mi misma y empiezo como que para echar para atrás y pensar yo estoy brava, ¿Por qué? Porque tengo calor, que se yo, porque el sol que salió, y como cosas como bobas, como que me hizo conocerme mas a mi misma y creo que eso me ha ayudado a entenderme más y crecer como persona (PANAMÁ, 2019)⁵².

⁵² Começo me conhecer a eu mesma, e começo como que voltar para atrás, e pensar eu estou brava, por que? Porque tenho calor, eu não sei, porque o sol saiu, e como coisas como bobas, como que me fez conhecer mais a eu mesma e acho que isso tem me ajudado para me entender mais e crescer como pessoa (Tradução própria).

Panamá questiona seu “eu”, o motivo de certos comportamentos e a racionalização da sua conduta, avaliando como “bobos” aos motivos pelos quais fizeram ela se comportar daquela maneira, se olhando no passado e se sentindo uma pessoa diferente, se entendendo melhor e resultando um sujeito novo. Corral (2004) explica que a linguagem permite desdobrar e construir o real significativo das experiências do sujeito, as quais conformam o real simbólico e o real histórico. Como o sujeito descompõe a assimilação da realidade que o rodeia, com cada significado atribuído socialmente no transcurso do tempo e a representação simbólica que adquire, para depois dar uma significação individual, um valor pessoal, dentro de uma categoria privada do indivíduo. É a soma destes componentes que gera um valor e um entendimento particular a cada objeto, e que permite a vivência dos ideais de cada sujeito. Ou seja, é a construção de significados e avaliação que damos a nossas experiências, que permite questionar o *status quo*⁵³ de nós mesmos e produzir um novo “eu” constantemente, pela apropriação de cada novo entendimento do sujeito.

[...] siempre era lo que quiera, y aquí aprendí que no, que no siempre es así, que tienes que respetar los horarios de los demás, que nada en esta vida es fácil y gratis (risas). [...] Aprendí mucho aquí que, favor con favor se paga, tanto en el trabajo como personalmente (EQUADOR, 2019)⁵⁴.

A expressão “nada é de graça” é falada por dois dos sujeitos entrevistados, Equador e Panamá na nota de rodapé número 57, justamente pela nova avaliação que fizeram de circunstâncias de suas vivências, tanto como o valor de coisas materiais e o valor de favores ou ações que recaem sobre os outros. A nova avaliação os permite entender que tem maior peso de importância e responsabilidade que cada um tem sobre o outro, que permite se colocar na posição do outro, e compreender que o outro também tem uma avaliação particular das coisas. Deste modo para Equador foi favorável atingir neste entendimento de “pagar favor com favor” como estratégia para alcançar seus propósitos, usando trocas que a outra pessoa pode considerar importante.

López (2011) propõe que a subjetividade é a forma singular do sujeito, que é composta por sua experiência histórica e que torna visível suas condições para

⁵³ Locução em língua latina que significa “no estado das coisas”

⁵⁴ Sempre era o que eu queira, e aqui aprendi que não, que não sempre é assim, que tem que respeitar os horários dos demais, que nada nesta vida é fácil e de graça (risadas). [...] Aprendi muito aqui que, favor com favor se paga, tanto no trabalho como pessoalmente. (Tradução própria).

que seja particular e concreta. Panamá e os outros sujeitos de estudo se encontraram na situação de controlar suas finanças, de se responsabilizar por manter sua vida e seus interesses pessoais fora do seu programa de estudo. “A manejar el dinero (risas) creo que es lo que más aprendí, osea aprendí muchas cosas, pero el tema de solventarte independientemente evitando tener que pedir en casa” (PANAMÁ, 2019)⁵⁵. Essa “aptidão” do sujeito de custear suas necessidades, evitando pedir ajuda a terceiros, faz parte do discurso que a sociedade espera do cidadão independente, pela imagem que projeta de uma pessoa responsável, autónoma, e autossuficiente para se manter sem a necessidade do outro, pois pode representar uma fraqueza naqueles jogos nas relações de poder. “Salir de tu lugar de *comfort* é *muito*, muy bueno, porque aprendes muchas cosas para hacer solo” (EQUADOR, 2019)⁵⁶. Assim além do controle financeiro, a capacidade de fazer as coisas de forma independente é uma demonstração de um sujeito mais forte e atrativo socialmente, capaz de desafiar qualquer situação sozinho. As situações que os sujeitos entrevistados tiveram que passar, possivelmente implicaram mais angustia para uns do que para outros, pela “pouca experiência” ou falta de conhecimento para reagir ante este tipo de situações que tinham antes de vir para o Brasil. Situações novas equivalem a conhecimentos novos, maior experiência equivale a maior destreza para reagir em situações similares, e novos processos de subjetivação equivalem a produção de um novo sujeito repetidamente.

É assim que cada nova experiência permite ao sujeito ir se construindo com novas aptidões ou competências que fazem dele um sujeito único, seja pela forma de assimilação das novidades ou pelo uso dos conhecimentos recém adquiridos. Neste caso os entrevistados entenderam que a solidão implica, além da construção de um sujeito forte emocionalmente, também um sujeito forte em relação a competências como cidadão. Não posso garantir que as competências que os entrevistados colocam como desvoltas sejam assim, mas o entendimento da sua necessidade fica claro pela colocação nos seus discursos.

O sujeito, segundo Foucault (2012) se constitui por meio de práticas de liberação, ou de liberdade, pois não existe um sujeito soberano, fundador, com um

⁵⁵ Lidar com o dinheiro (risadas) acho que é o que mais aprendi, ou seja, aprendi muitas coisas mas me manter independentemente evitando ter que pedir em casa (Tradução própria).

⁵⁶ Sair de teu lugar de conforto é muito, muito bom, porque aprendes muitas coisas para fazer sozinho (Tradução própria).

molde universal. O sujeito vai se produzindo invariavelmente, sem um sentido fixo o ou com um propósito determinado. É a interação com os outros e aquilo que cerca o indivíduo, que é entendida por Mansano e Carvalho (2015), como um processo incessante de constituição do sujeito por meio de experiências e componentes ricos em significados que são inventados e estão em circulação no meio social.

A subjetividade transita em cada sujeito na produção constante de significados, na interação com o mundo físico e na vivência de novas experiências, na circulação de componentes criados conforme com a “aproximação e enfrentamento com o social, com a natureza, com os acontecimentos e com a multiplicidade das invenções humanas” (MANSANO; CARVALHO, 2015, p.653). Constitui-se por meio de componentes de subjetivação como: sentimentos, ideias, valores, desejos, sensibilidades e outras dimensões de existência que fazem parte da nossa forma de viver.

El recelo de que voy a poner esto o voy a cuidar las cosas más de lo que es porque se que no es mío y si lo daño me cobran, entonces esa parte me enseño, a saber el valor de las cosas [...] madurar mucho en el sentido de saber que las cosas no son gratis, que las cosas cuestan y las cosas se cuidan y creo que me hizo ir para mejor (PANAMÁ, 2019)⁵⁷.

É a interação vivida que o sujeito tem com o meio externo que propicia a origem ou a modificação de significados o qual circula no sujeito, transformando sua subjetividade e a forma de olhar sua realidade. O discurso de Panamá permite perceber que a interação com o valor financeiro das coisas é nova, o significado que ela tinha sobre o domínio das finanças era básico e representou um desafio ter aprendido sobre o tema. Sua experiência permitiu enxergar, ou ter uma noção mais aprofundada que antes, em relação à o que o capital representa na sociedade e a importância de saber usá-lo como meio para se desenvolver na dinâmica no sistema, especialmente no sistema brasileiro, pois cada país tem suas próprias particularidades em relação ao movimento econômico.

Foucault (2012) chama como práticas de si as práticas de auto formação do sujeito, como um exercício de si sobre si mesmo, que tem como resultado

⁵⁷ O receio de que vou a colocar isto aqui ou vou cuidar mais das coisas do que é necessário porque sei que não é meu e se eu quebrar me cobram, então aquela parte me ensinou, saber o valor das coisas [...] madurar muito no sentido de saber que as coisas não são de graça, que as coisas tem um valor e as cosas tem se cuidar y acho que foi para melhorar (Tradução própria).

uma transformação, que no seu ideal, é uma transformação favorável. Esta envolve práticas que permitem o autoconhecimento, a auto superação, e o domínio de riscos que poderiam arrebatam a liberdade. São práticas de liberação que permitem definir indivíduos em formas satisfatórias da sua existência. Chile se posiciona nestas práticas de si como forma de exercer em si uma melhora enquanto sujeito, da concepção de si mesmo e as mudanças que ele considera certas depois da sua experiência no Brasil. “Crecimiento total, de experiencia, maduras, de cosas nuevas, de abrir la mente, de ser más liberal, de ser más respetuoso con todas las opciones sexuales, religiosas, esas cosas. Una experiencia buena” (CHILE, 2019)⁵⁸. Condutas e formas de pensamento que ele percebeu na sociedade brasileira, especialmente nos círculos sociais que ele frequentou, de como as pessoas interagem dentro do conceito do “normal” e “aceitável” e as diferenças que notou entre a sociedade que ele estava acostumado e a nova sociedade que esteve inserido por dois anos. As mudanças que ele considera parte da sua transformação, de certa forma eram necessárias para poder se inserir nestes círculos sociais, pois considerando suas falas nas notas de rodapé número 9,13 e 16 assim como Equador nas notas de rodapé número 6 e 12, o preconceito é visível pelas suas produções históricas e a constituição de certos conceitos sociais que tinham no seu círculo social antes do Brasil.

Resultando na modificação em certos significados de conceitos sociais ou na modificação dos discursos que apresenta para as pessoas, pois não posso assegurar que realmente tenha acontecido alguma modificação de significados no pensamento dos sujeitos, mas sim no uso destes conceitos como estratégia para influenciar na concepção da imagem do outro sobre si. Desta forma as práticas de si se manifestam na aprendizagem das diferenças da nossa realidade, no resultado dos meios de adaptação ante situações que ameaçam o desenvolvimento do sujeito na sua existência, e na reflexão do sujeito sobre si mesmo.

A interação com outros grupos sociais, fora de seu meio social comum, permitiu aos sujeitos entender a semelhanças e as diferenças entre as pessoas, geralmente diferenças que são produzidas socialmente por conceitos e significados criados historicamente. Foucault (2012) aponta que por meio destas práticas de si, entendidas como esquemas impostos ou sugeridos, que se encontram

⁵⁸ Crecimiento total, de experiencia, maduras, de cosas nuevas, de abrir a mente, de ser mais liberal, de ser mais respeitoso com todas as opções sexuais, religiosas, essas coisas. Uma boa experiência (Tradução própria).

na cultura, na sociedade ou nos grupos sociais, o sujeito se constitui de maneira ativa, entra em um estado de dominação de si e se supõe alguém cuidadoso em relação a si e aos outros.

Brasil había mucha diferencia, muchos ambientes, con diferentes visiones, incluso mismos brasileiros de regiones diferentes que piensan diferente, que vienen de otra cultura y compartía con todos ellos, entonces me ayudó muchísimo a tener una visión diferente de la vida, de las personas, y creer que vivimos en un mundo en el que todos somos iguales, simplemente con nacionalidades diferentes (NICARÁGUA, 2019)⁵⁹.

É a assimilação do mundo que nos rodeia, o entendimento da sua existência, o valor que nós damos para cada objeto e sujeito, nossa influência e impacto sobre cada um. É estar ciente da realidade que nós vivemos e que cada molécula está em constante mudança. O processo de subjetivação, como adverte Foucault (2006) implica o sujeito em movimento num contexto histórico, que envolve componentes e elementos que atribuem um valor significativo a cada experiência.

Siento que si ha habido un cambio del “yo” que era antes y el “yo” que soy ahora, siento además que soy más maduro al momento de tomar decisiones, de alguna forma contribuyó haber estado dos años entre la cuestión académica y una separación del ambiente en el que yo vivía anteriormente, eso de vivir solo me abrió un poco esa mente, me abrió a pensar de esa forma, [...] soy mas *easy going* como se dice en ingles (risas), [...] siento que puedo entrar a cualquier grupo, independiente de cual sea, sean adultos, académicos, no tan académicos, siento que soy mas abierto también en cuanto a las diferencias, cambie eso en mi aspecto personal (NICARÁGUA, 2019)⁶⁰.

Os sujeitos apresentam uma ampla mostra de aprendizagens e entendimentos individuais sobre sua experiência no Brasil durante o tempo que tomou seu programa de estudos, mostram como a interação com a cultura brasileira implicou em mudança de certos conceitos e comportamentos para poder interagir com o meio,

⁵⁹ Brasil tinha muita diferença, muitos ambientes, com diferentes visões, incluso dos mesmos brasileiros de regiões diferentes que pensam diferente, que vem de outra cultura e compartia com todos eles, então me ajudou muito para ter uma visão diferente da vida, das pessoas, e acreditar que vivemos num mundo que todos somos iguais, simplesmente com nacionalidades diferentes (Tradução própria)

⁶⁰ Sinto que sim tem acontecido uma mudança do “eu” que era antes e o “eu” que sou agora, sinto que sou mais maduro no momento de tomar decisões, de alguma forma contribuiu ter ficado dois anos entre a questão acadêmica e uma separação do ambiente que eu vivia anteriormente, isso de viver sozinho me abriu um pouco a mente, me abriu para pensar daquela forma, [...] sou mais *easy going* como se diz em inglês (risada), [...] sinto que posso entrar a qualquer grupo, Independiente de qual seja, sejam mais velhos, acadêmicos, não tão acadêmicos, sinto que sou mais aberto também em questão das diferenças, mudei isso no meu aspecto pessoal (Tradução própria).

como a necessidade de se adaptar a um novo sistema envolveu o desenvolvimento de recursos pessoais e como as relações de poder funcionam dentro de um novo entorno, especialmente quando os sujeitos se encontraram sozinhos e precisaram encarar sua condição para continuar com a experiência.

De forma geral pode se dizer que os sujeitos acharam segurança neles mesmos pelo modo de descrever sua transformação, segurança na forma de se integrar em novos grupos sociais, de afrontar novos desafios e de abranger sua realidade com outro olhar. Esta segurança pode ser compreendida como consequência dos recursos que eles avistam neles mesmos, as ferramentas que se consolidaram e que adquiriram no transcurso da experiência como parte das estratégias dos jogos de poder, e o entendimento das suas capacidades como sujeitos para alcançar os diferentes tipos de propósitos que puderam se propor individualmente.

No todo es perfecto, obviamente uno piensa y jura que, *chuleta*, yo voy a llegar allá y va a ser todo de mil maravillas, y no es así, siempre hay trabas, siempre hay cosas que te confunden, que te enredan, que se yo, que, pero que vale la pena, si uno se esfuerza y uno lo quiere vale la pena (PANAMÁ, 2019)⁶¹.

Para chegar até aquele entendimento os sujeitos tiveram que passar por situações boas e difíceis, algumas que provocaram satisfação e outras sofrimento, tiveram que enfrentar o outro e até eles mesmos no questionamento de si como sujeitos, e finalmente deixaram algum tipo de entendimento ou simplesmente uma lembrança. É a transformação do sujeito que por meio de práticas ascéticas procura se elaborar e formar um novo sujeito, que como coloca Mansano (2009, p.116), é “a produção viva de si no encontro com o outro”, que por meio de experiências os sujeitos se expõem constantemente a uma produção nova deles mesmos.

Não é preciso dizer que as transformações dos sujeitos foram exatamente como eles descreveram nas entrevistas desta dissertação, pois as narrativas estão compostas com base em influências de discursos sociais e assim, como se tratou o tema de relações de poder, estamos sempre em constante uso de

⁶¹ Nem tudo é perfeito, obviamente a gente pensa e jura que, porra, eu vou chegar lá e vai ser de mil maravilhas, e não é assim, sempre há obstáculos, sempre há coisas que confundem, que te enrolam, que não sei, que, mas que vale a pena, se a gente se esforça e a gente quer, vale a pena (Tradução própria).

estratégias nos jogos de poder, no qual a imagem que projetamos de nós mesmos nos outros pode ter vários propósitos diretos ou indiretos em todo tipo de prática, como as entrevistas feitas nesta dissertação.

Desta forma concluir é possível compreender que as mudanças dos sujeitos foram basicamente na produção e reprodução constante deles mesmos, como sua subjetividade foi se reformando com base em novos elementos que foram se integrando em suas vivências, e como os sujeitos foram se reconhecendo enquanto alguém novo na prática da sua liberdade e em contato com a realidade que o rodeou. A experiência que eles vivenciaram no Brasil foi um período importante na transformação de suas subjetividades, pela causa do afrontamento constante do novo e diferente, em contraste do rotineiro e conhecido de não se expor a experiências diferentes. O sujeito se produz indistintamente do tipo de experiência, mas o nível de intensidade e influência pode variar significativamente, e o período que os sujeitos vivenciaram no Brasil foi evidente que esteve cheio de experiências que marcaram a forma de enxergar e viver sua vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de ter vivenciado um tempo dentro da sociedade brasileira, distinguindo as diferenças culturais que nos separam, tentando entender o processo de adaptação que tive que passar até encontrar meu ponto seguro, minha zona de *conforto*, e avistando certas mudanças na minha percepção da realidade, tive o questionamento sobre os outros sujeitos que estavam realizando o mesmo programa, na mesma Universidade, e nas mesmas condições, como um estudante estrangeiro latino-americano fazendo um programa de post graduação – *stricto sensu*.

Deste questionamento surgiram várias indagações que compreendem a realidade de cada sujeito, o contexto histórico e elementos subjetivos que o constituem, assim a teoria de Foucault (1987) harmonizou com minha pesquisa pelo seu interesse sobre a constituição histórica das diferentes formas do sujeito, que envolve diversas relações, entre elas, as relações de poder. Por meio de um exemplo pode se mostrar este princípio:

[...] la constitución del sujeto loco puede en efecto ser considerada como la consecuencia de un sistema coercitivo -el sujeto pasivo-, pero usted sabe también que el sujeto loco es un sujeto no-libre y que justamente el enfermo mental se constituye como sujeto loco en relación y frente a aquel que lo declara loco (FOUCAULT, 1987, p. 124).

Neste sentido o sujeito se constitui dentro de esquemas que encontra na sua cultura, que são propostas, sugeridas e impostas por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social, onde as relações de poder estão inseridas de forma onipresente tentando determinar a conduta do outro. Desta forma, para a análise essa dissertação usou a teoria de Foucault (1987), onde 4 sujeitos, de diferentes nacionalidades latino-americanas e falantes de espanhol, foram entrevistados com o objetivo de entender como, por meio da sua experiência, se constituíram como sujeitos dentro destes esquemas sociais e na prática das relações de poder.

Para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista, no idioma nativo do pesquisador e dos entrevistados, espanhol, com o interesse de conseguir interpretar as elaborações colocadas e compreender os significados que podem estar imersos nas suas falas. Como expõe Ichikawa e Santos (2006), o entrevistado dá um sentido quando transforma em linguagem as vivências que são selecionadas e

organizadas ao descrever acontecimentos passados, fazendo referência no tempo presente. A metodologia usada nesta pesquisa, a análise da narrativa, permitiu aprofundar no entendimento da reconstrução das experiências dos entrevistados, ao considerar as narrativas como representações da sua história, onde a memória emocional tem um papel importante e funciona como a criadora do contexto narrado e o reflexo pessoal do acontecido.

Com o uso dessas ferramentas foi possível levantar dados dos sujeitos que participaram dessa pesquisa, o que me proporcionou informações necessárias para responder aos objetivos planejados.

O primeiro objetivo específico nessa dissertação foi categorizar os dispositivos de poder, saber e subjetivação presentes nas narrativas dos entrevistados neste estudo. Assim como explicam Bastos e Biar (2015, p. 107):

É preciso segmentar os dados gerados nos contextos de pesquisa em função das narrativas [...] tanto em uma perspectiva mais ampla (organização geral da fala, ou de seus segmentos), quanto em uma perspectiva mais localizada e episódica, reportando-se a um único evento.

Para essa pesquisa foi necessário segmentar a fala dos entrevistados em categorias que integraram os conteúdos de interesse para esta dissertação e os pontos que surgiram no decorrer das entrevistas. No processo de categorização se considerou a relevância de algumas das falas em comparação de outras, como condição que justifique sua reportabilidade e sustente o conteúdo da narrativa. Cada categoria foi sustentada pela orientação comunicativa dos entrevistados que surgiram na reconstrução da sua história, ou experiência.

As categorias foram associadas aos objetos de estudo e aos elementos que a conformam, que foram: a cultura (costumes, diversidade, idioma); as relações de poder (relações interpessoais, vantagens e desvantagens de ser estrangeiro); experiência e produção do sujeito (momentos críticos e sujeito depois de Brasil).

Alguns tópicos surgiram durante os depoimentos dos entrevistados, e que não tinham se considerado ao começo da dissertação, como a diversidade de gênero que percebida pelos entrevistados no seu entorno social e os momentos críticos de solidão que vivenciaram enquanto encararam sua nova realidade. Assim como explica Bastos e Biar (2005), é a emergência das narrativas nos diferentes

contextos colocados pelo entrevistado que o pesquisador pode analisar, como se relacionam com os tópicos das interações em curso e os novos tópicos introduzidos, recorrências, evitações e as diferentes formas de resistências. Assim, os temas determinados e os novos temas introduzidos foram picos que sobressaíram nas entrevistas, temas com alto conteúdo simbólico, emocional e associado à teoria deste estudo.

O discernimento das categorias permitiu localizar pontos em comum na fala dos entrevistados, conforme as experiências individuais, expectativas e percepções tiveram certa ligação entre alguns deles, como a impressão da experiência como uma aventura, a nova noção de avaliação do o “outro” e do alheio, e a intervenção do preconceito na imagem do brasileiro. A similitude de certas respostas, na questão de propósitos pessoais e o entendimento do o “outro” mostra como somos a sombra dos discursos inseridos na sociedade, como nos apropriamos de ideias incorporadas no transcurso da nossa vida e fazemos delas parte de nossa identidade. Partindo desde objetivo, foi possível continuar com o segundo objetivo, justamente pela participação constante das relações de poder em cada relato narrado pelos sujeitos entrevistados.

O segundo objetivo específico foi compreender o exercício das relações de poder na experiência dos estudantes latino-americanos em estudo. Procedendo da categorização das narrativas, as relações interpessoais, as vantagens e as desvantagens de ser um estudante estrangeiro, foram os principais campos onde o exercício das relações de poder foi mais evidente, porém ter tido participado em todas as categorias discernidas das entrevistas realizadas. As relações de poder, como Foucault (1987) expõe, tem uma extensão extraordinariamente grande nas relações humanas, nas incontáveis possibilidades que podem se exercer entre indivíduos, onde se evidencia as práticas de liberdade nos exercícios de estratégias que modifiquem o estado de dominação entre indivíduos. Para os propósitos desta dissertação, foi fundamental seu entendimento no exercício dos sujeitos de estudo, pois a natureza do ser humano é ser social e a interação intervém fatores de adaptação e de aprendizagens associados ao outro com a finalidade de dominá-lo.

O estudante estrangeiro contou com elementos que diferenciaram ele como indivíduo em comparação com o brasileiro, considerado o comum denominador nesta sociedade (sociedade brasileira), dispondo ao estrangeiro na categoria de indivíduo exótico. Mesmo que espelha a um indivíduo com características

discrepantes ao comum, aspectos ou atributos que sobressaem e são fáceis de distinguir, como: características físicas, a linguagem, costumes ou hábitos perceptíveis. Os sujeitos entrevistados cumpriram com tais características e coincidiram na correspondência diferencial do brasileiro.

Aproveitando as vantagens de ser percebido como um sujeito exótico, o estrangeiro usou elas como estratégias para alcançar sus interesses e objetivos, tanto como se inserir mais facilmente em grupos compostos por brasileiros, ser levado em conta para participar de eventos sociais, obter alguma vantagem especial do brasileiro ou no seu entorno, e entre tantos outros, sempre e quando envolve a interação com o “outro” que tivesse aquela fascinação pelo exótico que ele representava.

O poder circulou constantemente nas suas interações com o “outro”, sendo a imagem do estrangeiro uma ferramenta útil para aproveitar suas vantagens, porém no decorrer do tempo no mesmo entorno, aquela fascinação perdeu sua intensidade, por conseguinte também perdeu o poder, sendo necessário o uso de outros elementos próprios da pessoa para se manter naquele jogo de dominação sobre o outro. Dessa maneira pode se entender a mobilidade das relações de poder, sua capacidade de se modificar, de não estar determinadas de forma fixa ou estática de nenhuma das partes, e a conveniência de se inovar, redescobrir e produzir constantemente como sujeito

E finalmente o último objetivo específico foi extrair das narrativas a produção de subjetividades dos estudantes latino-americanos em estudo.

No encontro com o meio social, onde as relações de poder funcionaram como mecanismo para atingir os interesses dos indivíduos, também funcionaram como meio para se redescobrir, se reinventar e se produzir como sujeitos novos, pois enquanto cada indivíduo vivenciava uma nova experiência, sua subjetividade ia se transformando. Guattari e Rolnik (1996) explicam que a subjetividade não é passível de totalização ou centralização no indivíduo, ela é fabricada e modelada no registo de produção social e material.

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se repropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 31).

Neste contexto os sujeitos encararam uma sociedade nova, com diferentes praxes de vida, novas acepções, entendimentos distintos e diversas noções da realidade. Fatos que foram essenciais para a criação de uma nova subjetividade no sujeito que, por um lado, submete sua subjetividade assim como percebe no seu entorno ,e por outro lado, individualiza os componentes de subjetividade. Foucault (2012) chama este processo como práticas de si, como esquemas impostos pela cultura ou no grupo social inserido, onde o sujeito entra num estado de dominação de si, de forma ativa, que na participação de múltiplos componentes no contexto social, o sujeito acolhe estes componentes de subjetivação em circulação e também os emite, operando como uma construção coletiva viva na troca de subjetividades.

Os sujeitos em estudo ao estar submetidos a uma quantidade significativa de componentes de subjetividade achados na sociedade brasileira, no entorno onde eles interagiram, e no contato com sua nova realidade, eles produziram um novo conteúdo em relação a significados, conceitos, sentidos das coisas. O mundo deles se expandiu no sentido de conhecimento e novos entendimentos sobre eles mesmos e sobre o externo.

A execução dos três objetivos específicos mencionados permitiu me alcançar o objetivo geral desta pesquisa, que foi compreender a experiência dos estudantes latino-americanos matriculados em cursos de pós-graduação - stricto sensu - na Universidade Estadual de Londrina. Entendimento, que por meio da análise baseada no fundamento teórico, permitiu me concluir o seguinte:

A transformação que se esperava dos indivíduos depois de ter vivenciado uma experiência intensa, não necessariamente tem que ser evidente e notório para os olhos do o outro. As respostas dos entrevistados pretendiam mostrar que as mudanças eram explícitas, que os sujeitos tinham modificado a forma de enxergar o outro, o diferente, o não comum, mas ainda na mesma argumentação, revela-se a presença de influência de discursos, de prejuízos e preconceitos. Ou seja, algumas produções sociais têm predomínio sobre o sujeito e as suas novas elaborações, visto que a percepção do brasileiro, seus costumes e sua forma de viver tem ainda a interferência do olhar de um turista. Não há regras e tempo estabelecido para poder transformar pensamentos que foram lavrados durante a vida toda do indivíduo, mas, no caso desta pesquisa, os anos e as vivencias dos sujeitos de estudo não foram suficientes para mudar tais concepções.

As mudanças que puderam se distinguir, por meio de fatos relatados pelos entrevistados, foi a capacidade de se posicionar como sujeitos no seu entorno social, que significa, o encontro consigo mesmo para se conhecer, se entender e se reelaborar como um novo sujeito, sendo assim capaz de se situar numa sociedade completamente distinta, onde seja reconhecido e identificado na sua individualidade como sujeito, cidadão, estudante, empregado, amigo, namorado, entre outros. Conseguir tomar partido de um espaço com uma cultura absolutamente nova, de um grupo, da mesma comunidade, requereu de habilidades sócias que os indivíduos no começo do programa desconheciam ou não eram conscientes. Foi necessário a avaliação de si mesmo, de um trabalho pessoal, uma observação interna para começar se instaurar como um novo “eu” e começar se assentar na sua nova realidade.

A renovação de conceitos, significados e de percepção das coisas não é preciso constatar só por meio do discurso dos indivíduos, na prática e na suma de outros elementos subjetivos do indivíduo, o adquirido vai se manifestando e se robustecendo naquela nova visão do mundo. Neste sentido, os indivíduos voltaram para sua vida antes do Brasil com uma ideologia distinta, onde a transformação da sua subjetividade guiara eles para as seguintes experiências, e para outras novas e constantes mudanças. Assim como Foucault (2006) aponta, todo processo de subjetivação pressupõe ao indivíduo em movimento, onde o corpo é a “superfície de inscrição dos acontecimentos” (FOUCAULT, 2014, p. 15). Toda experiência do indivíduo é carregada no seu corpo e percorre sua vida na continua produção de subjetividade.

Por outro lado, pode se concluir também, considerando as relações de poder como peça teórica fundamental para esta dissertação, a importância da sua compreensão, como exerce sua prática em toda relação social, institucional ou econômica, como é perceptível em qualquer tipo de análise que envolva ao indivíduo no convívio do social, e o interessante de achar ele encoberto em discursos, corroborando a tese de Foucault (2006, p. 253) onde “O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder”.

O poder desempenha um papel primordial no desenvolvimento das relações sociais, onde o ser humano exhibe seus impulsos primitivos que alimentam seu ego pelo permanente jogo e o uso de estratégias na procura de dominação do

outro. O conhecimento da sua magnitude é uma ferramenta útil que precisa de muito cuidado para não exceder seu uso, dado que nas resistências do outro, nunca se sabe o que pode se esperar.

[...] não há relações de poder sem resistências; que estas são tão mais reais e eficazes quanto mais se formem ali mesmo onde se exercem as relações de poder; a resistência ao poder não tem que vir de fora para ser real, mas ela não é pega na armadilha porque ela é a compatriota do poder. Ela existe tanto mais quanto ela esteja ali onde está o poder (FOUCAULT, 2006, p. 249).

Em síntese, o poder pode ser uma vantagem para o sujeito, mas também pode chegar ser uma ameaça, sendo assim muito importante planejar estratégias cautelosamente na procura de nossos propósitos, considerando que no mesmo entorno existem inúmeros exercícios de poder que nós estamos participando nas estratégias dos outros.

Após ter achado mudanças nos indivíduos dessa pesquisa e de ter corroborado que a experiência possibilita uma transformação na subjetividade dos sujeitos, se abrem novos questionamentos sobre o tema: sobre a relevância do tempo e o nível de inserção que precisasse um indivíduo para poder realmente reconhecer o outro e quebrar barreiras sociais como preconceitos e prejuízos dentro de uma nova cultura; sobre os umbrais plausíveis das relações de poder dentro das sociedades, onde na mira de dominação do outro pode se tornar comprometedor para a integridade dos indivíduos; sobre a geração de subculturas dentro do mesmo país, contando com a intervenção do agentes externos como é o caso do estrangeiro nesta pesquisa, como elas influenciam na conformação de subjetividades da população local, e destas, várias outras inquietações que deixo ao leitor acrescentar e motivar novas pesquisas.

Deste modo eu concluo essa pesquisa, esperando que seja fonte de informação e incitação para outros estudos que envolvam a produção de subjetividade, as relações de poder, a transformação dos sujeitos por meio da experiência, e qualquer outro tema que permita o entendimento da complexidade do ser humano na interação com sua natureza.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Narrativas na história oral. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITARIOS DE HISTORIA, 21., Rio de Janeiro, 2002. **Anais Eletrônico da ABHO...**, 2002.
- BARBOSA, L. S. O homem haitiano enquanto imigrante: experiências de vida no sul do Brasil. *In*: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis, SC: UFSC, 2013.
- BASTOS, L. C.; BIAR D. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, v.31, n. esp., 2015.
- BARROS, M. Introdução. *In*: FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2.ed. Rio de Janeiro: Forence Universitaria, 2009. Ditos e Escritos Vol. III.
- BERNARDES A.; HOENISCHI, J. C. D. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da psicologia social. *In*: GUARESCHI, N. M. F.; BRUSCHI M. (Orgs). **Psicologia social nos estudos culturais**: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BERNHEIM, C. T. América Latina: identidad y diversidad cultural. El aporte de las universidades al proceso integracionista. **POLIS Revista Latinoamericana** 2007. BEST S.; KELLNER D. **Postmodern Theory**: Critica Interrogations, London; Macmillan, 1991.
- BLANCHETTE, T. **Gringos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BRUNER, J. **Actual minds, possible words**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1986.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London; Exeter: Heinemann, 1979.
- CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1983.
- CORRAL, R. Q. Qué es la subjetividad?. **UAEM**, Redalyc. v.1, p.185-199, 2004.
- DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.
- GIOIA, D. A.; PITRE, E. Multiparadigm perspectives on theory building. **Academy of Management Review**, v. 15, n. 4, p. 584-602, 1990.
- DONALDSON, L. Paradigm incommensurability. *In*: _____. **In Defence of Organization Theory**: A Reply to the Critics. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.35-46.

ESPINEL, N. A. Criterios y Valores de la Cultura Anglo-Saxo-Americana y de la Cultura Latina: Sus implicaciones para la Psicología Teanscultural. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Colombia, v.14, n. 1. p. 63-79, 1982.

EXPERIÊNCIA. *In:* Aurélio B. de Holanda F. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

EXPERIENCIA. *In:* **ELE. Etimología de la Lengua Española**. Definiciones sobre el origen del léxico castellano o español. Disponível em: <https://etimologia.wordpress.com/2014/03/26/experiencia/>. Acesso em: 18 fev.2018.

EXPERIENCIA. *In:* **RAE. Real Academia Espanhola**. Asociación de Academias de la Lengua Española. Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=HlelZIn>. 2017. Acesso em: 18 fev. 2018.

FALCÃO, M.; CALDAS, M. Teoria Crítica e Pós-Modernismo: Principais Alternativas à Hegemonia Funcionalista. **RAE**, Brasil, v.46, n.1, 2006.

FOUCAULT, M. **Las palabras y las cosas**: Una arqueología de las ciencias humanas. México: Siglo XXI, 1968.

_____. **Esto no es una pipa**: ensayo sobre Magritte. Barcelona: Anagrama, 1981.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 13.ed. Rio de Janeiro: Gallimard, 1988.

_____. **Defender la sociedad**: Curso en el Collège de France (1975-1976). Argentina: Gallimard, 2001.

_____. **Estratégia, Poder - Saber**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A Arqueología do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

_____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b.

_____. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

_____. **Ética, Sexualidade, Política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Hermeutica del Sujeto**. Madrid: Endymión, 1987.

FREITAS, S. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanistas, 2006.

FREUD, A. **O ego e os mecanismos de defesa**. São Paulo: Artmed, 2006.

GIBBS, G. Análise de dados qualitativos. In: GUEST, G.; NAMEY, E. E.; MITCHELL, M. (Org.). **In: Collecting Qualitative Data: A Field Manual for Applied Research**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOI, C. K. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. *In*: SILVA A.; GODOI C.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOI, C.K.; MATTOS P. L. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. *In*: SILVA A.; GODOI C.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONZALES, F. R. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. *Diversitas: Perspectivas en Psicología*, v.4, n. 2, p.225-243, 2008.

GOOTENBERG, P. Desigualdades persistentes en América latina. Historia y cultura. 2004, *In*: SANDOVAL, P. (ed.) **Repensando la subalternidad**. Miradas críticas desde/sobre América Latina. 2.ed. Lima: Enviñon, 2010.

GUATTARI, F.; ROLNIK S. **Micropolítica, Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HASSARD, J. Multiple Paradigms and Organizational Analysis: A Case Study. **Organization Studies**, v.12, n.2, p.275- 299, 1991.

HASSARD, J. **Sociology and Organization Theory: Positivism, Paradigms e Postmodernity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI N. M. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. **Psico. Educ.** n.23, 2006.

IBÁÑEZ, T. **Municiones para disidentes**. Barcelona: Gedisa, 2001.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS L. W. Contribuições da historia oral á pesquisa organizacional. *In*: SILVA A.; GODOI C.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

JACKSON, N.; CARTER, P. In Defence of Paradigm Incommensurability. **Organization Studies**, v.12, n.1, p.109-127, 1991.

JACKSON, N.; CARTER, P. "Paradigms Wars": A Response to Hugh Willmott. **Organization Studies**, v.14, n.5, p.727-730, 1993.

KOURITZIN S. G. Bringing Life to Research: Life History Research and ESL. **TESL Canada Journal**, v. 17, n. 2, 2000.

KUHN, T. S. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Breviarios Fondo de Cultura Económica, 1971.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LEMKE, T. Critique and Experience in Foucault. **Theory, Culture & Society**, v. 28, n. 4, 2011.

LEWIS, M. W.; GRIMES, A. J. Metatriangulation: Building Theory from Multiple Paradigms. **Academy of Management Review**, v. 24, n. 4, p. 672-690, 1999.

LIPPMANN, F. **Public opinión**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.

LIPSKI, J. M. Too Close for Comfort? The Genesis of “Portuñol/Portunhol.” *In*: Hispanic Linguistics Symposium, 8., Somerville, 2006 **Anais Eletrônicos...** 2006.

LÓPEZ, M. O Conceito da experiência em Michel Foucault. **Revista Reflexão e Ação**, v. 2, n. 19, p. 42-55, 2011.

MACK, N.; WOODSONG K.; GUEST G.; NAMEY E. **Qualitative Reserch Methods: A data collector’s field guide**. USA: Family Health International, 2005.

MANSANO, S. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MANSANO, S. Clínica e potência: algumas considerações sobre a experiência dos encontros em Gilles Deleuze. **Mnemosine**, v.7, n.2, p.64–74, 2011.

MANSANO, S.; CARVALHO P. Políticas de subjetivação no trabalho: da sociedade disciplinar ao controle. **Psicologia em Estudo**, v.20, n.4, p.651–661, 2015.

MARCONI, M.; LAKATOS E. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MESQUITA, R. F.; MATOS, F. R. N. Pesquisa Qualitativa e Estudos Organizacionais: história, abordagens e perspectivas futuras. *In*: Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração, 4., Florianópolis, 2014. **Anais Eletrônicos [...]**, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTERO M.; LENA L.; SOSA J. La soledad como fenómeno psicológico: Un análisis conceptual. **Salud Mental**, v.24, n.1, fev. 2001.

MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. *In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. (Org). Teoria das organizações.* São Paulo: Atlas, 2007.

NICOLAZZI, F. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90**, v.11, n.19/20, p.101-138, 2004.

NUNES, L.; PAULA, L.; BERTOLASSI, T.; FARIA NETO, A.. A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas. **Revista Ciências Exatas**, v. 23, n. 1, p. 9-17, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PAES, A. P. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 1, 2016.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo: Universiade Freevale, 2013.

RUIZ D.; LÓPEZ E.; PÉREZ S.; OCHOA G. Reputación social y violencia relacional en adolescentes: el rol de la soledad, la autoestima y la satisfacción vital. **Psicothema, España**, v. 21, n. 4, p. 537-542, 2009.

SANT'ANA, R. A implicação do pesquisador na pesquisa interacionista na escola. **Psicologia em Revista, Belo Horizonte**, v. 16, n. 2, p. 370-387, 2010.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHERER, A. G.; STEINMANN, H. Some Remarks on the Problem of Incommensurability in Organization Studies. **Organization Studies**, v. 20, n. 3, p. 519-544, 1999.

SIERRA, F. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. *In: CÁCERES, L. J. G. (Coord.). Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación.* México: Prentice Hall, 1988.

STANGOR, C. The study of stereotyping, prejudice, and discrimination within social psychology: A quick history of theory and research. *In: NELSON, T. D. (Ed.), Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination.* New York: Psychology Press. 2009

STEWART, E. C. **American cultural patterns. A cross-cultural perspective.** Pittsburgh: Regional Council for International Education, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Secretaria de Relações Internacionais – PAEC-OEA**. 2019. Disponível em: <<http://internacional.ufes.br/pt-br/paec-oea>>. Acesso em: 02 de outubro de /2018.

APÊNDICE

Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista

1. Condições das experiências históricas que foram parte da constituição como sujeitos e suas verdades (contexto)
2. Experiência do sujeito (sujeito em movimento)
 - Produção de conhecimento
3. Esquemas que se encontram na cultura, na sociedade e no seu grupo social
4. O contato com o outro como meio de subjetivação do sujeito (relações interpessoais)
5. Relações de poder e resistência
 - Vantagens e desvantagens de ser estrangeiro no Brasil
 - Estruturas dominantes
6. Transformação do sujeito após experiência